

LAUREN GALLAGHER

na

linha
de
FOGO

cherish
BOOKS



LAUREN GALLAGHER

na
linha
de
F O G O

cherish
BOOKS

Título original: Razor Wire
Copyright © 2014 por Lauren Gallagher
Copyright da tradução © 2020 por Cherish Books Ltda
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.
Publicado mediante acordo com a autora.

Tradução: AJ Ventura
Revisão: Elimar Souza
Diagramação: AJ Ventura
Capa: Gisele Souza

Gallagher, Lauren

Na Linha de Fogo / Lauren Gallagher; tradução de AJ Ventura. Rio de Janeiro: Cherish Books, 2020.

Tradução de: Razor Wire

1. Suspense Romântico, 2. Gay, 3. Lésbico, 4. LGBTQI+. I. Ventura, AJ.
- II. Título.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Cherish Books
Rua Auristela, nº 244 - Santa Cruz
CEP: 23550-351 – Rio de Janeiro - RJ
E-mail: cherishbooksbr@gmail.com
<https://cherishbooksbr.wixsite.com/site>

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Sobre Na Linha de Fogo](#)

1. [Kim](#)
2. [Reese](#)
3. [Kim](#)
4. [Reese](#)
5. [Kim](#)
6. [Reese](#)
7. [Kim](#)
8. [Reese](#)
9. [Kim](#)
10. [Reese](#)
11. [Kim](#)
12. [Reese](#)
13. [Kim](#)
14. [Reese](#)
15. [Kim](#)
16. [Reese](#)
17. [Kim](#)
18. [Reese](#)
19. [Kim](#)
20. [Reese](#)
21. [Kim](#)
22. [Reese](#)
23. [Kim](#)
24. [Reese](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a Autora](#)

[Notas](#)

SOBRE NA LINHA DE FOGO



Vencedor do Prêmio EPIC 2016 — Suspense Romântico

Duas mulheres. Um crime terrível. Nenhum aliado.

Depois de ser estuprada por um oficial superior, a MA3 Kim Lockhoff quer deixar o passado para trás. Policial, ela sabe muito bem que é a sua palavra — e reputação — contra a de um respeitado oficial da Marinha.

MA2 Reese Marion, uma policial durona que esconde seu próprio trauma atrás de um exterior duro como rocha, não tem paciência para princesinhas que usam seu decote para ganhar favores dos homens. Mas quando Reese faz parceria com Kim, ela lentamente percebe que as aparências enganam. Kim é esperta, ambiciosa... e está com medo. O homem que a atacou não deixaria nada prejudicar sua carreira, muito menos Kim. . . ou o bebê que ela está carregando como resultado disso.

Isoladas em Okinawa, a milhares de quilômetros de distância de casa, as duas mulheres se apoiam fortemente. Mas quando Kim confia em Reese, ela involuntariamente coloca sua nova amante — e as carreiras das duas — na linha de fogo. Agora, o agressor pode ter a munição necessária para silenciá-la para sempre.

Para as meninas de azul.

CAPÍTULO 1

KIM



A porta se abriu, deixando uma rajada de vento tropical de Okinawa entrar no escritório climatizado da delegacia de segurança da Estação Naval de White Beach.

— MA3¹ Lockhoff.

A voz fez minha pele arrepiar. Cerrando os dentes contra uma repentina onda de náusea, ergui os olhos do diário de bordo que estava atualizando.

— Sim, senhor?

A porta se fechou atrás do tenente Stanton quando ele tirou o quepe branco de aba preta.

— Meu escritório. Agora.

Meu coração caiu direto até as minhas botas. Não ajudou que os outros três mestres de armas na sala parassem abruptamente de falar. Pensei ter ouvido as cabeças deles se virarem para mim.

Isso não diz respeito a nenhum de vocês, eu queria rosnar para eles. Em vez disso, engoli em seco e consegui dizer:

— Sim, senhor. Estou indo.

Sem uma palavra, ele passou pela mesa comum onde eu estava sentada. Olhei para a lata de lixo ao meu lado, me perguntando se deveria ceder à náusea agora ou esperar até que estivesse em seu escritório. Mesmo o pensamento de colocar meu almoço para fora sobre seus sapatos pretos brilhantes não aliviava a tensão no meu estômago.

— Que porra foi essa? — MA1 Gutiérrez latiu atrás de mim.

Fechei o diário e, em seguida, levantei-me, mas não consegui fazer contato visual com ele, então me ocupei em ajustar meu cinto policial volumoso, que ficava desconfortavelmente nos meus quadris e parte inferior das costas.

— Eu não sei.

Mentirosa. . .

— Você não sabe?

Eu não poderia continuar evitando o contato visual, a menos que quisesse ser advertida por insubordinação, então levantei meu olhar. Eu odiava o som manso da minha voz quando respondi:

— Não, MA1.

Ainda encostados na parede, os MA3 Keller e Barkley, trocaram palavras silenciosas. Então eles entraram no corredor que conectava o escritório compartilhado com o resto da delegacia.

Gutiérrez nem pareceu notar que eles se foram. Ele estava ocupado me encarando.

— O que diabos está acontecendo, MA3?

Eu engoli novamente. Ele não era o tipo de oficial menor que tolerava seus subordinados ignorando a cadeia de comando. Em parte porque tendia a se virar contra ele mesmo e em parte porque, bem, que LPO² não achava que tinha mais poder do que tinha? E, neste caso, o que ele pensava era que, eu estava passando por cima dele, do chefe e do chefe sênior, e indo direto ao oficial de segurança. Eu poderia muito bem ter mijado em seu café na frente de todo o comando.

— Eu não sei, MA1. — falei com os dentes cerrados para não vomitar. Ou para evitar gaguejar. — Ele não disse.

Você estava bem ali. Você o ouviu.

Por favor, não me faça explicar isso.

Por favor, MA1. . .

Os olhos de Gutiérrez se estreitaram.

— Então, o SECO está te chamando aleatoriamente para uma reunião individual?— Ele acenou com a mão em direção ao escritório de Stanton. — Para conversar sobre o clima? — O tom sarcástico e a menor elevação de sua sobrancelha fizeram meu sangue gelar.

Ele sabia? Se ele sabia, então quem mais. . .

Foi preciso toda a força de vontade possível para não olhar para a esquerda e garantir que a lata de lixo ainda estivesse ao meu alcance. Não havia sentido em quebrar o contato visual e me entregar.

Nesse momento, o telefone em cima da mesa tocou. Eu quase pulei. Gutiérrez revirou os olhos e gesticulou passando por mim.

— Atenda.

Não que eu gostasse de ser tratada como secretária — o que ficou claro que eu seria em uma semana por ser uma das três únicas mulheres do posto —, mas pelo menos me deu uma desculpa para me afastar.

E a lata de lixo ainda estava onde eu a deixei. Anotado.

— CFAO White Beach, MA3 Lockhoff falando. Como posso...

— *Meu escritório, MA3.* — A voz de Stanton era um rosnado baixo. — *Agora.*

— Sim senhor.

A linha ficou muda.

Desliguei o telefone e respirei fundo, dizendo a mim mesma que minha boca não estava realmente aguando. Eu realmente não ia vomitar e...

Atrás de mim, Gutiérrez suspirou impaciente.

E eu não consegui parar.

Caí de joelhos, peguei a lata de lixo com as duas mãos e vomitei nos papéis amassados e nas embalagens de sanduíche.

— Porra! — Gutiérrez deu um passo para trás quando vomitei novamente. — Que diabos?

Quando tive certeza de que nada mais aconteceria, tossi e cuspi no lixo.

— Me desculpe — eu resmunguei. Minha cabeça ainda estava girando, e agora meu rosto estava queimando também.

Uma das botas de Gutiérrez apareceu na minha visão periférica. Depois a outra. Fechei os olhos, preparando-me para vê-lo perder o controle.

O que eu não esperava era uma mão no meu ombro.

— Ei, Lockhoff.

Limpei minha garganta ardente e levantei a cabeça, piscando para que meus olhos recuperassem o foco.

Sua expressão mudou completamente. Toda a severidade se foi; seus olhos estavam arregalados e sua testa vincada. Eu não conseguia me lembrar de ter visto tanta preocupação em seu rosto antes, especialmente segundos depois de ele parecer pronto para dar uma palestra sobre motim.

Com uma voz gentil, ele perguntou:

— Você está bem?

Eu balancei a cabeça e sentei-me nos calcanhares.

— Sim. Eu deveria . . . — Fiz um gesto para a lata de lixo. — Merda. Eu preciso...

— Lockhoff. — Quando olhei para cima novamente, suas sobancelhas se juntaram. — Isso tem algo a ver com o motivo pelo qual Stanton quer vê-la?

Eu deixei meu rosto cair em minhas mãos e, assim como eu não consegui segurar a náusea um momento atrás, não havia como impedir as lágrimas. Vergonha. Medo. Nervosismo. Deus, eu não conseguia nem apontar o que era. Poderia ter sido a porra dos hormônios, mas caramba, eu não estava pronta para entregar nada a eles ainda.

— Ei. Calma. — Sua voz estava mais baixa agora, como se ele estivesse ajoelhado ao meu lado. Então o braço dele estava em volta dos meus ombros. — Acalme-se.

Eu juntei minhas coisas o mais rápido que pude e limpei meus olhos.

— Eu achei que ninguém sabia.

Gutiérrez suspirou.

— Rumores são o que são. Eles estão...

O telefone na mesa tocou novamente, me assustando tanto que eu teria caído se ele não tivesse me segurado na posição vertical.

— Merda — eu sussurrei. — É Stanton. Eu preciso . . . Eu tenho que . . .

— Apenas sente-se firme por um segundo. — Ele me guiou de volta para que eu ficasse sentada contra a mesa. Então ele me alcançou e tirou o telefone do gancho. — CFAO White Beach Security, MA1 Gutiérrez, como posso ajudá-lo, senhor ou senhora?

Eu não ouvi a voz de Stanton. Eu senti. Pareceu vibrar através do chão, do outro lado da mesa, descendo pelas paredes, direto

através da minha pele e até os ossos.

— Entendo, senhor — disse Gutiérrez. — Eu precisava que ela cuidasse de uma urgência... Entendido, senhor. Me desculpe, senhor. Sim senhor. Ela estará a caminho daqui a pouco, senhor. — O tenente Stanton rosnou alguma coisa e depois ficou em silêncio. Um segundo depois, Gutiérrez revirou os olhos e desligou o telefone. — Jesus.

Eu deixei minha cabeça cair contra a mesa.

— Estou tão fodida.

Ótima escolha de palavras, Kim. Muito fofo.

Gutiérrez tocou meu braço novamente.

— Você precisa que alguém vá lá com você?

Por favor. Por favor, não me obrigue a fazer isso sozinha.

Mas Stanton o expulsaria em um piscar de olhos, e eu não tinha coragem de explicar por que não conseguia enfrentar o tenente sozinha. Eu balancei a cabeça lentamente.

— Eu não. . . Eu tenho que falar com ele. — Meus olhos se voltaram para a lata de lixo. — Porra. Eu deveria...

— Eu vou cuidar disso. — Gutiérrez me ajudou a levantar. — Descanse um minuto, se precisar. — Ele passou por mim na direção geral do banheiro feminino do outro lado do corredor. — Eu vou resolver isso.

— Obrigada. — Eu forcei um sorriso. O dele não parecia muito mais genuíno.

Entrei no banheiro e joguei água no meu rosto. Meus olhos ainda estavam um pouco vermelhos e minha maquiagem estava borrada, mas não havia muito que eu pudesse fazer sobre isso, então endireitei meu uniforme e fui para o escritório de Stanton.

No caminho até lá, eu apertei minha mandíbula. Não havia muito no meu estômago, mas a náusea estava de volta com força total. Enquanto Stanton estivesse no prédio, minhas tripas estariam em nós. Tinham estado assim assim nas últimas duas semanas. Não era de admirar que os rumores estivessem voando. Uma corrida louca para o banheiro com a mão tampando a boca poderia ser atribuída a alguma comida mal aconselhada ou a se acostumar com a culinária de um país estrangeiro. Talvez um pouco de bebida na noite anterior. Os caras acreditariam, de qualquer maneira.

Um segundo sprint, especialmente se isso acontecesse antes do meio dia, não era tão fácil de explicar.

E quando uma pequena policial de terceira classe era chamada para o escritório do oficial de segurança *agora mesmo*, entre ataques de vômito incriminadores?

Sim. *Isso* não colocava gasolina no fogo.

Quando virei a esquina no fim do corredor, lutei contra as lágrimas e contra o mal-estar. Nesse momento, os nomes já estariam circulando. *Maria-farda. Prostituta de serviço em terra. Puta destruidora de lares.*

Parei na porta de Stanton e enxuguei os olhos. Nenhum deles fazia ideia. Nenhum deles. Nem Gutiérrez.

Eu respirei fundo outra vez. Arrumei meu cinto de policial novamente, apenas para ter algo para fazer. Puxei minha blusa azul. Fingi que não estava ficando visivelmente apertada em cima.

E bati.

Eu esperei um “Entre” mal-humorado.

Em vez disso, a porta se abriu e. . .

E eu estava cara a cara com ele.

Mas não o tenente Stanton.

Ah, claro, era o que o uniforme dizia. As barras e fitas, as insígnias douradas e o crachá lacado preto — para qualquer pessoa na base, ele era o tenente Stanton, oficial de segurança da Estação Naval em White Beach. O SECO, como todos o chamamos. O homem que respondia a ninguém, exceto o próprio CO.

Mas o cara me olhando de um metro e oitenta e dois com uma expressão esculpida em granito, era alguém que eu nunca havia visto antes. Ele não era o SECO, e ele não era o *me chame de Joel* com cheiro de bourbon que me meteu nessa confusão. Este homem era alguém completamente diferente, e ele me assustava muito.

Ele ficou de lado e apontou a cabeça em direção ao escritório.

Todos os meus instintos gritavam para que eu corresse desesperadamente, mas ele era um homem poderoso. Se eu fugisse agora, teria que voltar mais cedo ou mais tarde.

Não fuja da polícia, meu tio sempre brincou quando assistíamos SWAT anos atrás. *Você só vai para a cadeia cansada.*

Eu estava bem cansada. Porra, eu estava exausta.

Então eu não corri.

Abaixei o olhar e passei por ele entrando na pequena sala. O ar condicionado e as paredes de concreto mantinham o escritório frio o suficiente para me fazer desejar que minhas mangas não estivessem enroladas acima dos cotovelos. Arrepios percorreram meus braços nus, e o resto do meu uniforme — camuflagem azul do pescoço às botas — não fez nada para me aquecer.

Persianas cobriam parcialmente a janela do outro lado da sala, cada linha fina enfatizando que o paraíso tropical além estava fora do meu alcance. As palmeiras tremulavam ao vento e, do outro lado do estacionamento e do outro lado da rua, a água turquesa da Buckner Bay brilhava ao lado do píer de White Beach. Estava quente e úmido lá fora, e só de saber isso fiquei com ainda mais frio.

O barco de segurança do porto balançava nas ondas, e eu gostaria de ter estado com os caras fazendo o treinamento de hoje. A náusea não teria sido tão ruim. Eu ficaria com pernas excelentes e, de qualquer maneira, eu estaria lá fora, em vez de aqui.

Aqui com *ele*.

O homem que fazia o ácido picar no fundo da minha garganta enquanto passava silenciosamente por mim. Nós nos encaramos. Ele se inclinou contra sua mesa, nossos olhos quase nivelados agora quando sua postura o trouxe para a minha altura. Lentamente, ele cruzou os braços, e eu me perguntei se era deliberada, a maneira como ele colocou a mão esquerda em cima do braço direito para que sua aliança de casamento pegasse a luz.

Eu ajustei os ombros.

— Queria me ver, senhor?

Ele segurou meu olhar.

— Quando você ia me contar?

Não havia sentido em ser tímida. Eu respirei fundo.

— Eu não sei, senhor.

Um sorriso estranho apareceu em seus lábios.

— Você não precisa me chamar assim agora, Kim. Essa reunião não é oficial. É pessoal.

Aparentemente, havia algo no meu estômago, mas eu engoli bem a tempo de colocá-lo de volta onde pertencia. Deus, ele estava quase chegando ao *me chame de Joel* novamente.

O sorriso permaneceu enquanto ele se erguia a toda a sua altura. Ele veio em minha direção, mas quando alcançou meu braço, eu o afastei.

O sorriso desapareceu. Imediatamente. A parte do *Sr. Hyde* estava de volta, endurecendo suas feições e estreitando seus olhos.

— Kim, nós...

— MA3 Lockhoff, — eu bati. Eu estava tremendo de dentro para fora agora. — Senhor.

Seus lábios puxaram uma linha fina, e ele retirou a mão.

— Isso é sério. . . sua situação.

— Eu sei.

Nossos olhos travaram por um longo momento. Então ele voltou ao *Dr. Jekyll*, seu rosto relaxando um pouco. O sociopata se foi por enquanto.

— Eu teria gostado se pudéssemos cuidar do problema antes que as pessoas comesçassem a perceber, mas há...

— Cuidar do problema? — Eu olhei para ele.

Ele piscou.

— Não me diga que você estava planejando mantê-lo.

A verdade é que eu não tinha planejado muita coisa. Eu soube apenas nos últimos dias. Suspeito que no máximo dez. Estava terrivelmente assustada e profundamente em negação nas últimas sete semanas e meia. Não que eu estivesse contando.

Planejamento? Futuro? Nada disso havia se registrado ainda.

— Eu não vou abortar. — Eu odiava o quão tímida eu soava naquele momento.

— Você é idiota?

Bem-vindo de volta, Sr. Hyde.

Ele levantou as mãos.

— Kim, pense...

— Meu nome é MA3 Lockhoff. — Minha voz tentou quebrar, mas eu a mantive firme. Mais ou menos. — Senhor.

Ele me olhou friamente.

— Bem. MA3 Lockhoff. — Ele fechou a distância entre nós, ficando tão perto que poderia ter me tocado, mas não o fez. — Cuide disso.

E se eu não cuidar? Eu queria perguntar. O que você vai fazer? Mandar-me fazer um aborto?

Mas o medo manteve o ar em meus pulmões e as palavras entre meus dentes bem cerrados. Eu quebrei nosso concurso de encarar para piscar uma vez, duas vezes, novamente para impedi-lo de ver as lágrimas que ameaçavam surgir.

São apenas hormônios. Eu não tenho medo dele.

Eu não tenho medo dele.

Okay, certo.

Pouco a pouco, sua expressão se suavizou.

— Ninguém vai se importar. As meninas da Marinha fazem isso o tempo todo. — Ele levantou a mão e tocou minha bochecha. Eu queria afastar sua carícia quente e doentia, mas fiquei paralisada. — Os rumores se espalharão, mas quando o problema desaparecer, as pessoas esquecerão. Ninguém precisa saber os detalhes.

O ligeiro arco da sobancelha enfatizou a última parte, e algo tão sutil nunca foi tão ameaçador antes.

Ninguém saberá os detalhes, advertiram seus olhos. Saberá?

Eu engoli.

Não, senhor.

Porque vai ser resolvido, não é?

Sim, senhor.

— Quero que seja feito discretamente. De preferência fora da ilha. — Ele passou a mão na minha bochecha e depois na minha mandíbula. Enquanto descia, o toque lentamente se tornou um aperto, o polegar sobre a minha traquéia e os dedos longos na lateral e na parte de trás do meu pescoço. — Consiga uma licença o mais rápido possível. Tire uma semana. Duas, se precisar. Vou garantir que a licença seja aprovada. — Seu polegar correu para cima e para baixo na frente da minha garganta. — Existem vôos saindo de Kadena para o Havaí duas vezes por semana. Ou volte para os Estados Unidos. Eu não ligo. Apenas — outra desaceleração lenta — faça isso.

Limpei minha garganta, que pulsava contra seu polegar.

— Sim senhor.

Ele sorriu. Realmente sorriu. *Me chame de Joel* sorriu. Sua mão deixou meu pescoço e voltou para o meu rosto, e a outra pegou

minha outra bochecha.

— Siga meu conselho e tudo ficará bem, Kim. Não se preocupe com nada.

Ele se inclinou como se estivesse prestes a me beijar, mas eu o parei com a mão no peito e virei a cabeça. Eu podia sentir a raiva repentina em sua postura, então eu murmurei rapidamente:

— Eu. . . vomitei. Antes de entrar aqui.

Isso fez com que ele parasse. Ele decidiu beijar minha testa, o que era um pouco menos nauseante do que um beijo completo.

Então, graças a Deus, ele recuou.

— Espero que deixe o pedido na mesa do seu LPO logo de manhã.

— Sim, senhor.

CAPÍTULO 2

REESE



Entrei na delegacia e exalei quando o ar frio atingiu meu rosto. O ar-condicionado do meu carro-patrolha estava quebrado, então entrar neste lugar era um grande alívio. Mesmo que eu não sentisse vontade de lidar com qualquer besteira que meu chefe tivesse me chamado para patrulhar, isso me tirava do calor e da umidade por um tempo.

MA3 Weiss, meu parceiro, se abanou com o quepe.

— Cara, está muito quente lá fora, mas eu vou fumar.

— Vá em frente. Sairei assim que terminar o que o MA1 quiser.

— Boa sorte.

— Obrigada.

— Você foi rápida, MA2 — disse Alejandro, chamado de MA1 Gutiérrez por todos os outros, enquanto entrava na sala.

Dei de ombros e deixei cair meu quepe na mesa comum.

— Estávamos perto do portão. Não muito... — Parei quando notei a cesta de lixo em sua mão e o observei colocá-la no chão. — O chefe colocou você pra cuidar do lixo, chefe?

Ele sorriu, mas rapidamente o sorriso desapareceu. Ele aproximou a cesta de lixo da escrivaninha, como se a quisesse o mais longe possível de si.

— Escute. . . Eu preciso de um favor.

Oh, pelo amor de Deus. Outro? Fingindo infinita paciência, sorri.

— Do que você precisa?

Ele olhou por cima do ombro para a porta que dava para o corredor. Quando ele me encarou novamente, abaixou o queixo e a

voz e disse:

— É sobre a MA3 Lockhoff.

Esqueça fingir paciência. Eu gemi.

— O que foi agora?

Normalmente, ele teria rido. Ele sabia o quanto eu odiava ser a garota preferida quando outras mulheres no comando não conseguiam se entender nesse ambiente dominado por homens. Por alguma razão, ele esperava que eu fosse a mãe galinha de todos esses filhotes. Especificamente, a mãe que agarra garotas rebeldes pelos cabelos, mergulha o rosto em um belo balde de realidade e ensina a não retroceder a igualdade de gênero dez anos sempre que abrem a boca. Ou as pernas, por assim dizer.

Alejandro sempre achou divertido demais, me ver endireitar garotas que não tinham o que fazer na Marinha, ainda mais como policiais. Especialmente quando a garota em questão era uma idiota insípida como a MA3 Lockhoff. O tipo que usava seu lindo sorriso e seus peitos não tão pequenos para dobrar todos os homens da ilha com sua vontade fofa. A MA3 Lockhoff era um dos motivos pelos quais recebíamos e-mails antes de cada evento formal, lembrando às funcionárias que por favor não se vestissem como prostitutas dessa vez. Mulheres como ela me deixaram louca, e Alejandro vivia para vê-las fazer isso.

Hoje, porém, ele não estava brincando. A tensão em seu pescoço e entre as sobrancelhas não estava lá desta vez, e ele só apertava os lábios assim quando estava mortalmente sério.

Eu levantei a cabeça.

— O que está acontecendo?

Ele hesitou, depois fez um gesto para que eu o seguisse. Atravessamos o corredor em direção ao escritório que ele dividia com o MA1 Harris, que não estava lá, e fechou a porta.

— Alejandro, o que está havendo? — eu praticamente sussurrei, e não apenas porque não queria que ninguém nos ouvisse usar seu primeiro nome.

Ele apoiou o cotovelo na mão e roeu a unha do polegar.

— Você provavelmente já ouviu os rumores, certo?

— Quais? — Eu lutei para manter o sarcasmo longe da minha voz. Os rumores circulavam como loucos desde que ela se

registrou. Ela estava na unidade há seis meses, e eu tinha certeza de que ela tinha atravessado o quartel, alguns apartamentos fora da base e alojamento temporário nas bases de White Beach e Kadena, tranquilamente.

— Sim, bem... — Ele exalou com força. — Ontem, ela passou mal. E em uma reunião no outro dia.

E ele gesticulou de volta para o escritório que acabamos de sair hoje.

— Pasou mal? Tipo . . .

Ele assentiu.

Eu cobri meu rosto com uma mão.

— Oh, Cristo. Por favor, diga-me que ela simplesmente não consegue lidar com o calor.

— Receio que não.

— Porra.

— Fica melhor.

Eu olhei para ele através dos meus dedos.

Ele esfregou a parte de trás do pescoço.

— Você estava na aposentadoria do chefe sênior O'Leary?

Eu torci o nariz e deixei cair a mão.

— Infelizmente. Acho que nunca vou tirar o gosto da salada de batata da esposa dele da minha boca.

Sem humor. Nem a mais leve risada. Jesus. Que diabos estava acontecendo?

Alejandro engoliu em seco.

— Ela estava flertando. Com muitos caras.

— Isso é novidade — eu murmurei.

Nada ainda.

Alejandro abaixou o olhar, e sua voz era quase inaudível.

— Eu a vi sair com o tenente Stanton.

Meu coração parou.

— Oh meu Deus. Stanton? Mesmo? Ele não estava com a esposa naquela noite?

Ele balançou sua cabeça.

— Não dessa vez. Eu acho que ela estava fora da ilha. Ou alguma coisa. Eu não sei. Mas eu vi ele e a MA3 ficando um pouco, próximos, e os...

— E ninguém disse nada? — Eu bufei bruscamente. — Ele está quantos cargos acima dela?

— E eles são maiores de idade — Alejandro retrucou. — Lembre-se, todas as pessoas naquele churrasco queriam ser promovidas em algum momento. Você realmente acha que algum de nós ia ficar entre ele e a idiota do dia?

Eu não disse nada. Eu não teria feito o mesmo se os tivesse visto? Claro que teria. Se eu não fosse promovida nos próximos dois ciclos, minha carreira na Marinha terminaria, então entre dois adultos que consentiram — mesmo que estivessem bêbados, o que eu não tinha dúvida de que estavam — quando isso significava suicídio profissional? Sem chance.

— Então o que você quer que eu faça? — eu perguntei. — Isso foi há semanas.

— Sim. — Ele me olhou diretamente nos olhos. — Cerca de, oh, não faz oito semanas. — Ele apontou para a porta novamente. — E agora a MA3 está vomitando em todo o escritório.

As peças se juntaram na minha cabeça.

— Oh Deus. — Coloquei a mão na boca. — Oh meu Deus.

— Sim. — Ele passou os dedos pelos cabelos curtos. — Ela está no escritório dele agora. Ele a chamou logo antes de eu chamar você. E ele não está feliz.

— Eu imagino que não esteja. Sua esposa vai esfolá-lo vivo.

— Estou um pouco preocupado com ela, para ser sincero. Lockhoff, quero dizer.

Eu levantei uma sobrancelha.

— Por quê?

— Ela estava mal. — Ele fez uma careta. — Não só porque ela estava doente. Quero dizer, ela estava bem esta tarde até Stanton entrar na delegacia. Mais silenciosa que o normal, mas ótima. Então ele aparece, diz para ela entrar no escritório e, de repente, ela está tremendo como uma folha.

— Você não estaria? — Dei de ombros e cruzei os braços sobre a blusa. — Se eu tivesse que dizer a Stanton que estou esperando um filho dele, eu também estaria desesperada, e não apenas porque deixei que essa criatura metesse seu pau em mim.

Ele ainda não riu.

— Ouça, eu sei que estou sempre pedindo para você ajudar as novas garotas a acertarem as coisas, mas desta vez, acho que ela realmente precisa de alguém.

— Alejandro. . .

— Por favor. — Ele falou ainda mais suave agora. — Eu posso estar imaginando coisas, mas meu pressentimento é que ela realmente precisa de apoio agora.

Eu pressionei a ponta da minha língua no céu da boca, lutando contra o desejo de revirar os olhos novamente.

— Você quer que eu a apoie? Quando ela se meteu em uma situação estúpida assim? — Eu balancei minha cabeça. — Você sabe muito bem que sou capaz de dizer a ela como é e fazê-la chorar. Eu não posso nem aguentar as outras garotas usando a TPM para evitar o serviço. Você realmente acha que sou a melhor pessoa para isso?

— Não consigo pensar em mais ninguém, Reese — ele sussurrou. — Eu sei que você não tem paciência para garotas se metendo em situações de merda, mas você tem a cabeça no lugar e os pés no chão. Só. . . fale com ela. Veja se ela está bem e que ela saiba que você está lá, se ela precisar de você.

— E o que devo dizer se ela quiser minha simpatia por entrar nisso?

Alejandro deu um longo suspiro.

— Se eu soubesse, eu mesmo faria. No momento, é tudo o que posso fazer para não arrastá-la aqui e expulsá-la por ser estúpida o suficiente para ter um caso com um superior. Essa garota vai foder as duas carreiras, principalmente a de Stanton.

Eu franzi meus lábios. Alejandro gostava muito do tenente Stanton, muito mais do que eu, mas não estava prestes a entrar em outra discussão com ele sobre a falta de virtude do homem.

Mas concordamos que meninas como a MA3 Lockhoff faziam parte do motivo pelo qual as mulheres nas forças armadas ainda não recebiam o respeito que merecíamos.

Mas se Alejandro e eu concordamos com suas escolhas ou não, ela ainda era uma marinheira. Ela era tecnicamente minha marinheira, desde que eu estava diretamente acima dela. E posto de lado, ela era uma colega policial. Aliás, tão geograficamente

isolados quanto estávamos nesta ilha, as pessoas não tinham escolha a não ser confiar em seu comando de apoio, porque amigos, famílias e recursos civis estavam a um oceano de todos nós.

Eu não precisava concordar com o que ela fez, mas também não podia jogá-la para os lobos.

Xingando baixinho, esfreguei os olhos com o polegar e o indicador. Então eu larguei minha mão e olhei para ele.

— Você me deve muito por isso.

E finalmente — *finalmente* — ele sorriu.

— Obrigado.

— Eu preciso de um cigarro — murmurei.

Normalmente, isso teria provocado uma ironia. *Essas coisas vão te matar, você sabe* seria o comentário dele, mas ele já havia puxado uma lata de fumo do bolso de trás e provavelmente teria uma porção na boca antes de sairmos pela porta. Bastardo sortudo.

Saímos do escritório dele e voltamos para o escritório comum, mas antes que eu pudesse sair para fumar, alguém no corredor disse:

— Você está bem, MA3?

Alejandro e eu endurecemos e nos viramos um para o outro.

— Estou bem.

Mesmo daqui, Lockhoff parecia tudo, menos bem.

Alejandro olhou para mim, sobrancelhas erguidas em um tom tácito. *Por favor, não me deixe na mão.* Eu assenti levemente e ele relaxou um pouco.

Um segundo depois, ela entrou no escritório da frente.

E bom Deus, ela parecia destruída.

Seu uniforme estava alinhado, como sempre, e ela puxou seu cabelo quase preto para trás em um coque apertado, mas estava mais pálida do que qualquer pessoa em uma ilha tropical tinha o direito de estar. O delineador não estava tão perfeito e esfumaçado como costumava estar. Eu suspeitava que isso tinha algo a ver com a vermelhidão nos olhos dela.

Ela parou na porta, segurando o quepe nas duas mãos. Os olhos dela passaram de um lado para o outro entre mim e Alejandro.

— Como foi? — ele perguntou baixinho.

Ela olhou para mim novamente, estreitando os olhos como se dissesse: *Um pouco de privacidade, por favor?*

Com toda certeza.

Coloquei meu quepe e fui direto para a porta.

— Vou fumar.

Alejandro assentiu, mas não olhou para mim.

Quando saí, nunca fiquei tão agradecida por aquela onda de calor tropical. Em dez minutos, eu rezaria pela morte doce e procuraria por qualquer motivo para entrar em um prédio com ar-condicionado ou tirar essa blusa sufocante e o pesado cinto policial, mas por um momento eu me delicieei com isso.

Subi para a área de fumantes — um mirante a vinte metros da delegacia, com duas cadeiras e um cinzeiro de lata de café. Lá, acendi um cigarro e dei uma tragada profunda. Quando a nicotina penetrou na minha corrente sanguínea, um pouco do aperto em meus ombros diminuiu. Eu os rolei devagar e reproduzi minha conversa com Alejandro.

Eu amava o homem até a morte, mas me deixava irritada o jeito que ele acreditava que era eu quem deveria lidar com situações como essa. Se era porque ela era uma marinheira júnior e era minha responsabilidade, tudo bem. Mas ele e eu sabíamos que não era esse o caso. Alejandro não tinha me chamado quando um marinheiro idiota foi pego tendo um caso com a esposa do chefe Ellis ou no ano passado, quando o problema de bebida de um novato ficou fora de controle e quase causou um incidente internacional.

Mas quando uma mulher que me dá nos nervos desde o dia em que fez o check in decidia entrar em uma situação como essa? De repente, ele estava discando rapidamente para MA2 Marion, a encantadora de marinheiras. Como se meus seios e ovários me tornassem mais qualificada do que qualquer outra pessoa — incluindo seu chefe, droga— para dizer a Lockhoff que ela estava sendo estúpida.

Revirei os olhos e soltei um pouco de fumaça.

Verdade seja dita, eu esperava que Lockhoff não fosse esse tipo de garota. Fiquei desapontada quando percebi que ela era, bem, porque, na superfície, ela era muito o meu tipo. Ela tinha o corpo em

forma que os militares exigiam, mas também havia algo na maneira como ela se portava que fazia meu coração disparar. Queixo para cima, ombros para trás, olhando o mundo nos olhos. E nas poucas vezes em que a vi à paisana com maquiagem mínima e cabelos escuros soltos, ela estava. . . Merda, a quem eu estava enganando? Ela era deslumbrante.

Talvez fosse por isso que ela me irritava tanto. Ela era tudo o que eu queria fisicamente em uma mulher, e era tudo o mais que fazia meus dentes rangerem.

A porta se abriu alguns minutos depois, e Lockhoff saiu e se juntou a mim na área. Ela tirou seu policinto sem arma, sem spray de pimenta. Enquanto eu terminava meu cigarro, ela olhou para longe e acabou quebrando o silêncio.

— Escute, Gutiérrez quer que eu vá até Camp Courtney. Para o médico. Ele disse que você estava indo nessa direção. — Depois de um momento, ela encontrou meus olhos. — Importa-se de me dar uma carona?

Alejandro, seu bastardo. . .

Larguei meu cigarro e o esmaguei sob a ponta da bota.

— Certo. Vamos lá.

Enfieí minha cabeça para que Weiss soubesse que tinha de fazer uma missão para Gutiérrez, e então Lockhoff e eu atravessamos o estacionamento em direção ao meu carro de patrulha.

— O Ar condicionado não está funcionando. — Abaixei minha janela. — Desculpe.

— Funciona em algum veículo? — ela murmurou e rolou a dela também.

— Na verdade não. Apenas aquele que Stanton dirige por aí.

Eu não tinha certeza, mas achei que ela estremeceu.

Em silêncio, eu dirigi pelo portão e saí pela estrada principal. Pelo menos agora que estávamos fora da base, eu poderia dirigir mais rápido. Sessenta por hora não geravam muita brisa cruzada no carro, mas mais de noventa funcionavam e, depois de alguns minutos, o ar estava agradável e fresco.

Ao meu lado, Lockhoff olhou pela janela.

— Então... hum. — Eu limpei minha garganta. — Você está bem? Você parece um pouco. . .

Grávida do filho de Stanton? Sim, isso seria diplomático.

— Estou bem. — Ela não olhou para mim.

— Okay. Uh . . — Eu brincava à toa com a tampa descascada no volante. — Bem, Gutiérrez queria que eu a levasse ao médico. Você precisa que eu fique por perto para trazê-la de volta depois?

— Você não se importa?

— Apenas fazendo o que Gutiérrez pediu.

— Oh. Okay. Sim, eu preciso de uma carona de volta. Obrigada.

Ela ficou quieta por um momento, depois finalmente se virou para mim.

— Você se importa se eu perguntar uma coisa? Isso não deixa este carro?

Essa pergunta era perigosa quando vinha da mulher que carregava o filho de nosso superior casado, mas consegui soltar minha língua do céu da boca e dar um silencioso:

— Vá em frente.

Ela não disse uma palavra por quase um minuto inteiro, apenas olhou para a frente, uma mão no estômago logo acima do cinto de segurança. Gostaria de saber se ela não tinha me ouvido e ainda estava esperando permissão para perguntar, mas então ela disse:

— Qual é a confidencialidade de um relatório de agressão sexual?

Eu quase saí da estrada.

— O quê?

Lockhoff se contorceu no banco do passageiro.

— Se eu quisesse conversar. . . Se alguém quisesse conversar com o SARC, é confidencial? Ou há um relatório oficial?

Deseja conversar com o coordenador de resposta a agressões sexuais? Sobre . . .

Sério?

Eu vou sufocá-la. Tirá-la deste maldito carro, voar para o banco do passageiro e sufocá-la. Agressão sexual?

Oh inferno, não, querida. Metade do comando viu você sair com o tenente Stanton. De jeito nenhum eles teriam ficado parados e o deixariam arrastá-la contra sua vontade.

Segurando o volante com mais força, concentrei-me na estrada. Mulheres como ela não apenas nos davam uma reputação ruim. Eles eram a razão pela qual os ataques sexuais reais não eram levados a sério.

É agressão sexual quando você acorda sentindo gosto de sangue. Não quando ele não quer deixar a esposa e criar seu filho, sua putinha.

— Não tenho certeza. — Eu me forcei a falar uniformemente. — Eu nunca precisei. . . Eu nunca relatei um.

O silêncio caiu. Não sabia que ela estava me encarando até olhá-la novamente.

Seu tom era calmo quando ela finalmente falou.

— Você não acredita em mim.

Nem um pouco.

— Eu não sei os detalhes.

— Mas você já se decidiu, não é? — Ela manteve a voz baixa e calma, mas a menor vacilação me fez parar.

— Eu. . . — Eu não tinha uma resposta. De qualquer maneira, nenhuma que fosse aceita facilmente.

— Pare o carro.

— O quê?

— Simplesmente pare. Vou pegar um táxi para o médico.

— Eu não disse que não acreditava em você, MA3.

Mas você não sabe?

— Eu...

— Pare a porra do carro — ela sibilou.

O que mais eu poderia fazer?

Puxei o carro de patrulha até o meio-fio.

— MA3, ouça. Nós...

Mas ela se foi.

Porra. Gutiérrez teria minha cabeça em uma estaca se isso chegasse até ele.

E se ela realmente tivesse sido agredida, então. . .

Droga.

Ela estava certa: eu não acreditava nela.

Mas . . .

Eu não tinha nada para basear minha descrença, exceto a reputação dela, o que significaria adotar o lema nauseante de que alguns dos caras da minha última missão viviam: *você não pode estuprar quem consente*.

Mas como eu poderia presumir que ela estava disposta? Foder ansiosamente dez homens seguidos não significava que ela era obrigada a foder o décimo primeiro, ou que não seria estuprada se ele a fodesse de qualquer maneira.

E *jurei* que, não importava o quanto algumas das garotas bonitas me deixassem louca, levaria a sério todos os relatórios de agressão sexual. De qualquer mulher. De qualquer homem também. Qualquer policial que os atormentasse, eu os refutava tão depressa que suas cabeças giravam. Eu, de todas as pessoas, não tinha que duvidar de uma mulher que tinha coragem de denunciar um ataque. Especialmente contra um superior.

E agora . . . isto?

Minha boca ficou seca quando ela se afastou.

Todo policial precisava de um sexto sentido sobre essas coisas, e o de Alejandro era melhor do que qualquer outro que eu já conheci. Seu instinto havia lhe dito que essa situação estava errada o suficiente para justificar a designação de uma mulher para lhe oferecer algum apoio, então talvez ele tenha entendido algo que eu perdi.

Seja qual for o caso, que direito eu tinha de decidir se Lockhoff tinha ou não sido estuprada?

Não havia nenhuma razão legítima para ela sair sozinha no calor escaldante depois que Alejandro me encarregou de garantir que ela ficaria bem.

Jesus Cristo. O que eu acabei de fazer?

Eu rapidamente liguei o carro e me afastei do meio-fio. Ao me aproximar dela, diminuí a velocidade e chamei pela janela:

— MA3, espera.

Ela não parou.

— Por favor, entre no carro.

Ela girou nos calcanhares e me encarou, e eu pisei no freio. Ela se inclinou na janela aberta e olhou para mim.

— Por quê? Pra você poder...

Eu levantei minha mão.

— Ouça, me desculpe. Eu. . . Podemos sentar em algum lugar e conversar?

Os olhos dela se estreitaram.

— Por que você não puxa a classificação e me ordena?

Eu cerrei os dentes.

— Entre no carro, MA3.

Ela murmurou algo baixinho, provavelmente algo que representava uma insubordinação grosseira, mas eu deixei para lá. Eu mereci.

E pelo menos ela voltou para o carro.

CAPÍTULO 3



A MA2 Marion nos levou até Camp Courtney e entramos na pequena praça de alimentação perto do portão. Ela esperou na fila para pedir algumas garrafas de água do Burger King enquanto eu pegava uma mesa de canto.

Enquanto eu a observava, meu estômago ainda estava dando cambalhotas. Eu não confiava em ninguém nesse comando. Não deveria ter me surpreendido que eu não tivesse um aliado nele. Inferno, no primeiro momento em que pus os pés na delegacia, ela me olhou de cima a baixo, e ela não tinha virado a cabeça antes de revirar os olhos como quem diz *Oh Senhor, ela é uma daquelas*.

Eu queria gostar dela. Inferno, eu tinha uma queda por ela desde o início — escrota ou não, ela era *linda*. E mais do que isso, era uma policial séria e uma marinheira impecável. Exatamente o tipo de policial e marinheira que eu queria ser. Meu primeiro pensamento, depois de perceber como o uniforme dela se encaixava, era que eu a queria como mentora, mas ela obviamente não gostava de mim. Eu não tinha certeza se ela gostava de alguém, na verdade. MA1 Gutiérrez, talvez, uma vez que obviamente havia algo acontecendo entre eles. Fora ele, Marion praticamente se mantinha na sua e não falava a menos que falassem com ela.

Não me surpreendeu quando soube que ela esteve no Afeganistão e talvez no Iraque. Muitas pessoas voltavam das missões com uma aparência distinta. Como se parte deles ainda estivesse ali, e a parte que tinha voltado tivesse. . . esmaecido.

Mas pensei que, se houvesse alguém no comando para quem eu pudesse me abrir, seria ela. Ela era uma mulher, afinal. Toda mulher nas forças armadas sabia o risco que corríamos ao nos alistar. A outra mulher sob nosso comando trabalhava à noite, por isso nunca nos cruzamos, além de ela também mal sair do campo de treinamento. Ela quase não tinha experiência por ter acabado de sair da escola, sem se importar com algumas das realidades mais severas da vida militar — eu esperava, de qualquer maneira. Por ela mesma.

MA2 Marion já estava nisso há vários anos, e ela já esteve em algumas zonas de guerra, então tinha que saber com que frequência essa merda acontecia.

No entanto, seu primeiro instinto foi o ceticismo. Ceticismo hostil. Mesmo que ela não tivesse dito em voz alta, eu percebi logo pela maneira como sua mandíbula se apertou e seus olhos se estreitaram.

Desviei o olhar e olhei para a mesa, torcendo as mãos suadas. Eu não precisava perguntar o que estava passando pela mente dela. Ela e todo mundo nesta ilha pensavam o mesmo sobre garotas como eu. Foi por isso que nunca denunciei o ocorrido. Por que eu provavelmente não denunciaria. Por que eu estava desesperadamente procurando uma razão para evitar ir ao médico, como o MA1 Gutiérrez havia me ordenado.

Meu coração afundou e eu recuei contra a cadeira de metal frio. Eu não tinha muitas opções, tinha? E de qualquer maneira, mesmo que eu relatasse, eu ainda estava grávida. Por enquanto, pelo menos.

Apenas faça isso.

Eu estremeci.

— Você está bem?

A voz de Marion me assustou. Eu olhei para cima quando ela se juntou a mim na mesa com duas garrafas de água na mão.

— Estou bem. — Peguei uma das garrafas que ela havia oferecido. — Obrigada.

— Por nada. — Ela evitou meus olhos por um momento, depois limpou a garganta enquanto desenroscava a tampa da garrafa. — Olha, me desculpe. Eu não quis dizer...

— Se você não acredita em mim, não acredita em mim.

— Não é tão simples assim.

— Você não acreditou em mim no carro.

Os ombros da MA2 Marion caíram.

— Eu. . . olha, eu não estava esperando, só isso. Eu sinto muito.

Mordi meu lábio.

— A maioria das mulheres é considerada culpada quando são julgadas antes que se descubra o que diabos aconteceu.

— Você está absolutamente correta. E eu estou me sentindo culpada desde aquela hora. — Ela finalmente encontrou meus olhos, e sua expressão era a mais suave que eu já tinha visto. — Eu falei sério quando pedi desculpas, e falo sério quando digo que isso fica entre você e eu, juro. Apenas me diga o que aconteceu.

— Eu. . . — É claro que meu subconsciente escolheu aquele momento para entrar e me lembrar do reluzente escudo de ouro em seu uniforme. Meu olhar mudou para o distintivo e meu coração caiu.

Qualquer outra pessoa nesta ilha poderia me ouvir em confiança.

Mas ela não. Não alguém com a obrigação legal de reportar.

Eu exalei.

— Não pode ficar entre nós. Você é policial. Eu sou policial. Se eu lhe disser que algo aconteceu, você deverá denunciar.

Marion engoliu em seco.

— Só que você já basicamente me disse que *algo* aconteceu.

— Mas eu não disse o quê.

Ela segurou meu olhar. Sim, ela sabia. Claro que sim. Mas intuição feminina não era evidência.

Marion xingou e recostou-se.

— Porra . . .

Brinquei com a tampa da minha garrafa de água. Mesmo que seu primeiro instinto tenha sido não acreditar em mim, e mesmo que ela fosse obrigada a reportar, com quem mais eu *poderia* falar? Claro, eu poderia dizer a ela e pedir que ficasse quieta, mas, se viesse à tona depois que ela sabia, ela estaria ferrada.

Ela tamborilou com os dedos ao lado da garrafa de água.

— Você quer que eu te leve para ver o SARC?

Eu balancei a cabeça.

— Eu não sei. Eu estou . . . meio que não tenho certeza em quem posso confiar. — Eu arqueei uma sobrancelha. — Parece que muitas pessoas não me levam a sério. — Eu exalei e rolei um pouco de tensão dos meus ombros. — Quero dizer, o que devo fazer? Não sei se posso falar com o SARC.

— Esse é o trabalho dele. Se você não pode confiar no SARC, então. . . — Ela suspirou e baixou o olhar. — Entendi. Comandos como esse são tão incestuosos, é difícil saber em quem confiar. — Por entre os dentes, ela acrescentou — Supondo que haja alguém em quem você *possa* confiar.

Engoli em seco, sem saber se fiquei aliviada por ela não achar que eu era louca ou se queria chorar porque ela confirmou um dos meus maiores medos. Provavelmente um pouco de ambos.

Tomei uma bebida apenas para molhar minha boca.

— Não sei se vou denunciar algo ou não. Eu. . . eu preciso pensar sobre isso.

— MA3, se ele. . . — Ela mordeu o lábio. — Se algo aconteceu, você precisa denunciar ou nada pode ser feito.

— E o que você acha que *pode* ser feito? — Eu estreitei meus olhos. — Você realmente acha que um Cabo que todo o comando acha que é uma vagabunda vai convencer alguém de alguma coisa?

Ela baixou o olhar e meu estômago se torceu em nós. Nada como ter mais dos meus piores medos — e as ameaças daquele idiota — confirmados. Por outra mulher, ainda por cima.

— Você ainda precisa ir ao médico. — Ela continuou evitando meus olhos. — Para que eles possam confirmar, hum. . . Bem, para que eles possam te colocar pra fazer serviços leves, pelo menos.

Eu me encolhi. Então ela sabia também. Eu supunha que a maioria das pessoas já sabia, especialmente policiais treinados para serem observadores. Mudar-me para o trabalho leve não ajudaria com os rumores. Mas é claro que, a menos que eu fizesse o que Stanton havia ordenado, eu não seria capaz de esconder isso por muito mais tempo. Mais cedo ou mais tarde, eu teria que ceder e trocar para um uniforme de maternidade, mas não estava pronta para anunciar nada ao universo. Especialmente para todos os idiotas que estavam apostando em quem me engravidaria primeiro.

Observando Marion se mexer desconfortavelmente, eu me perguntava se ela havia ganhado ou perdido dinheiro naquele bolão.

Ela se endireitou e cruzou os braços sobre a mesa.

— Ouça, vamos levá-la ao médico. Vamos nos certificar de que seja cuidada. — Ela encontrou meus olhos. — Se você decidir fazer uma declaração ou precisar de alguém para ir ao SARC com você, me avise.

Eu assenti.

— Se eu for ao médico, eles automaticamente vão me colocar em serviço leve, não é?

— Provavelmente, sim.

— Merda.

Marion franziu a testa.

— Por quê?

— Para onde eles enviam a maioria dos MAs em serviço leve? Tramitação e Identificação, treinamento ou despacho. — Engoli em seco para manter o que restava no meu estômago, onde ele pertencia. — Treinamento ou despacho significa trabalhar no mesmo prédio que Stanton.

— Oh. Merda. — Ela fez uma careta. — Bem, tenho certeza que Gutiérrez poderia mexer uns pauzinhos.

— E se ele não puder?

Ela quebrou o contato visual e balançou a cabeça lentamente.

— Eu não sei.

— Talvez eu deva esperar. — Eu respirei fundo. — Pelo menos pensar um pouco mais.

Ela encontrou meu olhar novamente.

— Por favor — eu sussurrei, amaldiçoando o som desesperado da minha própria voz. — Não estou pronta para ficar presa no mesmo prédio que ele. E meu turno está quase acabando hoje de qualquer maneira. Não é como se eu fosse atender chamadas.

— Mas amanhã. . .

— Eu vou decidir. Só. . . agora não.

— Mas você está. . . — Ela segurou meu olhar e depois suspirou. — OK. A decisão é sua. Mas quando estiver pronta, me avise.

— Eu aviso. Obrigada.

- E. . . — Ela mordeu o lábio, baixando o olhar por um segundo.
- Eu sinto muito. Por não . . .
Eu tampei minha garrafa de água.
- Não se preocupe. Nós. . . — Olhei para o relógio na parede.
- Devemos voltar para White Beach, já que não vamos ao médico.
Ela assentiu.
- OK. Vamos lá.



— Lockhoff. — Barkley apontou por cima do ombro a caminho do escritório da frente na manhã seguinte. — Stanton quer vê-la.

Estremeci com força, meus dedos enrolando dentro das minhas botas. Fazia menos de 24 horas desde a última vez que entrei no escritório de Stanton. Meu estômago e eu não estávamos nem perto de estarmos prontos para outro encontro cara a cara com ele, mas quanto mais cedo terminasse, mais cedo eu poderia vomitar em paz.

— Obrigada. — Fechei o diário e me levantei da mesa. Não havia sentido em tentar me preparar, porque não havia nenhuma preparação para enfrentar aquele bastardo. Depois de ter certeza de que meu café da manhã ficaria no estômago por tempo suficiente para eu chegar ao final do corredor, fui direto para o escritório e bati na porta.

Ele não me cumprimentou na porta desta vez, e a frase “está aberta” fez meu estômago revirar. Respirei fundo e entrei.

Ele não olhou para cima.

— Feche a porta.

Eu hesitei. A privacidade era uma coisa boa, mas não tinha certeza de como me sentia confinada em um cômodo com ele novamente. O sangue pulsou nos meus ouvidos quando fechei a porta.

Fiquei parada entre a mesa e a porta, sem muita atenção ou descanso, mas ainda rígida e reta com as mãos atrás das costas. Por um longo e irritante momento, Stanton nem sequer olhou para mim. Ele continuou o que estava fazendo, examinando alguns formulários e papéis, assinando algumas coisas e embaralhando-as como se fossemos tratar de negócios, como sempre.

Eu me forcei a manter meu rosto o mais neutro possível. Qualquer que fosse o jogo — *você está mais baixo na minha lista de prioridades do que essa papelada. Tudo o que fazemos é por minha vontade. Sua presença não mexe comigo como eu sei que a minha mexe com você* — eu não ia participar. Em vez disso, concentrei-me em não trancar os joelhos e não vomitar na papelada.

Finalmente, ele fechou a pasta do arquivo. No que parecia ser uma câmera deliberadamente lenta, ele tampou a caneta e a colocou no copo de latão em sua mesa. Então, e só então, ele ergueu o olhar.

O relógio acima da porta atrás de mim marcava o tempo com cliques baixos que pareciam ecoar no escritório silencioso. Ele olhou para mim. Eu olhei para ele. Ele estava tentando me intimidar? Me foder?

Que pena, imbecil.

Em vez de tentar adivinhar o próximo passo, procurei em seu rosto algum pedaço do homem que me encantou para sair daquela festa e ir para o carro dele. Em nenhum lugar desses traços pedregosos vi *me chame de Joel* dessa vez. Eu já vi cintilações deste lado dele antes. Naquela noite, a luz forte dos postes de rua tornou as sombras mais profundas, aguçou todos os ângulos e escureceu os olhos. Eu não conseguia identificar exatamente como a expressão dele havia mudado, só que houve um momento em que eu estava olhando para ele, e entre seu aperto feroz nos meus braços e aquele olhar, a mensagem veio alta e clara:

Vai acontecer. O único controle que você vai ter agora é o quanto vai doer.

Mesmo agora, na luz fluorescente mais suave, seu rosto era suficiente para me fazer querer recuar.

Engoli em seco, forçando o conteúdo do meu estômago a ficar onde estava, e depois limpei a garganta.

— Queria me ver, senhor?

Stanton sorriu levemente, e a ameaça não dita ainda permanecia em seus olhos. Lentamente, ele se levantou. Quando ele deu a volta na mesa, fiquei tentada a correr para a porta, mas plantei os pés. Ele não ia me machucar. Não aqui. Havia pessoas por perto. Um grito, e este escritório estaria cheio de policiais. E nós dois sabíamos que fui treinada para usar o Taser, o spray de pimenta, o cassetete e a nove milímetros no meu cinto.

Não, eu não tinha medo dele.

De modo nenhum.

Stanton parou diretamente na minha frente, então estávamos frente a frente. O sorriso se foi e ele levantou o queixo enquanto olhava para mim.

Engoli em seco e consegui repetir:

— Queria me ver, senhor?

— Eu não recebi um pedido de licença. — Ele cruzou os braços sobre o peito, fitas e insígnias triturando silenciosamente embaixo deles. — E não me diga que está na mesa do MA1 Gutiérrez ou que o Chefe Wolcott está com ela. Eu já verifiquei.

Meu sangue ficou frio. Ele checou com eles? Quanto eles sabiam? Além do fato de que de repente ele se interessou pela licença de uma oficial de terceira classe?

Eu respirei fundo.

— Eu não entrei com o pedido, senhor.

— Por que não?

— Porque ainda não sei o que vou fazer.

— Você não... — Os olhos dele se estreitaram, e o gelo se formou ao longo das minhas veias enquanto ele rosnava — Como assim, você não sabe? Faça *isso*, MA3.

— Com todo o respeito — assobie —, essa não é sua decisão.
— Cerrei os dentes — Senhor.

Ele se inclinou para mais perto, seu rosto a poucos centímetros do meu.

— Pelo contrário, MA3. Estou nessa situação tanto quanto...

— Você escolheu nos colocar nessa situação.

As sobrancelhas dele saltaram.

— É preciso de dois para dançar tango, minha querida.

— Você me *estuprou*. — Fiquei genuinamente atordoada quando o chão não caiu debaixo de nós depois que as palavras saíram. Depois eu o olhei diretamente nos olhos e falei. Mas isso não aconteceu, e nós ainda estávamos lá, e a raiva queimando em seus olhos estava rapidamente me reduzindo à garota que se deixava foder no banco do passageiro do carro dele. Não havia uma arma no meu cinto que pudesse me proteger de sua fúria.

— Estuprei você? — ele rosnou. — O cacete que eu fiz isso. Nós dois sabemos que você queria tanto quanto...

— Queria o cacete.

Ele riu secamente.

— Você acha que vai convencer um júri? Porque posso trazer uma dúzia de testemunhas de caráter que testemunharão que tipo de mulher você é, MA3, e o quanto você bebeu naquela noite. — Ele segurou meu queixo, forçando-me a olhá-lo nos olhos. — E, caso você tenha alguma ideia sobre apresentar queixa como uma idiota, prometo que, quando for considerado inocente, o que serei, espero poder ver meu filho.

— O quê? — Eu consegui uma risada sem humor, porque era isso ou um soluço aterrorizado. — Num segundo você quer que eu aborte esse bebê. No outro você quer visitaçãõ?

— Não, eu não quero visitaçãõ. Não quero nada com essa criança, porque quero que você faça o certo e se livre dela. Mas se você for idiota, deixe-me explicar para você. — Ele pairou sobre mim. — Se não fizer o aborto e apresentar queixa contra mim, estará admitindo que sou o pai do seu filho.

Engoli em seco e tirei meu queixo da mão dele.

Ele se aproximou, me empurrando contra a porta com sua presença absoluta.

— Se eu sou pai, tenho direitos paternos. E *prometo* que, se você tentar destruir minha vida e carreira com esse garoto e essa besteira de “estupro”, exercitarei todos esses direitos.

Eu apenas olhei para ele. Não conseguia falar. Não conseguia respirar.

— Se você tentar fazer esse truque, a única coisa de que vai se arrepender mais do que ter essa criança é me acusar de estuprar você. — Ele se inclinou, sua respiração quente no meu rosto. —

Então eu sugiro que você deixe pra lá, tire sua bunda desta ilha e entre em uma clínica.

— Você e eu... — Minha voz falhou e tossei antes de continuar. — Você e eu sabemos o que foi naquela noite. O SARC acreditará.

— O SARC? — Ele sorriu. — Você quer dizer Bill Jackson? Com quem minha esposa e eu jantamos na outra noite e jogamos golfe no fim de semana passado?

Meu coração caiu.

— Isso mesmo, MA3. E você pode estar interessada em saber sobre a conversa que tivemos no campo. — Sua expressão endureceu. — Parece que acusações falsas de agressão sexual podem influenciar a carreira de uma jovem.

O espaço entre nós diminuiu para quase nada, e eu me pressionei contra a porta o mais forte que pude quando ele falou por entre os dentes.

— Bill acredita muito em processos por agressões sexuais. Ele os leva *muito* a sério. — Stanton colocou uma mão pesada no meu ombro. — E ele também acredita que acusações falsas são...

— Não é uma acusação falsa e você sabe disso.

Seus olhos se estreitaram e sua mão estava de alguma forma ainda mais pesada.

— Só porque você se arrepende após o fato de eu ter te engravidado não significa que foi agressão.

Eu ri amargamente e afastei a mão dele, embora a porta atrás das minhas costas me impedisse de escapar completamente.

— Você sabe o que aconteceu.

— E você também. Agora temos um entendimento?

Eu não respondi. Não pude. Recusei-me a acreditar que ele tinha me apoiado contra uma parede metafórica, bem como uma física.

— Temos um entendimento, MA3?

Eu cerrei os dentes.

— Sim senhor.

— Bom. — Ele deu um passo para trás, o que me permitiu liberar o fôlego. — Espero sua licença antes do final do dia. E se você o fizer na ilha, use pelo menos um pouco de bom senso e faça-o fora da base. Portanto, não haverá registro nem dúvida.

— Eu não posso. . . — Eu fiquei mais reta. — Eu não posso pagar por algo assim.

— Achei que você não podia. Mais uma razão para fazê-lo, estou certo, MA3? — Ele zombou. — Se você não pode se livrar dele, também não pode mantê-lo. — Ele se virou e pegou algo de sua mesa. Ele empurrou para mim, e eu peguei sem pensar. Assim que estava na minha mão, eu sabia exatamente o que era pelo peso e espessura — um envelope cheio de dinheiro. — Isso vai cobrir.

— Você sabe quanto custa um aborto fora da base?

Stanton olhou para mim e eu me encolhi, mãos fantasmas segurando meus braços mais uma vez.

— Faça isso, MA3.

Apertei o envelope.

— Sim senhor.

— Dispensada.

Saí do escritório dele e corri direto para o banheiro feminino.

No reservado, quando nada mais saiu, sentei-me nos calcanhares e limpei a boca com uma mão trêmula. O que diabos eu deveria fazer agora? Ceder e seguir em frente? Enfrentá-lo e arriscar que ele exercesse seus direitos parentais?

Além disso, pela milionésima vez desde a aposentadoria do chefe sênior O'Leary, a mesma pergunta passou pela minha cabeça:

Ele me *estuprou*?

Eu queria acreditar que não, porque eu não queria acreditar que isso poderia acontecer comigo. Era algo que acontecia nas histórias de treinamento em resposta a agressões sexuais. Acontecia com pessoas em outros lugares. A milhões de milhas de distância. Não comigo. Não uma policial. Não aconteceu. Não pode ter acontecido!

Mas eu disse que não, e o sexo aconteceu de qualquer maneira.

Inúmeras horas de treinamento policial ecoaram em minha mente. Todas essas frases de efeito — *Não é não. O estupro não precisa ser violento. A coerção conta* — não significavam nada enquanto eu estava sentada no chão sujo do banheiro, com o bebê de um homem com quem nunca dormi voluntariamente.

E que diabos isso importa afinal? Ele era amigo de todos em nossa cadeia de comando incestuosa. Incluindo o Coordenador de Resposta a Agressão Sexual, que não tolera meninas fazendo

acusações falsas de estupro. Não importa o que realmente tivesse acontecido, o fato permanecia: era a minha palavra contra a de Stanton, e a palavra de uma garota com uma reputação ruim e apenas uma divisa no colarinho não exercia muito peso sobre a de um respeitado oficial.

Fechei os olhos, meu coração afundou quando meu estômago ameaçou revirar. Meus olhos ardiam, e eu disse a mim mesma que era de vomitar ou dos hormônios ou de qualquer coisa além da percepção de que eu não tinha opções aqui. Não havia escolha a não ser me afastar da situação tanto quanto pudesse e seguir em frente.

Eu me forcei a ficar de pé, dei descarga e fui para a pia. Eu lavei a boca e limpei o rosto, limpando as manchas lamacentas de rímel e delineador, para ficar pelo menos um pouco apresentável.

Mãos nas bordas da pia, encontrei meu próprio olhar no espelho.

Eu sei a verdade. Mesmo que ele nunca admita, ele ainda tem que dormir à noite.

Eu sei o que aconteceu, mas tenho que me cuidar.

Mesmo que isso signifique que ele se livre sem pagar por isso.

Meus olhos ameaçaram lacrimejar novamente, e eu os enxuguei com uma toalha de papel. Então, respirei fundo algumas vezes, lentamente e me ordenei a passar por isso. Talvez Stanton se desse bem com o que ele fazia, e caberia ao carma servir a qualquer justiça, mas ele não iria me derrotar. Isso não me destruiria.

Depois de ter certeza de que minha compostura não iria desmoronar, saí do banheiro feminino e segui pelo corredor até o escritório do MA1 Gutiérrez.

Sua porta estava aberta, então eu bati com os nós dos dedos no batente.

— MA1?

Ele ergueu os olhos da papelada e sua expressão permaneceu neutra quando ele pousou a caneta e cruzou as mãos.

— O que posso fazer por você, MA3?

— Eu. . . — Entrei em seu escritório e fechei a porta atrás de mim. — Eu preciso pedir uma licença. Se eu fizer isso hoje, minha licença pode começar amanhã?

— É uma emergência?

Sim. Puta merda, sim.

— Não. Mas eu. . . É uma questão pessoal. Com todo o respeito, é algo que preciso resolver e prefiro não comentar.

As sobrancelhas dele se ergueram. Eu esperava que ele mencionasse que eles tinham pouco pessoal, que era difícil realocar o pessoal agora, mas ele apenas disse:

— Você tem todas as informações? Vãos? Hotel?

— Vou pegar um voo especial. Para o Havaí. Eu. . . ainda não reservei hotel.

— Precisa estar no pedido.

— Eu sei. — Fechei os olhos com ele e engoli em seco. — Eu vou . . . Vou resolver todos os detalhes.

— De quanto tempo precisa?

— Provavelmente dez dias.

Ele estalou os dedos.

— Entregue-me na próxima hora e garantiremos que seja assinado até o fim do dia. — Enquanto ele falava, alguma tensão derreteu de seus ombros. Ele pareceu se impedir de respirar aliviado, mas tive a sensação de que isso aconteceria assim que eu deixasse o escritório.

Obrigada, MA1. É bom saber de que lado você está nisso.

CAPÍTULO 4

REESE



Oh, Cristo. O que foi agora?

No banco do passageiro do carro-patrolha, olhei para o meu celular silencioso.

— O que foi? — Weiss perguntou.

— Era o Gutiérrez. Ele quer que eu volte.

— Já? — Ele bufou bruscamente. — Ainda não fizemos nossas rondas.

— Deve ser algo importante. — Bebi minha água para umedecer minha boca repentinamente seca. — Apenas me leve de volta. Seja o que for, provavelmente não demorará muito.

— Isso significa que ficarei preso na expedição enquanto você estiver executando tarefas novamente?

— Espero que não.

Enquanto ele virou o carro, enfiei meu telefone no bolso e peguei meus cigarros e isqueiro.

— Quer um?

— Acabei de fumar um. Você também.

Eu coloquei um cigarro entre os meus lábios.

— Você que sabe.

No tempo que ele levou para nos levar de Camp Shields, onde fomos designados para o dia, de volta a White Beach, fumei mais dois cigarros. Quando ele parou na frente da delegacia, eu estava pensando seriamente em um terceiro. A única coisa que me impediu foi o fato de eu já estar fumando dois maços e meio por dia, e me recusava a chegar a três.

Entramos e Weiss desapareceu no corredor, provavelmente para que pudesse encher o saco de quem estava trabalhando na expedição.

A porta do Alejandro estava aberta, então eu entrei direto no escritório dele.

— Você queria me ver?

— Sim. — Ele ficou de pé quando eu fechei a porta. — O que Lockhoff disse ontem?

— Nada ainda.

— Nada mesmo?

Eu balancei minha cabeça.

Não me faça trair a confiança dela, Alejandro. Eu já estou no gelo fino com ela.

— Mas ela foi ao médico?

— Hum. . .

A sobancelha dele arqueou.

— Eu pensei que vocês tinham...

— Ela optou por não ir.

— O quê? Por quê?

Eu olhei para ele.

— Você sabe que eu não poderia divulgar nada médico, mesmo que quisesse.

A menos que um crime tivesse sido cometido. O que aconteceu, mas eu não “sei” disso.

— Eu sei. Eu sei. — Ele passou a mão pelo cabelo curto. — Estou apenas preocupado com ela. — Ele fez uma pausa. — Reese, não estou pedindo para você me contar o que ela disse ou o que ela pode ter dito à médica, mas. . . na sua opinião, o que aconteceu entre ela e Stanton?

Eu não desviei o olhar, mas também não respondi.

Ele suspirou.

— Estou apenas tentando entender a situação aqui. Me dê algo para que eu saiba o que fazer.

Abri a boca para falar, mas hesitei antes de sugerir que ele colocasse Kim em serviço leve. Isso geralmente significava trabalhar em expedição, que ficava no final do corredor do escritório de Stanton. Embora não houvesse negócios em patrulha agora,

especialmente nesse calor, colocá-la em expedição estaria além dos limites.

— Por favor. — Sua voz era suave, quase suplicante. — Apenas me ajude aqui.

— Não acho que ela e Stanton devam trabalhar no mesmo prédio. — Eu limpei minha garganta. — Talvez ela devesse sair em patrulha comigo.

Alejandro inclinou a cabeça.

— Por quê?

— Porque então ela estará longe dele. — Engoli. — E podemos trabalhar no serviço de trânsito na habitação em Camp Shields. Algo fácil.

Os olhos dele se estreitaram um pouco.

— Você odeia serviço de trânsito.

— Claro que odeio. Mas não acho que... — mordi o lábio.

— Nada sai deste escritório, Reese. Apenas diga.

Eu engoli.

— Não acho que ela deva estar como uma sentinela do portão por causa do calor, e não acho que ela deva estar respondendo aos serviços domésticos por causa do risco.

— Por causa do. . . — Alejandro me estudou por um momento, depois exalou. — Idiota do caralho. Droga. Eu realmente esperava estar errado.

— Você realmente pensou que estava?

— Não. Mas a esperança é a última que morre. — Ele passou a mão pelo rosto. — E Stanton? Jesus. Eu sei que ela é jovem, mas você acha que qualquer mulher que leve a sério sua carreira evitaria foder com seu superior.

Em circunstâncias normais, eu teria concordado com ele, mas teria apontado a raça específica de marinheira que calculadamente dormia com superiores em troca de elogios e promoções. Sem mencionar as meninas que se juntavam à Marinha e se aproveitavam alegremente da enorme desproporção entre homens e mulheres em todos os comandos. De fato, até ontem, eu estava inclinada a colocar Lockhoff na última categoria. Agora...

— Então o que você vai fazer? — eu perguntei.

— Não muito, neste momento. Ela vai. . . — Ele pegou um formulário de licença de sua mesa. — Ela pediu licença. Disse que ficará fora da ilha por um tempo.

Minha boca ficou seca.

— Quando?

— Amanhã. A licença dela começa hoje no final do turno. — Ele suspirou, olhando para o papel em sua mão. — Talvez algum tempo seja bom para ela. Dê a ela a chance de ajeitar a cabeça.

— Sim. Talvez.

Alejandro colocou o papel de lado e tocou meu braço.

— Você está bem?

— Estou bem. — Eu evitei os olhos dele. — Só não gosto de me envolver nesse tipo de coisa. — As palavras não ditas tinham um sabor ácido, e eu tinha que manter o pouco que sabia em segredo por enquanto. — Parece apenas algo que deveria ficar entre eles.

Ele riu amargamente.

— Sim, bem. Se isso acontecer, será entre eles, a esposa e toda a cadeia de comando.

E, se a verdade vier à tona, alguns advogados da JAG e um juiz.

— Bem — eu umedeci meus lábios. —, acho que esperamos que ela volte da licença e faça um novo começo.

Ele assentiu.

— Esperemos que sim.



Eu não conseguia tirar Lockhoff ou sua situação da minha cabeça. Minha consciência culpada mordeu cada vez mais fundo toda vez que repassava nossa conversa. Ela deve me odiar depois disso.

Droga. Eu precisava consertar as coisas com ela. E que ela soubesse que não estava sozinha, algo que eu mataria para ter tido

em um passado não muito distante.

Alcançar Lockhoff foi um desafio. Hoje, ela estava em patrulha em Camp Shields, a cerca de 45 minutos de distância, perto da Base Aérea de Kadena. Pelo menos, se ela estivesse vigiando algum lugar ou postada em um dos portões, eu poderia ir até lá para conversar com ela. O serviço de patrulha fazia dela um alvo em movimento.

No final do turno, inventei uma desculpa idiota para voltar à delegacia. Pelo menos Weiss estava acostumado com Alejandro me chamando, então ele não duvidou. Por que ele questionaria a chegada precoce de nossa própria patrulha, já que isso significava que ele poderia relaxar na expedição ou bater papo na área de fumantes antes de ir para casa?

Nós levamos nossas armas ao arsenal, e Weiss saiu. Por mais que eu precisasse de um cigarro, fiquei por lá e joguei conversa fora com o MA1 Harris e alguns contratados civis, o tempo todo de olho na porta da frente.

Dois a dois, os outros MAs voltaram e entraram no arsenal para entregar suas armas. A cada par que voltava, eu tinha mais dificuldade em ficar parada. Meu estômago estava retorcido, minha cabeça percorria um milhão de quilômetros por hora e nada me acalmava até que eu tivesse a chance de conversar com...

A porta se abriu novamente e duas silhuetas iluminadas entraram. Eu soube em um instante que a segunda era Lockhoff. Ela era mais baixa que seu parceiro, com um perfil distintamente feminino que nem o uniforme nem o cinto da polícia conseguiam esconder, e eu apenas. . . sabia que era ela.

A porta se fechou, cortando o sol ofuscante da tarde e, quando meus olhos se ajustaram, eu estava certa — lá estava ela.

— Ei, MA3. — Eu me afastei da borda da mesa onde estava sentada.

Ela parou, me olhando com cautela, mas não falou. Fiz um gesto para ela me seguir até o corredor.

Ela plantou os pés.

— Eu preciso entregar a arma. — Ela apontou para a pistola no quadril.

— OK. Você pode me encontrar em uma das salas de conferência, então?

Uma sobranceira fina ergueu-se, apertando os lábios com suspeita. Mas ela assentiu.

— Eu estarei lá em um minuto.

Ela seguiu seu parceiro em direção ao arsenal, e fui esperar por ela. Uma das salas estava tendo aula, então ela não teria problemas em descobrir em qual eu estava. Isso se ela realmente viesse.

Andei na frente das fileiras de cadeiras dobráveis, tentando fazer meu coração desacelerar antes de terminar no médico. Gostaria de saber se teria tempo para um cigarro. O arsenal estava bem lento a essa hora do dia, afinal. Os caras lá dentro gostavam de tomar seu tempo e, no final do turno, eles poderiam ter uma dúzia de MAs alinhados para baixar suas armas.

Mas se eu saísse para fumar, Lockhoff provavelmente chegaria aqui, veria que eu não estava por perto e iria embora. E então eu nunca mais dormiria. O cigarro poderia esperar. Isso não.

Botas atingindo o linóleo me pararam, e me virei quando Lockhoff apareceu na porta. Ela pairava lá, os braços cruzados sobre a blusa de camuflagem abotoada, mas ela não entrou.

— Você queria me ver?

— Sim. — Eu a enfrentei completamente, deslizando minhas mãos nos bolsos para não parecer confrontadora ou defensiva. — Escute, fiquei muito mal por ontem.

Suas feições endureceram, mas ela não disse nada.

— Você tem algum plano? — Eu perguntei. — Para depois do trabalho?

A sobranceira subiu novamente. Ela mudou seu peso, sua bota rangendo.

— Oh não. Por quê?

— Deixe-me te pagar o jantar. Talvez no Camp Shields? No clube dos Alistados?

Lockhoff inclinou a cabeça, me estudando por um longo momento.

— Hum. OK. Eu acho?

— OK. — Eu exalei. Ainda não tínhamos conversado, mas pelo menos ela estava disposta a conversar. Era um começo. — Preciso

deixar Weiss em casa. Então eu te encontro lá?

Ela não se mexeu.

— MA2, este...

— Isso será informal — falei calmamente. — Apenas me chame de Reese.

Ela engoliu em seco.

— Okay. Reese. O que exatamente está acontecendo? Quer dizer, tá, entendi. Você está arrependida. — Ela se abraçou mais forte. — Nós realmente precisamos prolongar esse assunto e transformá-lo em algo maior do que é?

— Eu. . . — Eu lutei para segurar seu olhar. — Sim. Devo-lhe mais do que um pedido de desculpas.

A testa dela enrugou.

— Por quê?

Meu estômago revirou com vergonha, culpa e muitos anos mordendo minha língua. Finalmente, respirei fundo.

— Porque podemos ter mais em comum do que você pensa.

CAPÍTULO 5



Não sabia ao certo por que havia concordado em ver a MA2 Marion. Reese. Ela já se desculpou algumas vezes e, enquanto eu ainda estava chateada por ela ter duvidado de mim, eu obviamente estava mais do que ela. Não havia nada sobre isso que pudesse ser resolvido com hambúrgueres gordurosos e jarros de suco.

Mas esse último comentário que dela me deixou curiosa. Insanamente curiosa.

Tínhamos mais em comum do que eu pensava. Eu duvidava que ela estivesse grávida, a menos que fosse muito mais próxima do MA1 Gutiérrez do que eu imaginava, que só foi embora. . .

De jeito nenhum. De jeito nenhum.

Eu não podia imaginar isso acontecendo com ela. Repetindo aquela noite, colocando-a no meu lugar, eu não pude ver. Não conseguia vê-la aguentando por um segundo as besteiras de Stanton. Mesmo quando ela estava estressada ou assustada, mesmo quando o instinto tomava conta, a MA2 Marion — *Reese* — não aturava nada. Eu ainda ficava arrepiada pensando em um incidente durante o treinamento há alguns meses. Deveríamos ser atingidos com spray de pimenta e depois lutar contra o *Red Man* — um treinador em um traje vermelho fortemente acolchoado — antes de completar a pista de obstáculos, tudo em nome de aprender a nos defender e subjugar os suspeitos enquanto aguentava aquela dor intensa.

Reese não lutou contra o Red Man e continuou o curso. Ela levou todos os duzentos e cinquenta quilos dele ao chão e espancou-o até que Gutiérrez e dois outros caras a puxassem. Quando seu instinto de luta começava, ela simplesmente não parava.

Stanton não teria tido sucesso com ela. De jeito nenhum. Eu não queria pensar em que tipo de cara poderia. Que tipo de cara conseguira.

Então, talvez tenha sido apenas a curiosidade que me fez seguir a estrada sinuosa pelas fazendas e aldeias de cana-de-açúcar de White Beach a Camp Shields. Fosse o que fosse, eu disse a ela que estaria lá, então não voltei quando o portão apareceu. Reduzi a velocidade quando me aproximei da guarita, mas a sentinela — um terceirizado civil chamado Atsushi — me conhecia e me fez sinal.

Não muito além do portão estava o Clube dos Alistados. O estacionamento estava quase vazio, já que o lugar não era tão popular durante a semana, mas eu imediatamente avistei o carro de Reese. Era uma lata velha, como o de todo mundo nesta ilha, inclusive o meu, mas eu já o tinha visto o suficiente para saber que era dela.

Estacionei alguns espaços abaixo e saí para o calor espesso. A um metro do carro, minha cabeça girou e minha visão começou a diminuir. Droga. Peguei um poste e parei por um momento, respirando lenta e uniformemente. Isso aconteceu algumas vezes quando cheguei a Okinawa, quando não estava acostumada ao calor, mas ultimamente. . . bem, eu supunha que esperava. Foda-se essa porcaria da gravidez. Talvez eu devesse ter passado pelo quartel e trocado de uniforme. Pelo menos um par de shorts e chinelos me deixaria mais descolada do que botas e toda essa camuflagem.

Com o tempo, a tontura passou. Quando tive certeza de que minhas pernas ficariam firmes, continuei atravessando o estacionamento e entrei no clube.

Reese já havia pegado uma mesa perto das janelas ao longo da parede oposta, longe das famílias dispersas e dos grupos de homens uniformizados. Ela também estava de uniforme — a

camuflagem azul se destacava contra as paredes e cortinas avermelhadas.

Puxei a cadeira em frente a ela.

— Ei.

— Ei. — Ela se agarrou a um copo de água semi-acabado ou Sprite ou algo assim. — Obrigada por ter vindo.

— Não se preocupe com isso. — Sentei-me e a encarei através da toalha de mesa quadriculada. — Então você queria conversar.

Ela assentiu e começou a falar, mas uma garçonete apareceu ao nosso lado. Pedi uma água gelada e, quando a mulher se foi, encarei Reese novamente. Ela respirou fundo.

— Ouça, eu vou direto ao ponto. Não pude parar de pensar sobre ontem porque. . . Deus. — Ela esfregou a nuca e depois deixou o braço cair sobre a mesa. — Prometi a mim mesma há muito tempo que nunca seria a policial que questiona a alegação de outra mulher de ter sido agredida. Nunca. E então, ontem, eu fiz isso, e. . . — Ela exalou com força. — Sinto muito, MA3.

— Kim.

As sobranceiras dela se ergueram.

— Hmm?

— Kim. — Engoli. — Meu nome é Kim.

— Oh. E você está... Tudo bem se eu. . .

— Estamos de uniforme, mas não estamos no trabalho.

— Verdade. Acho que não estamos. — Ela evitou meus olhos. — Eu estou . . . A razão pela qual eu queria te ver hoje à noite. Eu. . .

Cautelosamente, eu disse:

— Temos algo em comum?

— Sim. — Ela limpou a garganta, e suas mãos de repente pareciam instáveis, tremendo levemente enquanto as torcia atrás do copo meio vazio. — Foi por isso que me senti especialmente mal por não ter levado você a sério imediatamente. Está . . . — Ela se contorceu, apertando os lábios e depois deu uma risada sem humor. — Eu me convenci a explicar o que aconteceu comigo e agora...

— Não. — Eu me inclinei para frente e abaixei minha voz. — Eu sei ler nas entrelinhas.

Seus lábios afinaram quando ela procurou meus olhos.

— Não — repeti. — Eu sei o quanto é difícil falar sobre isso.

Reese exalou.

— Sim. É. Então, quando você tentou falar comigo sobre o que aconteceu, eu agi como uma escrota. Eu sinto muito.

— Eu sei que sente. E são águas passadas.

— Você tem certeza?

— Sim. Estamos bem.

Nesse momento, a garçonete chegou à mesa com minha bebida e tomei um longo gole para umedecer minha boca seca.

— Por curiosidade, você teria acreditado em mim se eu não tivesse a reputação que tenho?

Reese piscou.

Eu acenei com a mão.

— Sim, eu sei o que as pessoas dizem sobre mim.

Balançando a cabeça, ela suspirou.

— Você está absolutamente correta. E eu sei que não deveria ter te julgado assim.

Eu a observei por um momento.

— Hipoteticamente, se eu não tivesse saído do carro ontem, você ainda me levaria ao SARC se eu pedisse?

— Claro! — ela me olhou horrorizada. — Eu nunca iria impedi-la de registrar queixa.

— E se eu quisesse fazer uma declaração para você, você a aceitaria?

— Num piscar de olhos.

Brinquei com meu canudo e dei de ombros.

— Isso é tudo que eu precisava. Você sabe como é. Você é policial. Você não precisa acreditar em ninguém. É para isso que servem juízes e júris.

— Ainda assim, eu...

— Reese. — Cruzei os braços sobre a mesa e me inclinei um pouco mais para perto. — Você é uma boa policial. O fato de você estar tentando corrigir isso diz muito.

Ela mordeu o lábio.

— Eu me sinto horrível. Eu sei que tirei algumas conclusões realmente ruins, e. . . Inferno, mesmo se eu estivesse certa sobre elas, eu tinha...

— Eu posso ter feito o mesmo, para ser sincera.

Os lábios de Reese se separaram.

— O que?

— Olha, eu não sou burra. Sei como as pessoas me veem e pensei o mesmo de outras garotas. Não é realmente possível ser militar sem ser meio cínico com todo mundo, sabe?

— Concordo.

— E hum. . . — Hesitei, depois respirei. — Na verdade, eu conheci uma garota que fez queixa falsa de agressão sexual.

Reese gemeu, revirando os olhos.

— Por favor, me diga que isso não é verdade.

— É verdade. — Eu fiz uma careta. — Ela era um Cabo no meu primeiro comando e transou com toda a escala hierárquica enquanto estávamos no mar. E não eram apenas rumores. Todos nós pegamos ela e o caso da semana escondidos em algum lugar do navio enquanto estávamos fazendo as rondas à noite.

Ela riu secamente.

— As pessoas são criativas quando transam em barcos, não é?

— Sim, elas são. — Consegui dar uma risada leve, mas não durou. — De qualquer forma, o chefe sênior descobriu que ela havia dormido com um superior casado e decidiu fazer dos dois um exemplo. Antes disso, porém, ela estava se gabando para duas meninas no quarto que tinha ficado com o chefe naquela noite. No minuto em que o chefe sênior decidiu cobrá-los? Ela disse que o chefe a estuprou. — Eu cerrei os dentes com a memória. — Por que você acha que demorei tanto para considerar reportar Stan... relatar o que aconteceu?

Reese se contorceu desconfortavelmente, abraçando-se como se estivesse com frio, apesar de seu uniforme pesado.

— O que . . . o que aconteceu com eles?

— Não sei. Dei minha declaração e me transferi antes que eles chegassem muito longe na investigação. Eu nunca soube como tudo acabou.

— Eles provavelmente o puniram — ela rosnou, passando a mão no rosto. — E ela provavelmente ficou e foi promovida. Mas então, quando alguém é realmente agredido...

— Não é? Quando isso realmente acontece, é um comando como esse, que explode na cara da vítima. — Eu balancei minha

cabeça e fui tomar minha bebida novamente. — Entendi. Eu entendo por que você me questionou. Para ser perfeitamente honesta, eu poderia ter feito a mesma coisa. Mas ainda assim eu levei uma declaração e levei a pessoa ao SARC, e você também. Assim . . . — Dei de ombros e levantei meu copo para tomar outro gole.

Ela cruzou os dedos sob o queixo.

— Eu definitivamente estava errada sobre você.

— Ah é?

Alguma cor correu em suas bochechas, e ela assentiu.

— Não vou tentar desculpar. Eu estava errada sobre você e sinto muito.

Coloquei meu copo na mesa e cruzei as mãos.

— Então talvez possamos começar de novo.

Ela encontrou meus olhos.

— Sério?

— Sim. Quero dizer, eu não sei sobre você, mas eu realmente gostaria de ter uma amiga aqui.

— Eu entendo totalmente. Estamos a um milhão de milhas de casa, cercados por homens. Pode ser um pouco. . . solitário depois de um tempo. — Ela mordeu o lábio por um segundo. — Mesmo sem essa merda, todos nós precisamos de amigos.

— Exatamente. Começamos de novo, então? Do início?

— Sim. Do início. — Nós duas sorrimos e, pela primeira vez em muito tempo, senti um pouco da tensão no meu peito diminuir.

— E para constar — eu disse — nada do que você ouviu sobre mim é verdade. Eu não dormi com todo mundo.

— Você não precisa se defender de mim, Kim. — Ela estendeu a mão sobre a mesa e gentilmente colocou a mão no meu braço. — Sua vida pessoal é da sua conta.

— Eu sei. — Engoli. — Mas preciso que alguém nesta ilha acredite em mim.

— OK. Conte-me. O que quer que seja.

Eu olhei para a mão dela no meu pulso.

— A maneira como me visto e bebo, é. . . — Eu balancei minha cabeça. — Isso não significa que durmo com todo homem que olha

para mim. Eu nunca dormi com um homem nesta ilha. — Fiz uma pausa, revirando o estômago. — Exceto por . . .

Ela apertou meu braço.

— Ele não conta. — Os lábios dela se curvaram um pouco quando ela acrescentou — Acho que ele nem conta como homem.

Na verdade, eu ri disso e dei um tapinha na mão dela.

Ela sorriu e recostou-se, mas rapidamente ficou séria.

— E sim, eu acredito em você.

— Obrigada — eu sussurrei.

— Olha eu. . . — Ela respirou fundo e segurou meu olhar. — Quero que você saiba, se precisar de algo, mesmo que seja apenas alguém com quem conversar. . . Estou aqui.

Eu sorri, apesar do nó crescer na minha garganta.

— Obrigada. — Então eu abaixei meu olhar. — Pelo menos provavelmente não vou ficar nessa situação — gesticulei para o estômago — por muito mais tempo.

Os olhos dela se arregalaram.

— O que você quer dizer?

— Estou indo embora. — Bati meus dedos em cima da mesa. — Vou voar amanhã e. . .

Eu não consegui dizer. Eu ainda não tinha aceitado o que estava fazendo.

— Você precisa de alguém com você? — ela perguntou baixinho.

Sim, sim. Preciso muito.

Mas balancei minha cabeça.

— Não, eu vou ficar bem.

— Tem certeza?

Eu assenti.

— Bem, se você precisar de alguma coisa, me mande uma mensagem. Aqui, deixe-me dar meu número.

Pegamos nossos telefones e trocamos números, bem como endereços de e-mail, e essa tensão no meu peito diminuiu um pouco mais. Talvez tivéssemos começado com o pé errado, mas finalmente senti que tinha um aliado.

E com tudo o que havia pela frente, eu precisaria de um.

CAPÍTULO 6

REESE



Eu não vi Kim novamente antes que ela deixasse a ilha. De acordo com Alejandro, ela pegou um voo militar matutino da Base Aérea de Kadena e estava a caminho do Havaí, mas não havia especificado porque estava indo. De qualquer maneira, não para mim, e se Alejandro sabia, ele não tinha liberdade para divulgar.

Eu esperava que ela só precisasse se afastar de Okinawa e planejava passar o tempo absorvendo o sol em outro conjunto de praias de areia branca, já que todas as praias dessa ilha eram muito perto de Stanton. Talvez ela apenas precisasse de um pouco de espaço para organizar seus pensamentos.

Mas meu instinto dizia o contrário. Ela não tinha explicado, mas.

..

Vinte minutos antes do meu turno começar, entrei na delegacia, desesperada por café, pois a nicotina não estava me mantendo acordada. Alguns dos caras estavam andando pelo escritório, aproveitando o ar-condicionado enquanto podiam antes de sair em patrulha.

E não levou mais que cinco minutos para começar.

— Cadê Lockhoff? — Barkley se inclinou na recepção, com a xícara de café na mão. — Ela teve que remover cirurgicamente o pau de um pobre coitado das entranhas dela?

Os caras riram. Uma sensação de mal estar embolou meu estômago.

— Talvez ela tenha se mudado para o turno da noite. — MA3 Jensen riu. — Carne fresca, sabe?

Mais risadas. Mais daquele sentimento horrível e doentio.

— Acho que ela saiu de licença — disse o MA2 Lee. — Vi um formulário com o nome dela. Mas não olhei as datas.

Jensen deu de ombros.

— Não sei. Mas, cara, você a viu recentemente? — Ele apontou por cima do ombro em direção ao escritório principal. — Ela tirou a blusa ontem, ficou só de camiseta e puta merda. — Ele colocou as mãos em concha alguns centímetros na frente do próprio peito. — Ela tem uns peitos que eu vou te contar.

— Espero que ela venha para o próximo churrasco, então. — MA2 Lee assobiou. — Se ela usar um daqueles biquínis de novo? Jesuuuus.

Os outros caras riram.

— Sim, ela provavelmente estará assim, no entanto. — Barkley fez um gesto como se estivesse conjurando um barrigão na sua frente. — Seios assim? Aposto meu próximo salário que alguém engravidou essa garota.

Eu não conseguia ouvir, então terminei meu café e comecei a dar o fora dali, mas não antes de ouvir um pouco mais sobre isso:

— Cara, eu ia ali. E ei, já estando grávida mesmo... sem camisinha o tempo todo!

— De jeito nenhum, cara. Garota como ela? Eu não entraria sem cobertura.

— Eu não entraria sem um traje de proteção.

— Definitivamente não encararia...

— *Ei*. — Eu me virei na porta e olhei para eles. — É assim que vocês vão falar sobre uma colega policial?

Jensen levantou as mãos.

— Uau. Desculpe, MA2. Mas, falando sério, você já viu...

— Vamos voltar a patrulhar. — Lee bateu no braço de Barkley. — Podemos chegar a Camp Shields a tempo de ver as mães fazendo ioga no parque.

Filhos da puta.

Saí do escritório para a área de fumantes, que graças a Deus estava vazia. Minhas mãos tremiam tanto que eu mal conseguia tirar

um cigarro do maço, quanto mais acender, mas finalmente consegui e fumei por uns momentos.

Eu precisava parar de fumar, mas não via isso acontecendo tão cedo. Não até sair da Marinha ou me transferir para um comando melhor, pelo menos. Minha última missão me levou a começar a fumar. Alejandro havia se mudado de Gitmo com o hábito de cheirar rapé, e eu enchi o saco dele por isso — não era como se ele não soubesse o quão venenosa eu podia ser — até eu voltar para casa do Afeganistão fumando um maço e meio por dia. Agora eu estava chegando aos dois e meio. Muito mais tempo nesta ilha e eu acenderia um cigarro no outro.

Enquanto eu dava outra tragada, uma bola de culpa se formou no meu estômago. Há uma semana, eu participaria daquela conversa no escritório. Provavelmente, eu faria comentários ainda mais cruéis do que eles. Se eu aprendi alguma coisa desde que me alistei, era que se encaixar com esses caras era a abordagem mais segura. Se eles estão sendo grosseiros, seja grosseira. Se eles estão bêbados, fique bêbada. Se eles acham que uma garota é uma vadia, declare-a uma prostituta com uma buceta como a cartola de um mágico.

Mas isso não desculpava as coisas que eu disse. E não me perguntei quantas outras mulheres julguei mal, porque essa linha de pensamento teria me feito fumar todo o maço de cigarros.

Weiss saiu da delegacia.

— Ei, MA2. Estamos saindo em patrulha?

— Sim. — Apaguei meu cigarro moribundo. — Só preciso me armar.

— Tudo certo. — Ele passou por mim quando desci do poço de fumaça. — Você faz isso, e eu vou fumar.

— OK. Volto em um minuto.

No caminho para o arsenal, passei pelo escritório de Stanton, e o som de sua voz através da porta fechada me deu calafrios.

— Bem, eu esquivei uma bala com essa, com certeza. — Ele riu, e eu parei completamente. — Ela me preocupou.

Alguém riu e levei um segundo para reconhecer a voz do chefe Wolcott.

— Sim, se você tivesse que explicar isso a Susan, poderia vender ingressos para o show de fogos de artifício.

Uma terceira pessoa riu e meu coração afundou.

Alejandro? Você? Por favor não . . .

— Você é um homem mais corajoso do que eu, senhor.

Essa era definitivamente a voz dele.

— O que posso dizer? — Stanton disse. — Você viu a bunda daquela garota?

— Sim, não posso culpar você. — A voz baixa do Chefe obviamente não foi feita para sair da sala. — Aquela garota ofereceu, eu mesmo posso tentar. uma hora dessas.

— Okay, certo. — Alejandro riu. — Fale toda a merda que você quiser, chefe. — Pareceu que ele bateu no braço do homem. — Todos nós sabemos que você tem medo de Tomi.

— O tenente tem medo da esposa e isso não o impediu!

— Bem — disse Stanton — o que ela não sabe não vai me machucar, vai?

Todos os três riram. Eu não sabia se queria bater a porta e chutar a bunda deles, ou me encostar na parede e chorar.

Chefe Wolcott. Alejandro. Dois membros de nossa cadeia de comando — duas pessoas que poderiam ser aliados de Lockhoff — rindo e brincando com o homem que a agrediu. Eu sabia como isso terminaria: se ela relatasse o que aconteceu para qualquer um deles agora, eles ignorariam porque já acreditavam no tenente Stanton.

Era melhor que Lockhoff estivesse fora da ilha no momento.

Porque aqui em Okinawa, ela não tinha a quem recorrer.

CAPÍTULO 7

KIM



Bem, esse passo foi dado.

Saí da clínica com a papelada na mão e respirei fundo o ar úmido do Havaí. Eu marquei a consulta. Fora da base, é claro — não teria me custado nada fazê-lo no hospital da Base Aérea Tripler, na mesma rua, mas não havia como eu querer isso no meu prontuário médico militar. Não posso arriscar que alguém faça perguntas que possam gerar *mais perguntas*.

Agora tudo estava agendado. Em menos de três dias, isso terminaria. Nada poderia mudar o que havia acontecido, mas eu não estaria mais grávida do bebê de Stanton.

Só um problema: alguém tinha que me levar para a clínica e ficar comigo por quarenta e oito horas em caso de. . . complicações.

Estremeci com o pensamento e tentei não me lembrar de todas as coisas que a enfermeira havia mencionado como problemas em potencial. Tudo tinha que correr sem problemas. Apenas precisava. Eu mal conseguia lidar com as coisas como estavam. E Deus me ajude se eu tiver que tirar mais uma licença para me recuperar. Isso exigiria explicações que não estava pronta para dar, dinheiro que não podia pagar.

Os papéis na minha mão pareciam pesar cinquenta quilos, e eu senti como se estivesse enterrada até os joelhos em cimento úmido quando voltei para o meu carro alugado.

Caí no banco do motorista e liguei o motor. Por um momento, eu apenas fechei meus olhos e deixei o ar condicionado soprar na minha cara. Não estava particularmente quente, mas o ar frio era

agradável, e eu me apegava a qualquer coisa que não parecesse ruim.

Eventualmente, porém, eu me balancei para acordar. Eu precisava me afastar desse lugar. Pelo menos até ter que voltar às 07:00 em ponto na manhã de sexta-feira.

Eu dirigi para o motel barato perto de Tripler no piloto automático. Entrei no quarto frio e vazio — o Ar condicionado estava constantemente no máximo — fechei a porta e me encostei nela.

O que diabos eu deveria fazer agora?

Olhei em volta do quarto, como se pudesse oferecer algumas respostas. O envelope cheio de dinheiro ainda estava embaixo da televisão. Eu o deixei lá por engano, mas depois que percebi onde estava, eu esperava secretamente que as criadas o roubassem.

Me desculpe, eu podia me ouvir dizendo a Stanton por telefone. *O dinheiro sumiu. Não tenho como fazer isso.*

Mas não. Todo o dinheiro estava lá. Até a última nota de cem dólares.

E mesmo que tivesse sumido, ele teria me enviado mais. Ou ordenado que eu engolisse o orgulho e fosse para o médico militar.

Droga. Eu deveria ter feito em Okinawa. Mas então não haveria como esconder. E eu nem sabia se abortos eram legais em Okinawa, muito menos se eu poderia encontrar um médico que falasse minha língua.

O médico da clínica aqui em Oahu falava inglês perfeito, é claro. A enfermeira que me viu falava, pelo menos. Ela entendeu cada palavra que eu disse e entendeu que eu estava com medo.

Isso não é uma coisa fácil, ela me disse gentilmente. *Nós vamos cuidar bem de você, mas não há problema em ficar nervosa.*

Como diabos eu deveria explicar que não estava com medo do procedimento? Bem, tudo bem, eu estava com medo disso, mas estava aterrorizada com o que aconteceria se eu não conseguisse.

Meu estômago revirou e engoli em seco para manter o pouco que eu tinha comido no estômago. Empurrei-me para fora da porta, dei alguns passos e afundei no pé da cama dura como uma pedra. Respirando devagar, aninhei minha cabeça nas mãos.

Não era assim que as coisas deveriam funcionar. Ser "aquela garota" — a marinheira que não se cuidou e fez um aborto antes

que os rumores saíssem do controle— nunca fez parte dos meus planos, principalmente porque eu não fiz as coisas necessárias para me dar mal. Eu estava focada em uma carreira militar desde a adolescência. Tudo fora preparado, planejado daqui até a aposentadoria. Nada de vinte anos. Esta marinheira trabalharia por trinta anos, aposentando-se como chefe-mestre. Recusava-me a considerar algo menos.

Maternidade solteira não era algo com que eu pudesse lidar. Eu já vi minha própria mãe se esforçar para me criar sozinha, e não havia nenhuma maneira no inferno que eu fosse me ver na mesma situação. Eu tinha um plano de carreira, droga, e estava no caminho de fazer isso acontecer.

Embora, até agora, fosse um inferno.

Eu amava o trabalho em si. Eu adorava ver o mundo, trabalhar em navios e bases e subir constantemente na hierarquia. Com a minha avaliação mais recente, eu era praticamente uma barbada para chegar a MA2.

Quando me inscrevi, não fazia ideia do que estava me metendo. Desde o início — durante todo o treinamento, escola, implantação, serviço em terra — eu me senti mais sozinha do que nunca na minha vida. Meu último comando pensou que eu era uma vagabunda retraída. Esse comando pensava que eu era uma vagabunda idiota e, graças a Okinawa por ser tão isolada, eu não tinha ninguém além do meu comando.

E que bem isso me fazia agora, enquanto eu estava sentada sozinha no Havaí, enfrentando um procedimento que me assustava tanto?

Eu nunca pensei em como me sentia sobre o aborto. Eu era lésbica. Gravidez acidental fazia parte da minha realidade tanto quanto as copas do mundo e os exames de próstata.

Deus, isso era um pesadelo. Eu não sabia como me sentir. O que pensar. Isso era a coisa certa a fazer? A errada? Eu nem conseguia encaixar, *estou grávida* na minha cabeça. Como eu deveria tomar uma decisão sobre algo que não podia começar a entender?

Passei os dedos pelos cabelos e sufoquei minhas lágrimas. Sem chorar. Já fiz o suficiente disso. Hormônios e estresse já haviam

conseguido o melhor de mim duas vezes hoje. Chega de chorar, caramba. Não resolveria nada.

Resolve alguma coisa?

Eu ri amargamente e deitei na cama, olhando para o teto manchado de água. Não havia como resolver isso. Não importa o que acontecesse naquela clínica na sexta-feira de manhã, essa situação ainda existia. Eu ainda fui estuprada por um homem com muito poder e influência para ter medo de repercussões. Eu ainda tinha que responder a esse homem.

E aqui no Havaí, ainda confusa e ainda grávida, eu ainda estava sozinha.

Levantei-me e peguei meu laptop sobre a mesa ao lado da cama. O Wi-Fi do motel não era ótimo, mas estava conectado, e antes que eu pudesse questionar o que estava fazendo, abri meu email e enviei uma mensagem para o endereço comercial de Reese.

Preciso conversar com alguém o mais rápido possível. Você tem Skype?

E esperei.

CAPÍTULO 8

REESE



No instante em que vi a mensagem de Kim, meu coração bateu na garganta. Os milhões de piores cenários que me mantiveram acordada a noite passada passaram pela minha cabeça. Eu respondi rapidamente e trocamos o e-mail do Skype. Assim que meu laptop se conectou, a chamei e, graças a Deus, ela estava online.

Assim que Kim apareceu na tela, meu estômago torceu. Ela estava pálida e a maquiagem dos olhos deixara marcas lamacentas nos dois lados do rosto.

— Ei — falei, tentando manter a preocupação longe da minha voz e expressão. — Onde você está?

— Estou no Havaí. — Ela enxugou os olhos. — Para fazer... para fazer um aborto.

Meu coração caiu.

— Como você está?

— Eu não estou. Estou meio que... enlouquecendo.

— Sobre o... — Eu hesitei. — Sobre...

— O aborto. — Ela estremeceu. — E eles me disseram hoje, que eu tenho que ter alguém comigo. — Ela manteve o olhar baixo. — Para me levar e para ficar comigo. Enquanto eu... — Kim engoliu em seco, e talvez fosse apenas a webcam, mas parecia que ela perdeu um pouco de cor. — Enquanto eu me recupero.

— Para quando está agendado?

Ela estremeceu.

— Sexta-feira de manhã. 0700. Estou morrendo de medo e não sei onde diabos vou encontrar alguém aqui que...

— Eu estarei lá.

Kim piscou.

— Você... sério?

— Eu vou... — Merda. Tem toda a questão logística. — Eu vou encontrar uma maneira. Você não deveria estar aí sozinha.

— Mas...

— Você precisa de alguém aí com você?

Ela mordeu o lábio, depois assentiu devagar, e Deus, ela parecia uma garotinha assustada. Eu queria tanto passar pelo computador e abraçá-la. Não havia alternativa. Eu estava indo para o Havaí mesmo que tivesse que ameaçar Alejandro para conseguir uma licença.

— Vou pedir a Gutiérrez que assine uma licença e vou procurar um voo. Você pode ficar aí até então?

Kim assentiu. Ela sorriu e, embora ainda estivesse obviamente tensa, parecia genuína.

— Obrigada.

— De nada. Estarei aí o mais rápido possível.



Menos de uma hora depois de conversar com Kim, entreguei o pedido de licença de emergência para Alejandro.

— O que é isso?

— MA3 Lockhoff está no Havaí e... — Engoli em seco, sem saber o quanto divulgar. — Acho que ela não deveria ficar sozinha agora.

Ele olhou para o papel, depois olhou para mim.

— Isso se qualifica como uma emergência?

— Pergunte ao Stanton. Tenho certeza que ele vai assinar.

As sobrancelhas dele se ergueram.

— Há algo que eu deveria saber?

— Por favor. Apenas assine a licença.

Ele olhou para o pedido.

— Espere aqui.

— O quê?

— Apenas espere aqui. — Ele apontou para uma das cadeiras na frente da mesa. — Eu estarei de volta em um minuto.

Ele não esperou uma resposta antes de sair do escritório.

Enviei uma mensagem para Weiss:

Presa no escritório do MA1 por alguns minutos.

Menos de dez minutos depois que Alejandro se foi, eu o ouvi descendo o corredor.

— Ei, Weiss — ele chamou. — Você vai ficar na expedição.

Eu me encolhi. Eu devia a Weiss uma bebida por isso. O pobre rapaz sempre ficava preso quando eu tinha que me afastar da patrulha. O que significava...

Oh, por favor, Alejandro. Diga-me que foi aprovada.

Ele entrou no escritório e me entregou a licença.

— Vá fazer as malas e dormir um pouco. Sua licença começa agora e há um voo especial-A amanhã de manhã. Esteja no terminal às 0200. Vou garantir que seu embarque seja prioritário.

Eu assenti.

— Obrigada.

Ele segurou meu olhar.

— Agradeço por fazer isso por ela.

Eu hesitei.

— Bem, alguém tem que ajudar a varrer as coisas para debaixo do tapete, certo?

— Melhor você do que eu. — Alejandro riu, e a sensação de mal-estar no meu estômago se intensificou. Ele realmente estava do lado de Stanton, não estava? Isso explicava por que ele manejava as licenças e conseguia todas as assinaturas em tempo recorde. Ele sabia muito bem que Stanton não queria que nada interferisse no que Kim estava fazendo.

Não era de admirar que Kim tivesse cedido e ido para o Havaí.

Ela realmente *não* tinha aliados.



Os voos militares com vagas disponíveis eram sempre uma aposta, e parecia que eu ia enfrentar muitas pessoas esta manhã. Pelo menos cem funcionários e dependentes de olhos sonolentos estavam amontoados na área terminal, observando nervosamente as telas e contando os minutos até a chamada. Eu tinha que entrar neste voo. Tinha. Se não, o próximo não seria até sexta de manhã, o que seria muito tarde.

Enquanto esperava, repassei alguns planos de contingência em minha cabeça. Não havia nenhuma maneira de comprar uma passagem comercial, especialmente em tão pouco tempo. Se eu não pudesse estar lá para ajudar Kim, talvez eu conseguisse alguém para ajudar. Não seria o ideal ter um completo estranho cuidando dela durante esse tipo de confusão emocional, mas na ausência de outras opções...

No meu telefone, rolei pelos meus amigos do Facebook para ver se algum deles ainda estava servindo em Tripler ou Pearl Harbor. Não ousaria enviar um homem. Embora fossem caras decentes, a última coisa que Kim precisava agora era ficar drogada, sentindo dores terríveis e à mercê de um homem que não conhecia.

Felizmente, havia um voo do Patriot Express saindo hoje — um jato de passageiros que ia para Seattle via Iwo Kuni e Yokota — e a maioria das pessoas aqui embarcaria naquele voo, e não no que ia para o Havaí. Após a chamada para Seattle, apenas cinco de nós permanecemos.

Eu exalei. O avião para o Havaí tinha 23 assentos disponíveis.

Graças a Deus, o voo estava no horário, e eles nem se deram ao trabalho de fazer uma chamada formal, uma vez que havia tão poucos de nós. A cada passo do processo — check-in, segurança, transporte para o avião — eu tinha certeza de que alguém iria sair e nos dizer que o voo foi cancelado no último segundo. Já tinha acontecido comigo antes.

Mas então eu estava no frio avião de carga. Os motores foram ligados e a tripulação estava se preparando. Nós estávamos realmente saindo.

Antes que eles nos dissessem para guardar nossos eletrônicos, enviei um e-mail rápido para Kim:

A bordo. Estarei aí em algumas horas. Mantenha-se firme.



Depois de descer do avião e passar pela alfândega, corri para pegar a bagagem onde ela havia dito que me encontraria.

Examinei a multidão. À terceira vista, percebi que ela estava ali, mas mal a reconheci. Embora eu já a tivesse visto em trajes civis antes, ela parecia outra mulher completamente, e eu não sabia por que. Não eram nem os primeiros sinais de gravidez — embora a parte superior da camiseta se encaixasse de forma diferente agora, a gravidez ainda não era visível.

Seu sorriso era fraco, mas podia ter sido um enorme sorriso radiante de tanto que iluminou o terminal.

Saí da zona segura e fiquei tão aliviada ao vê-la que dei um abraço nela.

Ela ficou rígida no começo, e eu pensei por um segundo que tinha ultrapassado os limites, mas então ela passou os braços em volta de mim e relaxou.

Ela mal sussurrou:

— Muito obrigada por vir, MA2.

— Você ainda pode me chamar de Reese. — Acariciei seu cabelo e acrescentei — Não há hierarquia. Nós não estamos no trabalho.

— OK.

— Como você está indo?

Quando me soltou, ela deu de ombros.

— Segurando as pontas.

Bem, era alguma coisa.

Colocamos minha bolsa no porta-malas do carro alugado e saímos da base. Enquanto ela dirigia e conversávamos, eu a observei secretamente, tentando descobrir o que havia mudado.

Ela normalmente usava maquiagem que apenas seguia as linhas do que a Marinha permitiria. Como civil, ela se esforçava, mesmo para funções casuais como churrascos de comando e jogos de *softbol*. Hoje, ela usava um pouco de rímel e poderia ter algo nos lábios, mas era tão sutil que eu não sabia.

A camiseta lisa era solta e confortável, o short curto o suficiente para mantê-la fresca nesse calor, mas ainda longo o suficiente para encobrir a tatuagem de borboleta que geralmente era bastante visível sem uniforme, apesar de estar no meio da parte interna da coxa. Em vez de sandálias de tiras, ela usava um simples par de chinelos.

Embora ela parecesse exausta, especialmente sem maquiagem para esconder as olheiras, ela estava... Uau. Mesmo quando eu não tinha uma opinião boa sobre ela, ela chamava minha atenção, mas assim, ela mexia com meu pulso. Eu gostava muito da aparência natural e, mesmo quando o estresse e a exaustão cobraram seu preço, Kim era uma daquelas mulheres que não precisavam de muita maquiagem, se é que precisavam de alguma. Ela também não precisava dos sutiãs com enchimento e dos saltos de stripper de que tanto gostava. Era um crime que alguém como ela achasse que precisava de algum aprimoramento quando parecia tão bem ao natural.

No sinal de trânsito, ela olhou para mim.

— Você quer almoçar?

— Eu poderia tomar um café, pelo menos.

— Sim, eu também.

Encontramos um fastfood a alguns quarteirões dos portões da base e pegamos uma mesa de canto abaixo do ar-condicionado.

Kim envolveu as duas mãos em torno de uma garrafa de água.

— Me sinto muito melhor agora que você está aqui.

— Bom. — Eu a observei por um momento. — Como você está? Com tudo isso?

— Eu estou... — Ela pegou a etiqueta na garrafa. Então seus ombros caíram e, embora ela se mantivesse firme, era como se uma represa tivesse quebrado dentro dela. — Estou uma bagunça, Reese.

Peguei a mão dela e apertei.

— Eu sei que está. Eu gostaria que houvesse mais que eu pudesse fazer.

— Bem, hum... — Kim fechou os olhos e respirou fundo antes de encontrar meu olhar. — Existe, na verdade.

— Há? O que?

— Sei que você é uma oficial obrigada a reportar. Mas... eu preciso contar para alguém. — As sobrancelhas dela se juntaram. — Não vou registrar nada, mas preciso que alguém saiba o que aconteceu. Especialmente antes de amanhã.

Eu me remexi. Este era um terreno perigoso.

— Mas *não posso* esconder nada. Existem advogados civis com quem você pode conversar.

Ela estendeu a mão sobre a mesa e colocou a mão no meu braço.

— Reese, você é a única na ilha em quem posso confiar. Todo mundo está no bolso de trás de Stanton.

— Que tal aqui? Tem que haver alguém em Pearl ou até Tripler que...

— Não. — Kim balançou a cabeça. — Ele é das antigas. Conhece muitas pessoas. Não posso confiar em mais ninguém, exceto você e eu... — Os olhos dela brilharam e ela bateu neles. — Eu não posso continuar carregando isso sozinha.

Meu peito doía. Mordi o lábio. White Beach era uma pequena base isolada em uma pequena ilha isolada. A maioria dos comandos tendia a se unir — aviadores saíam com aviadores, policiais saíam com policiais. O que significava que quando coisas ruins aconteciam, a única pessoa em que um policial podia se apoiar era... outro policial. Que seria obrigado pelo UCMJ¹ a denunciar algo assim sob o risco de ser acusado de abandono do dever.

Peguei a mão dela e apertei-a suavemente.

— Kim, você sabe o que aconteceu, não eu. Mas aconteça o que acontecer, se você precisar de ajuda, precisará conversar com

alguém.

— Quem? — Ela encontrou meus olhos, e os dela estavam arregalados de desespero. — Gutiérrez é amigo de Stanton. Todos os chefes comem na mão de Stanton. Ele tem amigos até o capitão. — Ela fungou bruscamente. — Não há ninguém com quem eu possa falar que não seja o amigo de golfe de Stanton ou outro policial. E alguém aqui? — Kim fez uma careta e balançou a cabeça. — Deus sabe quem eles conhecem.

— E o SARC? — Mesmo ao dizer isso, meu coração afundou um pouco. Aquele idiota vinha à delegacia com bastante frequência, ostensivamente para estar presente e visível, além de discutir soluções com os superiores. Essa ilusão poderia se manter, se todos nós não tivéssemos ouvido algumas das conversas dele e de Stanton pela porta do escritório. Eu não era especialista, mas tinha certeza de que a prevenção de agressão sexual não envolvia *birds e ferro nove*². E se o nosso SARC estivesse comprometido, não havia como ter certeza de que os da ilha também não estariam. Especialmente agora que várias pessoas nos departamentos de resposta a agressões sexuais em todas as forças armadas haviam sido acusadas recentemente por outros militares.

O fato é que não havia ninguém que eu pudesse sugerir a ela, porque eu não confiaria em nenhum deles com meu próprio relatório.

— Ou talvez não o SARC. — Eu balancei minha cabeça. — Deus, sinto muito.

— Droga. — Ela esfregou as têmporas. — Isso é uma bagunça tão grande.

— Eu sei. Eu sinto muito.

— Não é sua culpa. Você está tentando ser uma boa policial.

— Eu também quero ser uma boa amiga.

Ela encontrou meu olhar, sobrancelhas subindo na testa.

— Sim — eu sussurrei. — Sou culpada de julgá-la antes e não posso me desculpar o suficiente por isso. Mas... olha, eu não estou aqui apenas para ajudar um marinheiro júnior.

Um leve sorriso apareceu em seus lábios.

— Obrigada.

Devolvi o sorriso, mas o dela e o meu desapareceram rapidamente. Dobrei as mãos sobre a mesa.

— Quero te ajudar, Kim. Eu quero.

— Eu sei.

— E fico feliz em ir com você amanhã, mas preciso que você me diga: é isso mesmo que você quer fazer?

— É...

Meu coração apertou.

— Está bem. Você pode me dizer.

Ela desviou o olhar.

— Eu... olha, sem entrar em nenhum detalhe que você precise repetir, ele me colocou em uma situação complicada.

Eu pisquei.

— Como assim?

— Ele disse que se eu tivesse o bebê, ele usaria os direitos de pai. — Ela brincou com a barra da blusa. — Impedir-me de colocá-lo para adoção, exigir visitação, tudo isso.

— Ai, Jesus. — Eu cerrei os dentes. — Aquele filho da puta não sabe que você pode obter uma ordem protetora contra ele?

Ela encontrou meus olhos.

— E o que acontece com isso quando ele não for considerado culpado por um júri de seus pares?

Eu estremeci. Droga.

Ela ficou rígida.

— Porra . . .

— Está bem. — Eu coloquei minha mão em seu antebraço. — Isso ainda está entre nós. Ah, mas estávamos andando em uma linha perigosamente fina.

— Obrigada. — Ela colocou os ombros para tr s e segurou meu olhar. — De qualquer forma, quando eu voltar para Okinawa, ele não terá mais essa carta para usar.

— Isso  ... Eu acho que isso é verdade. Que mórbido. Um aborto como um  s na manga? Ele realmente te colocou contra a porra da parede, não foi?

Kim me estudou.

— Que tal assim? Vou te contar tudo. Uma semana depois de voltarmos a Okinawa, se eu ainda não reportar... faça o que tiver

que fazer.

Torci minhas mãos debaixo da mesa. Parecia razoável na superfície, mas ainda deixava muito espaço para isso explodir em nossas caras. E, no entanto, quão voluntariamente eu teria cortado um braço só para alguém me ouvir quando eu estive em uma posição muito semelhante?

— Okay — eu disse — Uma semana depois de voltarmos a Okinawa.

Ela assentiu.

— OK. Uma semana. — Ela fechou os olhos e respirou fundo. — Para começar, como já mencionei, sei que todos que estão no nosso comando pensam que sou uma vagabunda. — Ela enxugou os olhos. — Mas eu não sou.

Mordi o lábio inferior. Pouco tempo com Kim e minha atitude sobre ela certamente mudou.

— Eu sei que você não é.

Ela continuou.

— O problema é que eu era uma pessoa completamente diferente no meu último comando.

Eu descansei meus antebraços na beira da mesa.

— Como assim?

— Eu era... eu não brincava com os caras, isso é certo. Eu praticamente mantinha minha cabeça baixa. Quando um cara me procurava, tentava ser educada por não estar interessada, mas de alguma forma isso fez com que eu me transformasse numa pessoa fria.

Eu exalei.

— Sim, eu entendo perfeitamente.

— Sêrio?

Eu assenti.

— Eu ouço isso neste comando. O tempo todo.

— Divertido, não é?

— Demais.

Kim pegou um guardanapo do dispensador sobre a mesa e começou a arrancar pequenos pedaços.

— Todos eles falavam sobre como eu era uma rainha do gelo. Como a segurança em Fort Knox não era nada comparada com a

dificuldade de acesso à minha boceta. — Suas bochechas ficaram vermelhas e ela olhou para as mãos enquanto continuava rasgando o guardanapo. — Eles me apelidaram de arame farpado.

— Arame farpado?

Ela assentiu.

— Um dos caras passou metade do baile da Marinha dando em cima de mim. Quando o recusei pela centésima vez naquela noite, ele foi e disse aos outros que não conseguiu ultrapassar a cerca de arame farpado nas calças de Lockhoff. — Ela riu amargamente. — E o nome pegou.

Meu coração caiu na boca do meu estômago.

— Oh meu Deus. Isso é horrível.

— Não é o pior de tudo. — Ela largou o guardanapo esfarrapado e se abraçou, ainda evitando meus olhos. — Algumas vezes, ouvi homens sob meu comando dizendo que só precisava de um pau para me colocar na linha, para eu parar de ser uma vadia.

Meu sangue ficou frio. Era um sentimento familiar. . .

Ela passou a mão instável pelos cabelos.

— Eu estava assustada. Pensei que eles poderiam fazer algo para "consertar" o Arame Farpado. Então, quando cheguei a Okinawa, fiz o que todas as meninas populares do meu último comando faziam. — Ela suspirou. — Exceto realmente dormir com qualquer um deles. Mas eu bebi com eles, festejei com eles, agi como a coisinha sacana que todos eles queriam. E que surpresa, isso saiu pela culatra também.

— Como assim?

Ela encontrou meus olhos.

Eu respirei fundo.

— Então, o que aconteceu com Stanton?

Baixando o olhar, Kim estremeceu.

— Nós estávamos em uma festa de aposentadoria. Do Chefe Sênior O'Leary, há alguns meses.

— Certo.

— Tomei algumas cervejas, mas ainda estava bem firme. — Ela tamborilou com as unhas na mesa. — E então Stanton aparece e começa a falar comigo. E, quero dizer, ele é tenente. Ele é o maldito oficial de segurança. Eu sou apenas uma terceira classe e... Eu

acho que fiquei meio surpresa que ele estivesse falando comigo. Os policiais geralmente não nos dão confiança, sabe? — Ela estendeu a mão e esfregou a ponta do nariz. — Eu pensei que era uma boa opção conversar com alguém que conseguisse encadear uma frase sem colocar *porra* entre uma palavra e outra.

Eu assenti. Embora não tenha dito em voz alta — não faz sentido adicionar insulto à lesão — o fato é que Stanton pode ser encantador quando quer. Ele era um completo idiota, mas de vez em quando...

Limpei minha garganta para mascarar um arrepio.

— O que aconteceu depois disso?

— Ele me ofereceu uma carona para casa, e... — Ela cobriu o rosto com as mãos por um segundo. — Deus, eu me sinto tão estúpida. Eu apenas pensei que ele estava sendo legal. — Xingando baixinho, ela deixou cair as mãos. — Um minuto ele estava me levando para casa. Então ele para no estacionamento próximo ao Tengan Pier. Você sabe, no meio do nada.

Eu balancei a cabeça, uma sensação de mal-estar no meu estômago. A primeira vez que tive que guardar o píer longo e quase vazio, Alejandro brincou dizendo que, *no Tengan Pier, ninguém pode ouvi-lo gritar*. De repente, esse comentário não era tão engraçado.

Bebi meu café.

— Sim, eu conheço o lugar.

— Eu deveria saber que algo estava acontecendo. Eu nem sabia o que estava pensando naquele momento, e então ele me beijou, e eu estava... — Seus olhos estavam sem foco, e ela balançou a cabeça lentamente. — Eu fui pega de surpresa no começo, não fiz nada. Mas então eu tentei afastá-lo. Foi quando ele esticou o braço e apertou a alavanca do encosto do banco. Ele reclinou. Ele me empurrou de costas e começou a empurrar minha saia para cima. — Kim se abraçou mais forte e estremeceu. — Eu disse para ele parar, mas ele me ignorou. Eu tentei fechar as pernas, mas ele manteve o joelho entre elas.

— Jesus — eu respirei. Eu esperava que se ela visse o suor escorrendo pela minha têmpora, culpasse o calor e a umidade e que

ela não notasse o jeito que eu estava segurando a lateral da minha cadeira com uma mão.

— Ele estava por cima, e... quando ele abriu o zíper da calça, entrei em pânico. Eu disse várias vezes a ele que não queria fazer isso, e disse a ele para parar, e ele apenas... — Ela ficou em silêncio por um momento, ainda olhando para a mesa, sem foco. Todo o seu corpo tremia, e as mechas do alto dos seus cabelos se encharcaram, já que ela estava começando a suar como eu.

— Podemos fazer uma pausa, se precisar — Minha voz de policial soou estranha aos meus próprios ouvidos, mas mudar para esse modo, sendo policial em vez de mulher que estava lá, significava que eu tinha uma chance de terminar essa conversa. — Não tenha pressa.

Ela ficou quieta novamente, mas apenas por um minuto ou mais.

— Eu apenas me senti assim... — Ela bateu nos olhos com uma mão trêmula. — Olhe para mim. Eu sou mais de trinta centímetros mais baixa que ele. Eu sou razoável em defesa pessoal, mas esse cara... ele é *forte*.

— Sim, ele é.

— E havia algo sobre o jeito que ele estava olhando para mim e me segurando, que me dizia que não havia sentido em brigar. — Ela mordeu o lábio inferior. — Tipo, isso ia acontecer quer eu gostasse ou não, e a única palavra que eu tinha no assunto era se eu estaria machucada e sangrando depois. Eu poderia lutar com ele ou poderia deixa-lo agir, mas ele tinha o controle. Então eu... — Ela enterrou o rosto nas mãos por um momento, depois as colocou no colo e ergueu o olhar, os olhos molhados. — Eu deixei ele agir. Eu nunca disse que sim. Eu nunca disse a ele que queria. Eu apenas parei de lutar, e eu... — Ela fungou bruscamente quando uma lágrima deslizou por sua bochecha. — Eu deixei ele agir.

— Mas você disse que não, não é?

— Sim, mas...

— Então ele não devia...

— Eu sei. — Ela enxugou os olhos. — Mas tente convencer todos os caras que pensam que eu sou uma prostituta e todos os melhores amigos de Stanton que eu não queria. Quando você é uma garota como eu, qualquer coisa além de arranhar o rosto dele e

gritar: “Não!” É tão bom quanto “sim”. Você e eu sabemos que não, mas nossa opinião é a de um juiz. . .

As palavras me atingiram com força. Eu queria tanto dizer que ela estava errada. Mas eu sabia o quão fodido era o nosso comando. Eu sabia o quanto o pelotão estava contra ela.

— Sinto muito — falei, e isso nunca soou tão inútil.

— Tentei ser o que pensei que eles queriam que as meninas da Marinha fossem, e... — Ela enxugou os olhos. — É como, agora que eles acham que sou uma vadia, eles ficam ofendidos como o inferno se eu os rejeitar. Todos os caras do meu último comando pensaram que eu era uma cadela por excluí-los. Todos os caras daqui acham que sou uma vaca porque pensam que estou dormindo com todos, menos com eles. — Ela levantou as mãos. — Eu não sei o que fazer.

— Eu conheço o sentimento.

— Conhece?

Eu assenti.

— Começa no campo de treinamento e acho que nunca termina.

Ela gemeu e enterrou o rosto nas mãos novamente.

— Deus . . .

— Eu sei. Acredite em mim, eu sei.

— Como você lida com isso?

Dei de ombros.

— Tentei fazer com que os caras ficassem "satisfeitos" comigo, mas mesmo isso não funcionou. Ser você mesma não funciona, na verdade, seu palpite é tão bom quanto o meu.

Kim estremeceu.

— Para ser sincera, ser eu mesma me assusta mais do que qualquer outra coisa.

— Por quê?

— Porque eu não quero... — vacilando, ela se interrompeu.

Eu me inclinei para mais perto.

— Você não quer...?

— A irmã do meu amigo está no exército — disse Lockhoff, mal sussurrando. — E ela me contou como quando os caras sob seu comando descobriram que ela era lésbica, eles a viram como um desafio. — Ela encontrou meus olhos. — Eu já fui ameaçada com

estupro corretivo. Mais de uma vez. Eu não vou pintar um alvo na minha testa.

Eu pisquei.

— Você está... você está me dizendo que é lésbica?

Ela quebrou o contato visual. Depois de um momento, ela assentiu.

Estendi a mão sobre a mesa e toquei seu braço.

— Está bem. Eu não vou contar.

Com uma risada sem humor, ela disse:

— Mas você perguntaria?

— Em confiança, sim, acho que sim. — Eu dei um tapinha no braço dela antes de retirar minha mão. — Mas você não é a única, só pra você saber.

As sobrancelhas dela saltaram.

— Você é...?

Eu assenti, e algo no meu peito relaxou. Eu estava morrendo de vontade de contar a alguém há muito tempo, e foi um alívio mesmo nesse contexto. DADT³ era uma lembrança distante, mas sair do armário ainda era aterrorizante.

Kim me olhou em silêncio por um momento.

— Você tá falando sério? Você é lésbica?

— Todos os rumores não revelaram?

Ela acenou com a mão.

— Não levo muito a sério os caras que também se gabam de me colocar na cama. — Eu fiz uma careta. — Você já ouviu isso?

— Oh sim.

— Ai.

Ela encolheu os ombros.

— Eu me preparei para isso. O engraçado é que agi como uma prostituta porque pensei que poderia fazer o resto do comando me aceitar. Eu não sabia que isso iria irritar todos eles. — Ela passou a mão pelo rosto e amaldiçoou suavemente. — Quem sabia que eu estava me preparando para...

— Você não estava. — Apertei a outra mão. — Não se atreva a se culpar.

Ela segurou meu olhar e depois soltou um suspiro.

— Você acha que não teria acontecido se eu não...

— Não está certo, Kim. Você estava jogando o melhor que podia. A culpa pelo que aconteceu é de Stanton. Não sua.

Kim se agachou na cadeira.

— Eu odeio o fato de que, não importa o quanto os dois saibamos disso, isso não vai mudar nada. Eu sou a pessoa que não consegue dormir à noite e tem que fazer um... — Ela engoliu em seco. — E nada vai acontecer com ele. — Quando ela passou a mão pelos cabelos, seus ombros caíram ainda mais e seu olhar caiu.

Meu coração doía. Deus, eu podia ver muito de mim nela. Eu não tinha ideia do que fazer ou dizer, mas caramba, se eu não sabia como era sentir essa dor.

— Venha aqui. — Eu levantei e, quando ela fez o mesmo, passei meus braços em volta dela. — Sinto muito por tudo isso ter acontecido com você.

— Obrigada.

— De nada. — Eu a abracei mais apertado. — E sinto muito por questioná-la quando...

— Não. — Ela se afastou e olhou para mim. — Eu juro, não estou chateada. Entendi.

— Mas eu...

— Por favor — ela sussurrou. —, não. Está tudo bem.

Eu exalei.

— OK. Quando voltarmos e você for denunciar isso, se precisar de alguém para ir ao SARC, basta falar.

— Eu falo.

Eu a soltei e encontrei seus olhos.

— Por enquanto, estamos no Havaí. — Eu sorri cautelosamente.

— Por que não vamos ao motel, deixe-me tomar um banho e depois saímos para relaxar?

Ela não sorriu de volta.

— Parece uma ótima ideia.

CAPÍTULO 9



Desde o momento em que a segunda linha azul apareceu no teste de gravidez em casa, eu estava um caco. Ainda pior do que eu estava logo após a festa de aposentadoria de O'Leary. Pensamentos como me divertir e sair apenas por sair se tornaram conceitos estranhos.

Quando Reese se vestiu depois de tomar um banho rápido, eu nem sabia para onde ir durante a tarde. Eu não sabia por onde começar. Eu estava trancada dentro da minha cabeça por tanto tempo, obcecada com coisas além do meu controle, que eu não tinha ideia do que fazer comigo agora que decidi respirar.

Entreguei as chaves a Reese e entramos no carro alugado. Enquanto ela ligava o ar condicionado para afastar o calor da tarde, ela olhou em volta.

— Cara, você não vem muito para essa área, vem?

— Não, é uma parte tão ruim da cidade, mas era tudo o que eu podia pagar.

— Nesta ilha? Eu não duvido. Honolulu custaria um salário inteiro.

— Não é? Eu fui mal-acostumada. Okinawa é barata.

— Isso é certeza. Oahu é uma merda. — Ela bateu os polegares no volante por um momento. — Por que não comemos algo? Você ficará escondida naquele local por alguns dias, então acho que deveríamos pegar um pouco de ar fresco e comida decente enquanto ainda pudermos.

Eu não tinha certeza se algo que eu comesse ficaria no meu estômago, mas estava disposta a tentar.

— Alguma coisa em particular que você goste? — Ela se virou para mim. — Não quero incomodar seu estômago.

— Meu estômago está bem. *Até agora.*

— É mesmo? Eu pensei... uh...

— Pensou que estivesse naquela fase em que estou vomitando a cada segundo?

— Basicamente, sim.

— Não, eu estou bem. — Eu balancei minha cabeça. — O problema é que eu nem sequer tive enjoo matinal. A única vez que fico enjoada é quando Stanton está por perto.

— Oh, querida. — Reese acenou com a mão. — Eu não estou carregando o filho dele e quero explodir em pedaços sempre que ele aparece.

Eu torci o nariz.

— Ele meio que tem esse efeito, não é?

— Não há “meio” sobre isso. Ele é assustador.

— Ele é sim. Mas sim, para comida? Qualquer coisa. Na verdade, estou com mais fome do que pensava.

— Eu também. Aquelas pequenas refeições que eles servem no avião são uma piada.

Eu ri.

— Eu não sei. São melhores do que comida de companhias aéreas comerciais.

— Ok, eu vou ceder nessa. Mas até um Big Mac em temperatura ambiente é melhor do que comida de companhias aéreas comerciais.

— Bom argumento.

Nós olhamos uma para a outra e ambas rimos.

Ela colocou o carro em marcha ré e saiu do estacionamento.

— Por que não vamos a Waikiki? Tem que haver comida decente lá em baixo.

— Estou dentro.

Sair desse buraco, escapar da realidade para desfrutar de uma refeição com alguém que não estava me julgando ou me ameaçando?

Sim. Eu estava dentro.



Em Waikiki, Reese estacionou do lado de fora de um daqueles shopping centers que atendiam turistas sem bom gosto e com muito dinheiro. Depois de passear por um tempo através de multidões de pessoas com óculos escuros grandes e camisas havaianas brilhantes, encontramos um café com vista para uma bela praia de areia branca.

A recepcionista nos levou à uma mesa no pátio e nos deu alguns menus coloridos e plastificados.

Por alguns minutos, apenas me recostei e deixei o vento tropical brincar com meu cabelo e aquecer meu rosto. O clima aqui era quase idêntico a Okinawa, mas pelo menos por esta tarde não me levou de volta à ilha onde ele estava me esperando. Mesmo que apenas por hoje, foi um alívio sair do quarto de motel gelado onde eu estava à beira de um colapso.

Eu mudei meu olhar para Reese, observando-a sobre o menu enquanto ela olhava para o oceano. Eu ainda não conseguia acreditar que ela tinha vindo. Eu implorei para ela entrar no Skype porque precisava de alguém para me ouvir e apenas estar lá para não me sentir tão sozinha. A última coisa que eu esperava era isso. Sem perguntas, a qualquer momento, a mulher que nem gostava de mim há uma semana havia deixado o comando, entrado num avião e agora... ela estava aqui.

Porque podemos ter mais em comum do que você pensa.

Ela não disse exatamente o que havia acontecido, mas eu pude ligar os pontos que ela me deu. E não havia como agradecer que isso tivesse acontecido com ela, apenas para que pudéssemos encontrar um terreno comum. Eu não teria desejado isso para ninguém.

Mas se houvesse o menor lado positivo nisso, ficava agradecida. Ela virou a cabeça e eu quase derrubei meu cardápio. Ela levantou as sobrancelhas.

— Você está bem?

— Sim.

Sim eu... Estava encarando você porque...

— Eu estou bem. Apenas viajei um pouco.

Ela sorriu fracamente.

— Eu não posso te culpar. E se eu dormir aqui à mesa, não leve para o lado pessoal.

Eu ri.

— Isso significa que eu tenho que dirigir de volta?

— Veremos. Mas quando eu ingerir um Red Bull ou dois, ficarei bem. Estou um pouco afetada pelo fuso.

— Você dormiu, pelo menos, no avião?

Reese assentiu.

— Deus, eu amo jatos de carga. Nada como poder se esticar sobre os assentos.

— Não é? E o barulho dos motores abafa todo o resto. Se não fosse tão frio, seria perfeito.

Ela encolheu os ombros.

— Eu arrumei um cobertor. Eu fiquei bem.

— Esperta.

— Você não?

— Não, não, eu consegui um. Mas havia uma família no meu voo que obviamente nunca havia voado na classe de carga antes.

— Ai.

— Sim.

Nossos olhos se encontraram, e eu tinha certeza de que era estranho.

O que diabos dizemos agora?

O silêncio estava prestes a se instalar, mas a garçonete escolheu aquele momento exato para se materializar ao nosso lado.

— Vocês já tiveram a chance de se decidir? — ela perguntou.

— Hum... — Olhei para o menu e percebi que estava tão focada em Reese que nenhum item havia sido registrado.

— Continue. Eu só preciso de um segundo.

Enquanto Reese pedia, rapidamente examinei o menu. Droga, todas as bebidas tropicais sofisticadas pareciam ridiculamente tentadoras. Ficar bêbada e estúpida parecia ainda melhor.

Mas eu decidi por um *mai tai* sem álcool. Depois que a garçonete foi embora com nossos pedidos, balancei a cabeça.

— Não sei por que não pedi um de verdade. Parece meio estúpido, não é? Preocupar-me com álcool quando vou... — Eu não conseguia nem terminar o pensamento.

— Não, não é.

Engoli.

— Mas a única razão pela qual eu não faria isso é porque estou grávida. E depois de amanhã...

Ela estremeceu e apertou os lábios.

Eu brinquei com a borda da toalha de mesa.

— Se você está pensando em algo, basta dizer.

Ela encontrou meu olhar, mas ainda hesitou. Então ela se inclinou para frente, cruzando as mãos sobre a mesa.

— Ouça, estou aqui para apoiá-la. Você está sendo puxada em centenas de direções e tem uma tonelada na sua cabeça. Eu não quero adicionar isso.

Eu levantei minha sobrancelha.

— Mas...?

— Mas eu também estou preocupada com você. E sobre como você está lidando com tudo. Especialmente amanhã.

— Eu nem sei. Eu meio que passei pelas emoções porque não sei mais o que fazer. — Eu exalei com força. — Para falar a verdade, não sei o que estou fazendo. Estou arrasada desde a noite em que aconteceu, e depois desse teste positivo...

— Acho que qualquer um estaria. Sob as duas circunstâncias. — Ela engoliu em seco. — Não vou tentar convencê-la disso. A decisão é sua. Mas pelo menos me prometa que essa é sua decisão. Sua escolha. Não dele.

Eu abaixei meu olhar.

— Kim...

Esfregando a parte de trás do meu pescoço, suspirei pesadamente.

— Eu não sei mais o que fazer. Como eu disse antes, não posso colocar o bebê para adoção sem o consentimento dele.

Ela xingou baixinho.

Eu levantei meu olhar.

— Tudo o que me resta agora é fazer o aborto e, em seguida, denunciar o estupro e esperar em Deus que tudo não seja varrido para debaixo do tapete.

— Droga. — Ela beliscou a ponta do nariz e abaixou a mão. — E, claro, não estou julgando você. Eu odeio o fato de ele decidir.

Eu fiz uma careta.

— Ele tomou todas as decisões desde o início.

— Eu sei. E nenhuma delas era dele.

— Então, o que você acha que eu deveria fazer?

Reese ficou quieta por um momento, depois suspirou.

— Eu não sei. Eu realmente gostaria de ter uma alternativa para você.

— Eu também.

E mais uma vez, o *timing* da garçonete foi perfeito. Ela colocou nossos pratos e bebidas na nossa frente, e Reese e eu afastamos a conversa desconfortável em favor de desfrutar da nossa refeição.

Havia algo meio estranho em ficar sentada aqui, tendo um bom jantar na praia, apenas algumas horas antes... antes de precisar agir. Como se eu estivesse escondida no quarto frio do motel, surtando em vez de deixar o sol aquecer meus ombros enquanto comia com Reese.

Eu estava apavorada. Eu estava presa. Eu estava sofrendo e amanhã também estaria sofrendo fisicamente.

Mas pelo menos eu não estava sozinha.

CAPÍTULO 10

REESE



Não estávamos com pressa, mas, com o tempo, quando o sol começou a se por no céu claro, a garçonete pegou nossos pratos vazios e nos deixou com copos quase vazios.

Kim esvaziou o copo e colocou-o na mesa.

— Devemos voltar para o hotel?

Suspirei. O amanhã ia começar cedo. Poderia muito bem deixá-la dormir o máximo que pudesse.

— Sim, eu acho.

Suas feições se estreitaram e ela olhou para o oceano novamente.

— Ainda não precisamos ir. — Fiz um gesto para o trecho de areia branca, onde apenas algumas pessoas ainda permaneciam.

— Nós podemos passear na praia por um tempo. Parece que os turistas quase desapareceram.

Ela pareceu refletir sobre a ideia por um momento. Então ela sacudiu um pouco de tensão dos ombros e conseguiu dar um leve sorriso.

— Isso parece muito bom. Vamos lá.

Dividimos a conta, pagamos e fomos para a praia.

Alguns passos depois, Kim parou.

— Droga.

— O quê?

— Areia. — Ela riu enquanto tirava a sandália. — Você sabe como as pessoas escrevem descrições pessoais e dizem que

adoram longas caminhadas na praia? — Ela sacudiu a areia. — Eu acho que a maioria dessas pessoas nunca fez uma longa caminhada na praia.

Eu também ri.

— Você não gosta?

— Claro. — Ela tirou a outra sandália e sacudiu a areia. — Mas eu odeio areia nos meus sapatos.

— Sim, eu também. — Tirei minhas próprias sandálias. — Dane-se. Vou descalça.

— Boa ideia. — Ela olhou em volta. — Essa não é uma dessas praias com cacos de vidro e outras coisas, não é?

— Melhor não ser.

— Hum. — Ela deu de ombros e enganchou os dedos nas tiras das sandálias. — Tomei antitetânica.

— Eu também. E se houver antraz em alguma coisa, eu estou bem também.

Kim riu. Tipo, realmente riu.

— Eu sabia que aquelas vacinas idiotas acabariam valendo a pena!

Eu bufei.

— Ou talvez os anúncios devam usar isso como slogan: venha para Waikiki — você nem precisa da injeção de antraz!

Ela sufocou uma risadinha.

— Oh sim. Isso traria as pessoas para cá em massa.

— Nunca se sabe. As pessoas visitam lugares pelas razões mais estranhas.

Sua diversão desapareceu de repente, e meu coração caiu.

— Eu... Isso não foi o que eu quis dizer.

— Eu sei. — Ela suspirou e viu a maré entrar. — Um dia desses eu gostaria de voltar aqui apenas para umas férias.

— Sim, eu também. Algum dia, eu vou fazer trilha em Diamond Head. — Eu balancei a cabeça em direção à enorme formação rochosa à distância. — Eu só tive alguns dias quando meu navio aportou em Pearl Harbor.

— Talvez na próxima vez. — Ela olhou para mim. — Nós sempre podemos voltar em alguns meses.

— Sério? Quero dizer, sim. Eu adoraria. Não é muito caro chegar aqui de Okinawa se fizermos um voo militar.

— Então vamos lá. Abandonamos o comando por um tempo e vamos até lá. — Ela apontou para Diamond Head. — A vista deve ser incrível.

— Sem brincadeira. Você já esteve nos castelos de Okinawa?

— Não. Eu passei por Katsuren, mas nunca estive em nenhum deles.

— Você está perdendo. As vistas são simplesmente espetaculares.

— É mesmo? Qual é o seu favorito?

Continuamos descendo a praia, sapatos na mão e vento quente nos cabelos, conversando sobre os lugares que visitamos — ou desejávamos visitar — em Okinawa. O tempo todo, eu não pude deixar de roubar um olhar estranho para ela. Esse era um lado de Kim que eu nunca tinha visto antes. Ela estava a horas de distância de algo que eu não conseguia imaginar, mas estava relaxada agora, sorrindo e passeando por uma praia com as sandálias penduradas nos dedos.

Enquanto andávamos e conversávamos, a culpa me atormentava por como eu me senti a respeito dela antes. Ela não era uma das mulheres que dava uma má reputação às mulheres militares. Eram homens como Stanton e sua classe que nos davam uma péssima reputação.

E Stanton, aquele filho da puta, a colocara nessa situação e a deixara com poucas ou nenhuma opção. Eu gostaria que ela cancelasse amanhã, mas não era minha escolha. Mesmo que Stanton tivesse feito isso por ela, isso não me faria dizer a ela para não seguir adiante.

Especialmente porque eu ainda não podia oferecer alternativas. Stanton a tinha encurralado, e ele tinha toda a nossa cadeia de comando na mão. Com o quanto ele tinha a perder, eu não tinha dúvida de que ele lutaria com unhas e dentes para garantir que qualquer ação que ela tomasse explodisse em seu rosto. Mesmo se descobrisse que Stanton era pai de seu bebê, independentemente de ser consensual, ele poderia ser condenado por adultério, confraternização e conduta imprópria de um oficial e um cavalheiro.

Sua carreira — e provavelmente seu casamento — terminariam. Não havia como ele deixar isso destruir sua vida assim, e ele tinha muito mais poder e influência do que Kim.

Ela precisava de um aliado com mais influência do que uma MA2, e eu não consegui encontrar um para ela. Stanton tinha os lábios firmemente ao redor do saco de todos acima dele, e todos abaixo dele tinham os lábios ao redor do dele.

Até Alejandro. Eu me encolhi. Houve momentos em que pensei em contar a ele o que havia acontecido comigo, mas depois de ouvi-lo outro dia...

Não havia muitos sentimentos piores do que saber que você acabou de perder um dos seus aliados mais próximos e confiáveis.

Mas não precisamos pensar sobre isso ou qualquer outra coisa hoje à noite. Não com o amanhã chegando rápido demais e apenas algumas horas entre agora e depois para Kim recuperar o fôlego e relaxar.

Depois de caminharmos um pouco, Kim parou.

— Eu... — Ela me encarou. — Queria te agradecer, Reese. Por ter vindo aqui. — Seu sorriso demorou a se formar, mas quando o fez era caloroso. — Realmente significa muito.

Retornei o sorriso, tentando não me distrair com a maneira como o sol se punha em seus olhos e cabelos escuros.

— De nada. — Eu passei meus braços em volta dela. — E prometo que estarei aqui até o fim.

— Obrigada.

Fechei os olhos e a segurei mais apertado.

— Eu sei que não parece agora, mas fica mais fácil.

Ela me abraçou de volta.

— Quando?

Eu engoli, segurando-a mais apertado.

— Leva tempo. Um dia você acorda e ele não é o seu dono tanto quanto no dia anterior.

— Eu pensei que estava melhorando. — Ela suspirou profundamente. — Então a menstruação não veio, e...

— Eu sei. — Eu acariciei seus cabelos. — Eu só queria que houvesse mais que eu pudesse fazer.

Ela descansou a cabeça no meu ombro.

— Você fez muito mais do que eu poderia ter pedido a alguém.
— Kim levantou a cabeça, se afastou e encontrou meus olhos. Os dela estavam molhados, mas o sorriso dela era genuíno. — Estou falando sério. Eu nem consigo te dizer o quanto isso significa.

Eu sorri e escovei alguns fios de cabelo soprado pelo vento em seu rosto.

— Ninguém deveria ter que passar por algo assim sozinho.

Sua expressão ficou mais séria, sua testa enrugou enquanto ela procurava meus olhos.

— Você passou.

Eu estremeci.

— Não significa que você deveria.

— Obrigada. — Ela me abraçou novamente, e eu a segurei firme.

Porra, eu odiava não ser capaz de protege-la de tudo isso. Eu poderia dizer a ela que ficava mais fácil — e ficava, de um jeito muito lento. Eu poderia ter certeza de que ela estaria segura e cuidada amanhã — e eu faria isso.

Mas Stanton ainda a estuprou. Exceto voltando no tempo, não havia como apagar isso de sua vida.

Sinto muito que você tenha se machucado assim, Kim.

Depois de um momento, ela enxugou os olhos.

— Está ficando tarde. Acho que deveríamos voltar.

Eu assenti.

— Sim. Vamos lá.

Eu mantive um braço em volta dos ombros dela enquanto nos dirigíamos lentamente para o carro. O amanhã seria um inferno, e não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso.

Mas pelo menos ela tinha esta noite.

CAPÍTULO 11

KIM



Houve apenas uma outra vez na minha vida em que eu conseguia me lembrar do meu coração batendo tão forte. Ironicamente, foi a noite em que engravidei.

Não me incomodei em tentar ler uma revista. Às vezes, olhava para a tela da TV ao lado da mesa da recepcionista, mas estava passando o telejornal e as notícias eram deprimentes como sempre.

Olhei para cima e meu estômago revirou. O relógio na parede tinha que estar errado. Minha consulta era realmente em cinco minutos?

Não, quatro minutos.

Oh merda.

Fechei os olhos e respirei fundo lentamente. Dentro de uma hora, eu estaria sob sedação e, quando acordasse, tudo estaria acabado.

Certo?

Exceto a recuperação física. E voltar para Okinawa. E estar de frente com Stanton novamente.

Está feito, eu podia me ouvir dizendo.

Bom. Agora podemos esquecer que isso aconteceu.

Mas não conseguia esquecer. Qualquer coisa. Não naquela noite. Não as ameaças em seu escritório.

Não... isto.

Uma enfermeira apareceu na porta.

— Lockhoff?

Não havia como voltar agora. Eu levantei e olhei para Reese. Para a enfermeira, eu disse:

— Ela pode vir comigo?

— Claro. Ela pode ficar com você enquanto tomamos seus sinais vitais e a preparamos para a cirurgia.

Meu estômago revirou. Cirurgia. Porra. Talvez eu devesse ter escolhido a versão química. Eu poderia tomar uma pílula e acabar com isso. Bem, além da dor e recuperação, mas essas eram garantidas de qualquer maneira. De alguma forma, quando agendei isso, a opção cirúrgica tinha sido mais atraente, porque eu poderia estar inconsciente durante a pior parte. Eu não tinha pensado em como me sentiria voltando ao pré-operatório, minhas pernas tremendo tanto que não tinha certeza de poder mantê-las debaixo de mim. Reese ficou perto, e a cada passo eu tinha que me impedir de agarrar seu braço e implorar para que me afastasse deste lugar.

A enfermeira abriu a porta da sala de exames e fez um gesto para eu entrar. Reese sentou-se. Olhei para a mesa de exame, que parecia mais uma cadeira, um pouco maior e de encosto reclinado.

— Sente-se bem aqui, Srta. Lockhoff. — A enfermeira bateu na cadeira de mesa coberta com papel de seda. — Eu só vou pegar seus sinais vitais, e então você vai colocar o vestido para que possamos começar um IV.

Oh Deus.

Estômago agitado e coração batendo forte, sentei-me na beira da cadeira enquanto ela escrevia algo no meu prontuário. Chamei a atenção de Reese, e ela deu um sorriso tranquilizador, embora leve. Tentei devolvê-lo, mas quando a enfermeira colocou a caneta de lado e virou-se para mim novamente, tive que me concentrar em não vomitar ou desmaiar.

Eu estava realmente fazendo isso?

Engoli em seco e senti a mão de Stanton no meu pescoço novamente, o polegar sobre minha traqueia. *Apenas faça.*

A enfermeira estava falando comigo, me dizendo o que ela estava prestes a fazer, o que aconteceria entre agora e a anestesia. Pelo menos, era o que eu pensava que ela estava dizendo. Concordei, respondendo automaticamente, mas a única voz que ouvi foi a de Stanton.

Se sou o pai, tenho direitos paternos.

E eu juro a você, se decidir destruir minha vida e carreira com essa criança e essa besteira de estupro...

A enfermeira colocou um bracelete de identificação de plástico no meu pulso.

— *Vou exercer todos esses direitos.*

Ela deslizou um manguito de pressão arterial no meu braço e, enquanto ele se contraía, eu agarrei a borda da mesa, focando nisso, em vez da sensação de alguém me segurando. Meu braço, minha garganta. . .

Faça isso, MA3.

As bordas da minha visão escureceram e a sala mudou.

As mãos da enfermeira apareceram nos meus ombros.

— Você está bem, querida?

— Eu só...

Eu não deveria estar aqui.

— Fiquei um pouco tonta.

— Isso acontece algumas vezes. Vamos descansar um pouco.

— Ela gesticulou atrás de mim. — Apenas relaxe, querida. — Ela moveu a mão do meu ombro para o meu braço e empurrou suavemente para me guiar de volta contra...

Eu estava no banco do passageiro reclinado novamente. Lâmpadas de rua. Luzes do painel. Dedos cavando no meu braço. Alguém empurrando minha saia até meu quadril.

— Apenas relaxe — uma voz que pode ter sido da enfermeira e de Stanton ecoou em meus ouvidos. — Deite-se.

Lutar não adiantava contra mãos tão fortes. Eu não conseguia ar suficiente. O mundo estava girando. Eu não conseguia respirar. Onde diabos eu estava? No carro? Em uma sala de exames? Era uma luz de cúpula ou fluorescente? Onde...

— Kim. — A voz de Reese me assustou de volta à sala de exames. Ela segurou meu rosto. — Olhe para mim, Kim.

Pisquei algumas vezes até me concentrar nela e agarrei seu pulso porque precisava tocá-la e ter certeza de que ela estava realmente lá.

— Kim, você está a salvo. — Ela acariciou meu cabelo com a outra mão. — Você está na clínica. Em Oahu. Você está segura.

Um calafrio passou por mim e eu afundei contra a mesa meio reclinada. Parecia que água fria corria pelas minhas veias. Minha mão tremia quando soltei o pulso de Reese e tentei apenas respirar.

— Você está comigo, Kim?

Eu assenti.

Quando meu corpo inteiro começou a tremer assim?

Reese virou a cabeça.

— Pode nos dar um minuto?

— Certo. Claro.

A enfermeira? De onde ela veio?

— Eu estarei lá fora.

— Obrigada. — Reese me encarou novamente. — Apenas Respire.

— Eu preciso...

— Respire — ela sussurrou. — Você não precisa fazer nada até estar pronta. Dê a si mesma algum tempo para voltar.

— O que diabos aconteceu?

Ela acariciou meu rosto com as pontas dos dedos macios.

— Acho que você teve um flashback.

Lambi meus lábios secos.

— Deus. Eu tive. — O lençol de papel amassou embaixo de mim quando deixei minha cabeça descansar no travesseiro. — Jesus...

Ela pegou minha mão.

— Já passou?

— Acho que sim. — Eu me virei para ela. — Acontece com você?

Reese assentiu.

— Não muito mais, mas... sim. — Seu polegar correu para frente e para trás ao longo do meu. — É aterrorizante, eu sei.

Esfreguei minha outra mão no rosto, limpando o suor.

— Eu nem sei o que aconteceu.

— Não tente descobrir agora. Apenas relaxe.

Fechei os olhos.

Reese apertou minha mão.

— Você não precisa passar por isso, Kim.

— Sim, eu preciso. — Eu lutei para encontrar minha respiração.

— Eles não podem me colocar de serviço novamente antes que

minha licença seja...

— Está bem. Você sempre pode tirar mais dias, se precisar. — Ela soltou minha mão e tocou meu rosto novamente. A ponta do polegar dela fez arcos suaves e reconfortantes ao longo da minha bochecha, e eu me concentrei nisso quando ela sussurrou: — Uma vez feito, não há como voltar atrás. Se não tiver certeza, não faça. Ainda há tempo para pensar sobre isso.

Mordi meu lábio.

Uma batida silenciosa na porta virou nossas duas cabeças. Ele se abriu um pouco e a enfermeira enfiou a cabeça.

— Você está melhor, querida?

Eu assenti.

— Sim. Pode entrar.

Ela fechou a porta atrás dela.

Eu respirei.

— Eu estou... Não tenho certeza se posso continuar com isso.

A enfermeira colocou minha ficha no balcão.

— Muitas jovens reconsideram no último minuto. É uma grande decisão.

Engoli o caroço subindo na minha garganta.

— Só que eu preciso fazer isso.

Ela olhou para mim com olhos gentis.

— Você está de apenas oito semanas. Você ainda tem tempo até a lei se tornar um problema. — Ela pegou minha mão e apertou-a suavemente. — É uma decisão importante, então se você quiser usar esse tempo. . .

Olhei para Reese e ela assentiu.

A enfermeira tocou meu ombro.

— Te darei alguns minutos.

Ela saiu de novo. Assim que estávamos sozinhas, Reese colocou o braço em volta dos meus ombros, e eu quase quebrei.

— Eu não sei o que fazer — eu sussurrei.

— Você ouviu a enfermeira. — Ela alisou meu cabelo. — Se precisar de mais tempo, aguarde. Esta é sua decisão. De mais ninguém. Definitivamente não é dele. Não faça isso até ter completa certeza de que está pronta.

— E a nossa licença?

— Nós vamos resolver isso. Vou enviar um e-mail para o MA1. Ele fará isso acontecer. Eu prometo.

Eu não tinha tanta certeza de que Gutiérrez nos concederia uma extensão, mas apenas a abracei de volta e murmurei:

— Obrigada.



Sair daquele ar fresco e estéril e entrar na umidade espessa estava além de libertador. Tudo estava fora de controle desde a noite em que Stanton me estuprou, mas, finalmente, fui eu quem tomou uma decisão.

Reese se sentou no banco do motorista e, quando afivelei o cinto, perguntou:

— Para onde você quer ir?

— Vamos voltar para o quarto por enquanto. Eu acho que preciso descomprimir.

— Soa como um plano. — Ela girou a chave, mas ainda não colocou o carro em marcha. — Você está fazendo a coisa certa, a propósito.

Eu encontrei os olhos dela.

— Você acha que fazer o aborto é errado?

Ela mordeu o interior da bochecha.

— Não necessariamente. E essa não é minha decisão de qualquer maneira. Eu quis dizer se dar um pouco mais de tempo para ter certeza de que é isso que você quer.

Eu exalei.

— Espero que alguns dias sejam tempo suficiente para descobrir isso.

— Espero que sim.

Nenhuma de nós conversou no caminho de volta para o motel. Deus sabia o que ela estava pensando enquanto olhava para a

estrada. Eu, apenas observei o cenário passando enquanto tentava resolver a confusão de pensamentos em minha mente. Eu queria chorar porque toda essa situação não iria embora. Eu queria rir, porque era tudo tão absurdo e, talvez, se eu risse, não choraria. Mas as necessidades opostas pareciam se anular, e eu estava tensa... dormente. Exausta. Eu tinha certeza de que Reese estava certa e fiz a coisa certa e, ao mesmo tempo, estava igualmente convencida de que estava completamente fodida e isso se voltaria contra mim.

Reese parou no estacionamento do motel e fomos para dentro.

Este quarto parecia uma cela de prisão nos últimos dias. Eu não tinha muito dinheiro e não estava com disposição para fazer coisas turísticas sozinha, então passei quase a semana inteira aqui, olhando para as paredes e me perguntando quando diabos tudo isso terminaria.

Mas voltando agora, me senti segura. Como se atravessar a porta significasse que eu realmente tinha escapado, que ninguém me pegaria e me arrastaria de volta para a clínica para terminar o que comecei.

Ninguém estava vindo atrás de mim. Todos foram gentis e solidários, apesar de me aconselharem sobre as taxas de cancelamento dentro de 24 horas, e então eu arranquei a pulseira médica e fui para a porta. Ninguém tentou me impedir. O alcance de Stanton não se estendia à clínica de mulheres sombreadas por palmeiras em Oahu, e eu me desconectei sem nenhum incidente.

Quando Reese girou o ferrolho, afundei-me no pé da cama, sentada no mesmo lugar em que quase havia quebrado no outro dia. Logo antes de implorar a Reese o apoio que se transformou em uma viagem de avião e sua companhia tranquilizadora.

Ela se afastou da porta e colocou a mão no meu ombro.

— Como você está?

— Estou bem. — Eu soltei um suspiro. — E obrigada. Acho que não estava pronta para continuar.

— Então está tudo bem esperar. — Ela foi até a bolsa e pegou o laptop. — Deixe-me enviar um e-mail para Gutiérrez antes que eu esqueça.

— Tem certeza de que ele nos dará uma extensão de licença?

— Ele vai, se souber o que é bom para ele — ela murmurou. Eu não conseguia decidir se a implicação era que ele teria que responder a Stanton ou a ela, mas de qualquer forma, desde que a extensão fosse concedida, eu ficaria feliz.

Ela digitou um e-mail, enviou e fechou o laptop.

— Pronto. Feito.

— E você tem certeza que ele...

— Ele vai. Confie em mim.

Eu me recostei, descansando minhas mãos atrás de mim.

— Mais uma razão para eu estar feliz por você estar aqui.

Ela sorriu enquanto deslizava o laptop de volta na bolsa.

— Estou aqui para ajudar.

— Mas estou queimando sua licença.

Ela encolheu os ombros.

— Tenho quarenta dias pra queimar.

— Ainda assim. Você teve que sair, estar no terminal 0200. — Eu balancei minha cabeça. — Por quê?

Ela se sentou ao meu lado e pegou minha mão na dela.

— Você disse que precisava de alguém.

Eu segurei seu olhar e sua mão, mas não disse nada. A verdade era que eu não precisava apenas de alguém. Se eu percebi ou não na época, olhando para ela agora, não havia nenhuma dúvida em minha mente — eu precisava dela. Eu não conseguia explicar o porquê, mas dos outros sete bilhões de pessoas neste planeta, fiquei agradecida por ter essa em particular sentada aqui comigo.

Ela entrelaçou nossos dedos.

— Talvez depois de relaxar um pouco, devêssemos pegar algo para você comer.

— Boa ideia. Agora que você mencionou, estou morrendo de fome. — Estremeci com a lembrança de por que não comia desde a noite passada. — Eu poderia comer qualquer coisa, eu acho.

— Não duvido disso. — Ela se levantou, pegou as chaves do carro alugado e as girou ao redor do dedo. — Vamos lá.

CAPÍTULO 12

REESE



O Havaí tinha alguns lugares incríveis para comer. Toneladas de variedades legais de alimentos étnicos.

Então aonde nós fomos?

Burger King.

Talvez nós duas estivéssemos realmente com muita fome. Eu não conseguia comer essa manhã e não queria comer na frente dela de qualquer maneira, mas agora que o procedimento fora adiado, meu estômago se acalmou um pouco. E nós duas concordamos — fastfood gorduroso parecia muito bom.

Nós compramos hambúrgueres para levar e fomos até a praia. Lá, estendemos uma toalha na areia sob uma palmeira e sentamos com os sacos de comida entre nós. Durante muito tempo, apenas comemos e observamos o oceano, aproveitando a tarde quente.

Ocorreu-me que estávamos muito mais confortáveis uma com a outra do que no começo. Ela confiava em mim. E talvez isso significasse que eu devia a ela um pouco de honestidade.

Eu quebrei o silêncio.

— Então... hum... — Eu peguei minhas batatas fritas. — Quando nos conhecemos, eu disse que tínhamos mais em comum do que você provavelmente pensava.

Kim assentiu.

— Sim.

— Eu não pude falar sobre isso naquela noite, porque... — Engoli em seco. — Na verdade, não contei a ninguém sobre isso. Nunca.

— Eu não culpo você.

Eu respirei fundo.

— Mas eu deveria. E o lance de ser obrigada a reportar, isso... O estatuto de limitações subiu, por isso é um ponto discutível.

— Notado. Fica entre você e eu então. Você não precisa me dizer. — Ela levantou as sobrancelhas, perguntando sem perguntar.

— Você me contou a sua. — Puxei meus cigarros e isqueiro do bolso. — Parece justo que eu deva contar a minha. Se você, uh... se ouvir isso não te incomodar.

— Não, está tudo bem. — Kim se mexeu ao meu lado. — Aquela coisa toda de *não estar sozinha*.

— Entendo. Apenas, se incomodar você fala e eu paro.

— OK.

Nenhuma de nós falou quando peguei um cigarro e acendi. Dei uma tragada profunda, rezando para que a nicotina entrasse na minha corrente sanguínea antes de começar a tremer. Mesmo depois de todo esse tempo, eu não gostava de deixar minha mente voltar para aquele lugar sombrio.

— Aconteceu quando eu estava no Afeganistão. — Puxei meus joelhos até o peito, afastando um calafrio apesar da brisa quente. — Meu LPO não gostava de mulheres em sua unidade e todo mundo sabia disso. Uma noite, estávamos transportando alguns detidos de nossa base para uma transferência. Para encurtar a história, ele tomou uma decisão ruim. — Suspirei e balancei minha cabeça. — Ele queria voltar para a base porque era quase o fim do turno. E, quero dizer, estava quente pra caralho. Estávamos exaustos. Mas estar com calor e cansado não é desculpa para pegar atalho quando se trata de lidar com detidos.

— Não, não é. — Kim torceu o nariz. — E eles colocaram esse cara no comando?

Revirando os olhos, gesticulei para o lugar no meu braço onde minhas insígnias estariam se eu estivesse de uniforme.

— Ele tinha mais divisas do que o resto de nós. Gostemos ou não, ele estava no comando.

— Ugh. — Ela revirou os olhos também. — Então... o que aconteceu?

Eu respirei.

— Ele tomou uma decisão ruim e eu aponte. Normalmente eu não faria algo assim, especialmente não na frente dos subordinados, mas ele ia nos matar. O assistente de LPO o apoiou, mas todo mundo pensou que eu estava certa. E acabou que eu estava certa. Eles foram desleixados com a revista e não viram uma faca sob as roupas de um detido. — Eu estremeci. O sol do deserto brilhando naquela lâmina era uma lembrança que eu carregaria comigo até o dia em que morresse. — Quer dizer, e se fosse uma bomba, sabe?

— Verdade.

— Então, é claro, ele se culpou e o assistente do LPO também. Eles provavelmente estariam confinados, mas ambos tinham amigos na cadeia de comando que varreram a coisa toda para baixo do tapete e apenas lhes disseram para manter a postura depois disso.

— Soa familiar.

— Não é? — Eu peguei as batatas fritas, meu apetite subitamente desapareceu, depois dei outra tragada. O frio debaixo da minha pele estava piorando a cada segundo. Eu me abracei mais forte e descansei meu queixo no joelho. — Então, uma noite depois do jantar, ele e o assistente da LPO me puxaram para o lado e disseram que queriam conversar comigo sobre isso. Imaginei que eles iam me dar uma bronca por insubordinação, mas pelo menos eles tinham as boas graças para fazer isso em particular. Então eu fui falar com eles.

A mão de Kim foi para a boca e seus olhos se arregalaram.

Engoli.

— Assim que estávamos sozinhos, meu LPO me agarrou e me disse que se eu emitisse um som, eu estava morta. E então eles se revezaram. Para... Merda, nem sei quanto tempo durou. — Dei uma tragada profunda no meu cigarro, desejando que minha tolerância à nicotina não estivesse tão alta nos dias de hoje. — E eles ficavam me dizendo o tempo todo que esse era meu prêmio por ser uma heroína filho da puta.

— Jesus — ela respirou. — Eu não sabia que eram dois caras. Eu pensei que era apenas um. Não que isso seja melhor, apenas...

— Acho que meu LPO sabia que eu teria acabado com ele se viesse sozinho — rosnei.

— Ele provavelmente estava certo. — Sua voz era pouco mais que um sussurro vazio e horrorizado.

— Oh, ele estava.

Kim puxou os joelhos até o peito e passou os braços em volta deles.

— Então, o que aconteceu com eles?

Bati meu cigarro na areia.

— Nada.

— Nada?

— Eu nunca disse a ninguém. Porque eu estava com medo. — Eu me virei para ela. — Pelas mesmas razões que você teve medo de entregar Stanton.

Ela estremeceu quando eu disse o nome dele.

— Você já se arrependeu? Não vai denunciar?

— Eu gostaria de poder, e gostaria de ter deixado os dois nervosos. — Eu mudei meu olhar de volta para o oceano. — Mas não sei que bem teria feito se eu *tivesse* denunciado. Havia uma mulher na base que tentou acusar um sargento por agressão sexual, mas a investigação nunca decolou. E ela acabou saindo com doze anos de serviço porque não conseguia mais lidar com o meio.

— Eu entendo isso.

— Sim. Eu também. — Bati meu cigarro na areia novamente. — Foi por isso que comecei a fumar. Quando fui para o Afeganistão, *quase* consegui lidar com o estresse, mas depois do que aconteceu? Especialmente quando eu ainda tinha que trabalhar para esses filhos da puta todos os dias por mais cinco meses? — Eu balancei minha cabeça. — Eu precisava de algo para me ajudar.

— E as pessoas se perguntam por que os marinheiros bebem.

— Se eles se perguntam, não estão prestando atenção. — Apaguei o cigarro e joguei a ponta no meu copo de refrigerante quase vazio. Voltar àquele tempo me deixava nervosa, então nem tentei me convencer a não acender outro. Depois de dar uma tragada no cigarro novo, eu disse: — A pior parte é saber que o LPO ainda está na Marinha. A última vez que ouvi, ele tinha chegado a chefe.

O queixo de Kim caiu.

— Tá de sacanagem.

— E a melhor parte? Logo antes de eu me transferir para cá, ele recebeu uma condecoração. — A amargura se infiltrou em minha voz enquanto eu acrescentava entre meus dentes — Por doze anos de boa conduta.

— Jesus Cristo.

— Foi o que eu disse.

— E o outro? O assistente de LPO? Ele saiu?

Soprei um pouco de fumaça.

— Ele está morto.

— Ele está... — Kim piscou. — Sério?

— Sim. Quando eles... quando o incidente aconteceu, ele estava lá em sua quarta missão em seis anos — duas no Afeganistão e duas no Iraque — e já lidava com estresse pós-traumático grave na época. — Dei uma tragada e exalei lentamente a fumaça. — Alguns meses depois que ele voltou para casa, ele usou sua arma de serviço na própria boca.

— Uau. Não sei se isso é triste ou poético.

— Um pouco dos dois. — Eu segurei meu maço de cigarro e passei meus braços em volta dos joelhos novamente. — É estranho. Parte de mim pensa *bem feito*, mas parte de mim...

Kim colocou a mão no meu braço.

— O quê?

Eu respirei.

— O problema é que o LPO era um sociopata do caralho. Todas as mulheres ficavam nervosas perto dele de qualquer maneira, e todos pensavam que ele era um pouco desequilibrado. Mas essa foi sua primeira missão de combate. Ele já fora destacado como parte do pelotão do navio, mas nunca no deserto. O que havia de errado com ele, não tinha nada a ver com a guerra. Eu ficava enjoada só de pensar naquele idiota. Ele me dava arrepios muito antes de rasgar meu uniforme naquele escritório abafado. Mas o assistente... Só não consigo deixar de me perguntar se ele estava confuso da cabeça por passar quatro anos de sua vida por lá. Não que isso desculpe alguma coisa, e eu ficaria feliz pra caralho ao vê-lo acabar na prisão pelo que fez comigo, eu só...

Como diabos eu deveria dizer isso? Especialmente para uma mulher que foi estuprada também?

Kim apertou meu braço.

— Você se pergunta se o cara que estuprou você realmente era ele ou se foi nisso que a guerra o transformou?

— Sim. Exatamente. Quer dizer, ele teria feito algo assim se não estivesse tão confuso com o combate? É como, eu nunca desculpava os caras que vão para casa e matam suas famílias também... eu meio que entendi. Estando lá, isso... faz coisas com sua cabeça. Muda você. — Eu a olhei nos olhos. — Não me importo com o que alguém diz, ninguém volta a mesma pessoa que era quando saiu. — Peguei meu maço de cigarros enrugado. — Voltei fumante. Alejandro começou a mascar fumo depois que foi para Gitmo, então...

— Alejandro?

Eu fiquei tensa.

— MA1 Gutiérrez, quero dizer.

Ela franziu a testa.

— Vocês se tratam pelo primeiro nome?

— Nós nos conhecemos há muito tempo. Nos conhecemos na escola 'A', quando ainda éramos da mesma categoria. Às vezes é difícil lembrar que ele é meu LPO agora. — *Ultimamente, é difícil lembrar que ele é meu amigo.* — Esta é a primeira vez que estamos juntos desde a escola, mas mantivemos contato por anos.

De alguma forma, duvido que isso dure.

Kim enrolou o embrulho de hambúrguer e o colocou na sacola vazia.

— Então, quantas missões você fez à Sandbox?

Eu levantei dois dedos.

— Fui ao Iraque durante meu primeiro alistamento e ao Afeganistão alguns anos depois. O Iraque não era tão ruim. Eu estava lotada em uma das bases que não via muita ação, então eu ficava em pé com um rifle enquanto os soldados do Exército reconstruíam escolas e essas merdas.

— E o Afeganistão? — Kim hesitou. — Quero dizer, além do que aconteceu com seu LPO?

— O Afeganistão foi um inferno. Nós estávamos em um ponto ruim. Vários... — Engoli o mal-estar. — Era uma área muito ativa, vamos colocar dessa maneira.

— Uau. Lidar com isso e com o que aqueles caras fizeram, eu nem consigo imaginar.

— Eu fiquei bem, considerando tudo. Vi muitas coisas que nunca conseguirei esquecer e sou um pouco mais familiar do que gostaria com a proximidade de explosivos e fogo inimigo, mas fiquei bem. Pesadelos de vez em quando, mas é só. Não tenho flashbacks constantes e coisas como algumas outras pessoas da minha unidade. — Eu levantei meu cigarro. — Basicamente eu só tenho isso.

— Eu te entendo. — Ela fez uma pausa. — Obrigada. Por me contar. Eu sei que é difícil reviver esse tipo de coisa.

— Na verdade é... — Coloquei meus braços em volta dos meus joelhos dobrados. — Eu nunca falei sobre isso antes. É meio legal colocar pra fora. E... — Eu olhei para ela, um pouco de calor correndo em minhas bochechas. — É bom contar para alguém que acredita em mim.

Kim colocou a mão no meu braço e apertou.

— Eu acredito em você. E eu sei que você acredita em mim também.

Nós seguramos o olhar uma da outra. Algumas das culpas que se instalaram no meu peito finalmente começaram a se dissipar. Talvez Kim e eu não tivéssemos começado com o pé direito, mas chegamos a um entendimento. Encontramos uma confiança que eu nem percebi que estava perdendo na minha vida. E até onde eu sabia, ela me perdoou pelo começo difícil. Graças a Deus.

Kim afastou a mão e limpou a garganta.

— Então, você disse que conhece Gutiérrez?

Eu assenti.

— Mas você não acha que ele me ajudaria?

Tirei alguns fios de cabelo do meu rosto e olhei para o oceano porque não conseguia mais olhar nos olhos dela.

— Até recentemente, ele era a primeira pessoa para quem eu teria ido. Mas agora...

— O que aconteceu?

Mordi o interior da minha bochecha.

— Eu ouvi algumas coisas. Aparentemente, ele é mais amigável com Stanton do que eu pensava.

Kim suspirou.

— Eu realmente não tenho aliados, tenho?

Peguei a mão dela e encontrei seus olhos.

— Você tem a mim.

Eu tinha medo que ela fizesse uma careta e me lembrasse que não havia nada que eu pudesse fazer por ela. Que eu era tão impotente quanto ela.

Mas ela apertou minha mão e sorriu.

— Obrigada. Você foi incrível com tudo isso.

Devolvi o sorriso e a abracei.

Mas o que eu não teria dado pelo poder de fazer tudo isso desaparecer.

CAPÍTULO 13

KIM



Voltamos a Waikiki naquela tarde para relaxar e descontraír. A alguns quarteirões da praia, passeamos por loja após loja de mercadorias com temas havaianos. Algumas eram bem legais — passamos quase meia hora babando em incríveis estátuas de madeira entalhadas à mão em uma loja. É claro que não poderíamos ter comprado nenhuma delas, mas com certeza eram bonitas de se olhar. Algumas das outras lojas, no entanto, eram obviamente voltadas para aqueles que tinham um gosto horrível ou ainda queriam lembranças depois de gastar a maior parte de seu dinheiro em hotéis e *mai tais*.

Depois de conferir algumas pinturas deslumbrantes sobre o mar, passeamos por outra loja cheia de lixo turístico.

Torci o nariz e peguei uma moldura horrenda feita de flores de hibisco de plástico.

— As pessoas realmente colocam coisas assim em suas casas?

— Acho que os compram para pessoas que não gostam.

— Isso explicaria isso. — Fiz um gesto com a moldura. — Se eu ganhasse um presente assim? Mensagem recebida.

Ela riu.

— Que tal este? — Ela levantou uma escultura barata de um peixe tropical colorido.

Eu ri.

— Se alguém me desse isso, eu não faria nada com eles.

— Mas, Kim — ela piscou os olhos e fingiu acariciar o peixe — é a lembrança que conta, certo?

— Hum-hmm. Exatamente.

Ela riu e colocou de volta na prateleira.

— Parece o tipo de merda estranha que você pode encontrar na rua Kokusai.

— Sério? Eu nunca estive lá.

— Você está em Okinawa há seis meses e nunca esteve na rua Kokusai? — Ela sorriu. — Você deveria dar uma olhada. Tem muitas coisas turísticas, mas você pode encontrar algumas peças de cerâmica e vidro muito legais lá.

— É mesmo? — Comecei a falar, hesitei, depois decidi que se dane. — Quando voltarmos para a ilha, você poderia me mostrar?

O sorriso de Reese se transformou em um riso.

— Eu vou te mostrar todos os lugares legais. Incluindo os que ninguém conhece.

— Promete?

Ela levantou o punho com o mindinho estendido. Enganchei o meu no dela e trocamos sorrisos. Meu Deus, já fazia tanto tempo desde que eu fiz isso. Brincar. Fazer compras. Rir. Tomar algumas bebidas frutadas, mesmo que fossem sem álcool. Eu estive incrivelmente sozinha nos últimos anos, mas não percebi o quanto senti falta disso.

Continuamos pela loja, passando pelas bugigangas estranhas e entrando nas prateleiras de camisas havaianas, biquínis e vestidos de cores vivas.

— Ei, Kim. O que você acha? — Reese pegou o vestido florido mais horrível que eu já vi e o segurou na frente de si mesma. — Devo comprar isso para o Baile Naval?

Eu bufei.

— Atreva-se.

Ela sufocou uma risada.

— Sério? Eu compraria.

— Exceto que você teria que ir ao Baile Naval.

— Ah. Certo. — Ela desligou novamente. — Foda-se isso. Eu prefiro... — oh meu Deus! Você viu isso? — Ela pegou um par de óculos de sol com aros grossos feitos de conchas de e os colocou. Fazendo uma pose, ela disse: — Devo comprá-los?

Eu ri.

— Você totalmente deveria. Eles são a sua cara.

— Ei!

— Você perguntou.

— Ok, eu perguntei. — Ela os colocou de volta na prateleira. — Mas eu tenho muitos óculos de sol, então... não.

— O que fizer se sentir melhor, querida.

Nós duas rimos e saímos da loja e voltamos para a tarde quente. Quando saímos, passando da luz fluorescente para o sol tropical brilhante, olhei para Reese e fiquei sem fôlego.

Oh sim. Foi por isso que eu tive uma queda por ela quando entrei no comando, mesmo que nossos uniformes nunca tivessem sido acusados de serem particularmente lisonjeiros. Eles faziam os caras parecerem ótimos, mas de alguma forma conseguiam achatar completamente nossos traseiros e peitos. Mesmo vestida assim, com algumas de suas melhores feições cobertas por camuflagem azul, ela era sexy.

De camiseta e bermuda? Reese era inacreditavelmente sexy. Ela tinha o tipo de quadril e bunda que me deixava com água na boca, e suas sessões intensas de defesa pessoal eram evidentes. Com braços assim, não era de admirar que ela pudesse derrubar suspeitos beligerantes sem muitos problemas.

Aqui, sem uniforme, longe do ambiente militar e de todos os outros, ela estava maravilhosa. De vestido e relaxada, com os cabelos castanhos presos em um rabo de cavalo bagunçado, em vez do coque rígido que usava para trabalhar e com aquele sorriso brincalhão nos lábios, ela fazia meu coração parar toda vez que olhava para mim.

Como ela estava fazendo agora.

Limpei a garganta quando o calor invadiu minhas bochechas.

— Desculpe, o quê?

Ela inclinou a cabeça, mas não pressionou.

— Eu só estava perguntando se você queria continuar passando por lojas ou talvez ir à praia?

— Uh. — Eu olhei em volta. As calçadas estavam ficando lotadas quando o sol começou a se pôr. — Que tal a praia?

Ela sorriu.

— Quer colocar mais areia nos seus sapatos?

— Não, senhora. Eu pretendo tirá-los desta vez. Antes que isso aconteça.

Reese piscou.

— Esperta.

Nós duas rimos e fomos em direção à faixa de hotéis altos que ficavam ao longo da praia. Ao fazê-lo, roubei mais alguns olhares para ela.

Essa era a mulher que eu pensei que fosse uma completa filha da puta?

Depois de passar um tempo com este lado de Reese, me senti uma idiota por sequer ter pensado o que pensei sobre ela. A verdade era que ela era exatamente do jeito que eu era no meu último comando. E o que eu tinha feito? Estive prestes a chamá-la de Arame Farpado

Mas ela não assim. Nem de longe. Ela era completamente diferente aqui. Inferno, nós duas éramos. A meio oceano de distância da porra do nosso comando, pela primeira vez desde que entrei para a Marinha, tive uma noite normal com uma garota. Eu quase esqueci como era isso.

E eu definitivamente esqueci como era perder o fôlego toda vez que a garota olhava na minha direção.

A pergunta era: ela sentia o mesmo?

Eu rapidamente bani esse pensamento. Reese veio aqui para me ajudar quando eu estava prestes a perder a cabeça. Isso não significava que havia mais nada envolvido.

Pelo menos eu tinha uma amiga agora.

Deveria ousar imaginar que ela poderia ser algo mais?

CAPÍTULO 14

REESE



Paramos para tomar alguns daiquiris sem álcool no caminho até a praia, que evitava o calor do dia. Na beira da areia, terminamos nossas bebidas, tiramos as sandálias e saímos para a praia. A areia estava quente, mas não o suficiente para queimar, e os turistas estavam vagando de volta aos hotéis, então tudo estava perfeito. Nem muito cheio, nem muito quente. Perfeito.

Parte de mim ainda estava se recuperando de finalmente contar a alguém o que havia acontecido comigo no Afeganistão, mas também me senti... mais livre. Como se falar sobre isso — ou mais precisamente, ter alguém em quem eu pudesse confiar — fosse a chave para deixar pra lá. Obviamente, isso nunca iria desaparecer completamente, mas eu já me esqueci o suficiente para poder abraçar esse dia relaxante. Especialmente desde que eu o estava passando. . .

Com ela.

A mulher que me deixou relatar minha história mesmo enquanto carregava o peso de seu próprio ataque. Apesar do começo difícil, chegamos a esse lugar — confiantes, confortáveis — e fiquei muito agradecida. Eu também estava profundamente ciente da minha responsabilidade de apoiá-la emocionalmente agora.

A alguns passos da praia, Kim exalou.

— Deus, eu precisava disso esta noite.

— Aposto que precisava.

Ela inclinou a cabeça para um lado e depois para o outro.

— Era de se esperar que eu pensasse em sair e relaxar um pouco.

— Que bom que está ajudando agora.

— Está. — Ela respirou fundo e, quando deixou escapar o ar, um sorriso se formou lentamente em seus lábios. — Muito.

— Bom. Como está se sentindo? Sobre tudo?

— Você quer dizer sobre esta manhã?

Dei de ombros.

— Sim.

— Eu não sei. Parte de mim ainda quer acabar logo com isso. Parte de mim não sabe nada.

— Bem, pelo menos agora você tem tempo para recuperar o fôlego e pensar sobre as coisas.

— Graças a Deus. — Ela se virou para mim. — Ou, bem, acho que devo dizer graças a você.

Eu sorri.

— Não, a decisão foi sua.

— Sim, mas acho que precisava de alguém para me convencer e me dizer que a decisão foi boa. — Ela revirou os olhos, as bochechas colorindo. — Porra. Eu pareço uma idiota. Eu juro que consigo tomar minhas próprias decisões e pensar por mim mesma, tenho andado num estado de nervos deplorável ultimamente.

— Kim. — Eu parei, e quando ela também apertou seu ombro. — Ninguém espera que você tenha uma cabeça completamente clara agora. Quem o faz é ignorante ou um idiota. Não há problema em se apoiar nas pessoas.

— É algo difícil de fazer quando você não se está acostumada a *ter* alguém em quem se apoiar.

— Bem, acostume-se a isso.

Ela hesitou, mas depois retribuiu o sorriso, e parte do aperto no pescoço e nos ombros pareceu desaparecer.

Eu não sabia mais o que dizer. Tudo que eu sabia era que não conseguia tirar os olhos dela. Fadiga e estresse ainda se faziam presentes nas olheiras sob seus olhos, mas a luz do dia desapareceu em sua pele, preenchendo a cor que a exaustão havia tirado. Seus olhos azuis brilhavam com mais vida do que tinham

antes. Ela ainda tinha um longo caminho a percorrer, mas era como se ela tivesse voltado, mesmo que fosse apenas por esta noite.

Por que você fez isso com ela, Stanton? Quem em sua consciência machucaria essa garota?

Fendas gêmeas se aprofundaram entre suas sobrancelhas.

— O quê?

— Hmm?

— Você estava me olhando, eu não sei. . .

— Oh. Desculpe.

— Qual o problema?

— Nada. Eu só... — Eu hesitei. — Ok, posso ser totalmente honesta sobre uma coisa?

Ela encolheu os ombros.

— Claro. Sim.

— Você está diferente desde que cheguei aqui.

Kim fez uma careta.

— Você não estaria?

— Não, não é isso que eu quero dizer. Não quero dizer isso como algo ruim. — Passei a língua pelos lábios, sentindo o gosto do meu daiquiri e me peguei imaginando se o sabor nos lábios dela era o mesmo. — Quero dizer, você está vestida de maneira diferente. Menos... — Gesticulei para a maquiagem do rosto.

— Oh. — Suas bochechas ficaram coradas e ela se virou em direção à água. — Apenas não... não senti a necessidade

— Eu gosto disso.

Kim se endireitou, seus lábios se separando.

— O quê?

— Você é muito mais bonita assim. A verdadeira você.

— Sério?

Eu assenti.

— Quer dizer, eu não estou dizendo que você não é bonita o resto do tempo, mas assim, você é... — Eu exalei. — Kim, você é de tirar o fôlego assim.

Ela sorriu timidamente.

— Obrigada. — Ela fez um gesto para si mesma. — É engraçado. É assim que eu prefiro me vestir, mas por outro lado, pensei que era assim que os caras gostavam de garotas.

Eu torci o nariz.

— Foda-se esses caras. Você não precisa agradá-los.

— Isso eu já entendi — ela sussurrou.

— Estou falando sério. O que eles pensam não importa. —

Enquanto falava, não resisti a tocar seu rosto. Ela fechou os olhos e soltou um suspiro, mas não recuou da ponta dos meus dedos, então eu gentilmente descansei minha mão inteira contra sua bochecha. Ela pressionou nela, sua pele macia e quente sob a minha.

Engoli.

— Tudo bem?

— Sim. — Ela colocou a mão sobre a minha e olhou para mim.

— Para ser sincera, além desta viagem, não fui tocada por outra garota desde antes de vir para Okinawa.

— Nem eu.

Kim segurou meu olhar.

— Há quanto tempo foi isso?

— Quase dois anos.

— Uau. Faz muito tempo.

— Sim. Faz.

Ela passou os dedos pelos meus cabelos. Olhando em seus olhos, eu me perguntava se seu coração estava batendo tão rápido quanto o meu.

O silêncio permaneceu. Continuei procurando uma maneira de preenche-lo, mas não conseguia pensar. Não quando seu olhar continuava passando dos meus olhos para os meus lábios. Ou quando os meus continuavam fazendo o mesmo, alternando entre seus lindos olhos e seus lábios abertos.

Kim respirou fundo. Então ela levantou o queixo e, como se atraída por alguma força invisível, meu corpo reagiu ao dela, aproximando-se e inclinando-se até nossos lábios quase roçarem.

— Você tem certeza disso? — eu sussurrei.

— Não tenho certeza de nada.

Mas ela me beijou mesmo assim.

Nenhuma de nós se mexeu no começo. Meu coração estava batendo fora de controle, mas por outro lado, eu estava tão imóvel quanto ela. Então ela cutucou meu lábio inferior com o dela e eu inclinei minha cabeça levemente enquanto fazia o mesmo com ela.

Minhas sandálias escorregaram dos meus dedos e caíram esquecidas na areia. Um segundo depois, as dela caíram também. Ela separou os lábios e eu os meus, e quando abraçamos uma à outra, o beijo se aprofundou.

A eletricidade passou por mim e, ao mesmo tempo, um nó subiu na minha garganta. Jesus Cristo, eu realmente demorei tanto tempo sem provar outra mulher assim? Sem sentir outra mulher?

Deslizei minhas mãos pelos lados dela, traçando a deliciosa curva de sua cintura enquanto puxava seu corpo para mais perto do meu. Algumas pessoas simplesmente se encaixam, todas as curvas e ângulos se encaixam, e Kim e eu nos encaixamos perfeitamente.

Eu corri minha mão novamente, mas quando comecei a inchar seu peito, eu me afastei.

Ela agarrou meu pulso.

— Não.

— Mas eu...

Ela gentilmente colocou minha mão de volta em seu peito.

— Por favor.

Então seus lábios estavam sobre os meus novamente e nós estávamos nos beijando, e quando eu corri meu polegar sobre seu mamilo, ela gemeu no meu beijo e pressionou contra mim.

— Você tem certeza que está tudo bem? — sussurrei.

— Eu sinto que não deveria estar. — Ela se afastou para que pudéssemos nos ver. — Parece que eu não deveria *querer* ir mais longe. — Ela passou a língua pelo lábio inferior. — Mas já faz tanto tempo que tudo parece bom...

Eu arrastei minhas pontas do dedo para o lado do seu rosto.

— Nós sempre podemos parar.

— Eu não quero. — Engolindo em seco, ela encontrou meus olhos. — Talvez devêssemos voltar para o quarto.

Eu estremeci.

— Sim. Talvez nós devêssemos.

CAPÍTULO 15

KIM



A viagem de volta de Waikiki ao nosso motel de merda levou uma eternidade. Depois que uma luz vermelha durou muito mais do que deveria, e a luz verde subsequente passou muito rápido, fiquei tentada a sugerir uma praia ou outro hotel ou *qualquer lugar* antes de enlouquecer.

Mas finalmente chegamos, e meu coração acelerou quando Reese parou em uma vaga de estacionamento em frente ao motel. Corremos do carro para o ar quente da noite e atravessamos a porta para o quarto frio.

Reese fechou a porta atrás de nós e se inclinou contra ela. Eu a encarei. Nenhuma de nós se mexeu. Nenhuma de nós falou. Durante o que pareceram horas, eu não conseguia olhar para lugar algum, exceto os olhos dela.

Ela engoliu em seco. Eu também.

— Você, hum... — Ela limpou a garganta. — Você está tendo alguma dúvida?

— Não. E você?

Ela balançou a cabeça.

Com os joelhos tremendo e o coração batendo forte, cruzei a faixa de espaço entre nós, mas pouco antes de nos tocarmos, perdi a coragem. Estávamos tão perto, nem um centímetro de distância. Se uma de nós se inclinasse um pouco, estaríamos nos beijando, mas eu... e ela...

— Pensei que você não estivesse com dúvidas — ela sussurrou instável.

— Não tenho dúvidas. — Lambi meus lábios. — Só estou nervosa.

— Então somos duas. — Ela baixou o olhar por um segundo. — Que tal o seguinte? Se qualquer uma de nós for desajeitada ou lenta pra se sentir confortável, apenas seguiremos em frente. Sem julgar, sem rir. — Ela sorriu cautelosamente. — O que você acha?

Eu levantei meu punho com meu mindinho estendido.

— Promete?

Reese riu e colocou seu mindinho no meu.

— Prometo.

Nós rimos, e parte da tensão no quarto se dissipou. O momento passou, porém, e nosso humor desapareceu. Ainda não tínhamos largado a mão uma da outra.

Segurando o olhar dela, toquei seu rosto e nós duas trememos. Ela passou as costas dos dedos pela minha bochecha.

— Nada de julgamento — ela sussurrou, ainda segurando o meu mindinho com a outra mão. — Nós somos novas uma para a outra. Eu não me importo se somos perfeitas.

— Eu também não.

Eu só tenho medo de. . .

Para o inferno com isso. Tudo que eu tinha medo existia fora deste quarto, e tudo o que eu queria estava bem na minha frente, então eu usei meu aperto no mindinho dela para nos unir e a beijei.

Reese soltou minha mão e nos abraçamos. Pro inferno com o nervosismo. Nada de dúvidas. Até hoje à noite, eu me acostumei com a falta de contato humano, mas agora que cruzei uma linha e me permiti beijá-la e tocá-la, eu queria mais. Eu queria tocá-la por toda parte. Ser tocada por toda parte. Eu não me importava para onde isso ia, desde que não parássemos.

Eu pressionei contra ela, e ela me puxou para mais perto. O maldito ar condicionado nesta sala mantinha o ar frio demais, mas isso só tornava o calor do corpo de Reese muito mais viciante.

Sem interromper o beijo, ela me levou um passo atrás. Então outro. Eu a deixei me guiar para trás até minhas panturrilhas encontrarem a cama, e então nós duas afundamos no colchão.

Ela se afastou um pouco, encontrando meus olhos. Sua testa enrugou e ela engoliu.

Acariciei seu rosto.

— O que foi?

— Nada. Eu só... É a primeira vez que eu faço isso... — Ela fechou os olhos. — Desde o que aconteceu.

Coloquei o cabelo dela para trás da orelha.

— Eu também.

Reese encontrou meus olhos novamente.

— Se estivermos indo rápido demais, sempre podemos parar.

Eu balancei minha cabeça.

— Eu não quero parar. E você?

— Sem chance.

— Bom. — Corri minhas mãos pelos lados dela. — Eu não vou deixar esse filho da puta controlar essa parte da minha vida também.

Ela sorriu.

— Essa é minha garota — e me beijou.

E de repente isso era mais do que beijar, mais do que tocar. Nada físico havia mudado, mas, de alguma forma, reconhecer que queríamos que isso continuasse transformou um pouco de excitação em algo muito maior. Nós ainda estávamos completamente vestidas, mas eu estava muito, muito fora de controle, e tudo que eu conseguia pensar era mais, mais, *mais*.

Deslizei minhas mãos sob a blusa dela, e nós duas ofegamos quando a pele nua encontrou a pele nua.

Deus. Sim. *Mais*.

Como se estivesse lendo minha mente, ela se sentou e eu empurrei a blusa por cima da cabeça. Como eu esperava, ela era linda. Magra, mas cheia de curvas e...

Isso era uma surpresa. Marinheiros e tatuagens andavam juntos como marinheiros e xingamentos, mas eu não esperava que Reese tivesse uma. Agora que a blusa dela estava fora, duas eram visíveis, embora uma estivesse obscurecida pela alça do sutiã na lateral da caixa torácica.

No braço, ela tinha uma águia de mestre de armas e, embaixo, havia três conjuntos de iniciais, cada uma com duas datas embaixo. As datas de término nos três ocorreram dois meses uma da outra. Ela esteve em combate — não precisava perguntar o que significava

uma tatuagem como essa e definitivamente não ia perguntar na cama.

Passei a ponta do dedo sobre a parte visível da outra tatuagem.

— Quero ver o resto.

— É uma maneira educada de dizer que você quer que eu tire meu sutiã?

Eu bati meus olhos.

— Está funcionando?

Reese não respondeu. Ela apenas voltou a mão, soltou o sutiã e jogou-o de lado.

Por um momento, eu esqueci que ela tinha tatuagens. Ela era apenas... de tirar o fôlego. Eu não pude resistir a tocá-la, passando as mãos sobre seus seios perfeitamente proporcionais e mamilos duros.

Finalmente, lembrei-me da tatuagem que estava parcialmente coberta e inclinei minha cabeça para ver melhor. Era um sol colorido com um rosto sorridente, cada gavinha minuciosamente detalhada em vermelho, laranja e amarelo.

Eu tracei a borda do design.

— Eu nem percebi que você tinha uma.

Ela sorriu.

— Toda garota tem seus segredos.

Eu retornei o sorriso.

— Você tem mais?

— Talvez. — Ela se inclinou e me beijou novamente. — Você só precisa ver, não é?

— Hum hmm.

— E eu te mostrei a minha. . .

— Então eu devo te mostrar a minha?

— Você não precisa. Mas eu adoraria ver.

— Minhas tatuagens?

— Você. — Ela me beijou novamente. — Você *toda*.

— Bem, quando você coloca assim. . .

Nos separamos e tiramos nossas roupas. Vislumbrei outra tatuagem em seu quadril, e ela olhou para a que estava no meu ombro, mas nenhuma de nós parou para dar uma olhada mais longa. Ela me puxou para outro beijo. Seus lábios eram tão macios

e gentis. Eu amei o jeito que seus cabelos se enroscavam entre meus dedos e o modo como suas mãos percorriam minha cintura e quadris, pressionando apenas o suficiente para me informar como ela estava excitada.

Ela beliscou meu mamilo e eu choraminguei.

— Puta merda. . .

— Tudo bem?

— Sim. Eles são apenas... muito sensíveis. *Muito* sensíveis.

— Isso dói?

— Hum-hmm. — Coloquei minha mão sobre a dela e apertei, incentivando-a a beliscar com mais força. — Mas é bom.

— Bom. — Ela provocou-os um pouco mais, com os dedos, lábios e dentes, e assim que se tornou muito intenso, ela começou a beijá-los. E então ela estava em cima de mim, e nós estávamos envolvidas uma na outra, nuas, nos beijando, nada entre nós. Eu não conseguia me lembrar de ter estado tão desperta na minha vida.

Um calafrio passou por mim, mas seu peso corporal sobre o meu me manteve praticamente imóvel.

Imóvel.

O próximo arrepio não foi tão agradável. Reese era alguns centímetros mais alta que eu. Ela era facilmente mais forte do que eu. Se ela quisesse. . .

Ela se levantou e encontrou meus olhos.

— Você está bem? Você ficou tensa.

— Eu estou... — Umedeci meus lábios.

— Nós não precisamos. — Ela segurou meu rosto com uma mão gentil. — Podemos parar se...

— Não. — Corri meus dedos pelos cabelos longos dela. — Eu não quero parar.

— Vamos devagar, então — ela sussurrou. Acho que nós dois precisamos assim.

Eu assenti.

— Lento é bom. Talvez de lado.

— OK. — Ela rolou, me puxando com ela. — Quando você quiser, podemos parar.

— Da mesma forma.

Mas eu não queria parar, e o toque dela dizia que ela também não.

Nós sentamos de lado e nos abraçamos em outro abraço caloroso. Não só eu poderia me mudar agora, mas Reese não precisava mais se segurar. Eu descansei minha cabeça em seu braço, e sua mão gentilmente agarrou meu ombro por trás. O outro estava completamente livre, e ela aproveitou ao máximo. Eu jurei que não havia uma polegada de pele que ela não acariciasse.

A última vez que tive as mãos de alguém, foi duro e aterrorizante, cada toque me deixando enojada. No fundo, o medo persistia, pronto para vir à superfície e me enviar de volta àquela noite.

Mas quanto mais nos abraçamos, explorando a pele nua e nos beijando como se pudéssemos fazer isso para sempre, mais meus músculos tensos relaxavam. Com cada passada de pele ou lábios, esse medo se acalmava. Os únicos nervos que ficavam perto da superfície agora eram os que vinham com o território de estar com alguém novo — excitação, necessidade de fazer tudo certo, medo de não poder agradá-la.

Mais de uma vez, minha mente tentou voltar àquele lugar escuro e sombrio, mas tudo que eu tinha que fazer era abrir os olhos e focar nas curvas suaves de Reese e suas tatuagens distintas, e eu sabia que era ela, não ele. Tudo estava bem. Mais do que tudo bem.

As pontas dos dedos de Reese roçaram os lugares onde ele me agarrou e, embora o fantasma de seu toque estivesse lá, sua gentileza era como uma âncora, me mantendo no presente.

Eu não me sentia nem um pouco excitada há meses, mas agora eu queria isso. Muito. Os demônios na minha cabeça não podiam arruinar essa noite, por mais que tentassem. Depois de todo esse tempo sem estar com uma mulher, e depois do que aconteceu com Stanton, eu desejava isso. A gentileza, o desejo mútuo, o calor da pele sobre a pele. Quase esqueci de como nos rendemos à necessidade de outra mulher e ao prazer que poderíamos dar uma à outra.

Mas, meu Deus, eu me lembrava agora.

Empurrei Reese de costas e beijei meu caminho até a clavícula. Eu encontrei seus olhos quando peguei seu mamilo entre meus

lábios e quando apertei meus dentes apenas o suficiente para fazê-la ofegar. Segurando o mamilo entre os dentes, eu o provoquei com a língua.

— Puta merda... — Ela acariciou meu cabelo, sua mão pausando de vez em quando, e seus dedos tremendo como se estivessem prestes a agarrar. — Porra. *Porra*, isso é bom.

Eu sorri e depois continuei para baixo, e quando beijei seu umbigo, ela separou as pernas. Ela pode ter sussurrado uma maldição no quarto silencioso, mas pelo que eu sabia, era o meu próprio coração soletrando meu desejo por ela.

Quando me acomodei entre suas coxas, passei um braço em volta de cada uma, descansando minhas mãos em seus quadris para segurá-la firme.

E então eu caí sobre ela.

E quase perdi a cabeça.

Deus, eu não provava aquele gosto há tanto tempo, e a doce tangência dela fazia minha cabeça girar. Fui com calma, não querendo apressar as coisas. Reese estava claramente xingando agora — ela era uma marinheira, afinal — e amassando meu couro cabeludo enquanto eu a explorava como se nunca tivesse feito isso antes. Eu tracei as bordas dos lábios de sua vagina e depois fiquei maravilhada com a sensação de seu clitóris contra a minha língua.

— Oh merda — ela choramingou. — Você é tão... boa em...

Coloquei um braço, mantendo o outro firmemente sobre o quadril para segurá-la imóvel e deslizei dois dedos dentro dela. Reese estremeceu e se contorceu, amaldiçoou, ofegou, gritou. Mesmo quando minha língua e mandíbula estavam começando a doer com o movimento constante, eu não parei. Não até que ela gozasse. E, porra, ela parecia estar perto.

Ela ofegou, e seu corpo inteiro ficou tenso.

Mas...

Seu suspiro soou mais como se estivesse assustada, a tensão em seu corpo sinalizando alarme, não excitação.

Algo não estava certo.

Eu levantei minha cabeça. Seus olhos ainda estavam fechados, seus lábios ainda tensos, mas... era diferente. Como se ela

estivesse mais perto de uma careta do que qualquer coisa agradável.

Eu gentilmente soltei meus dedos e me empurrei sobre ela para ficarmos cara a cara.

— Ei. O que houve?

Esfregando a mão no rosto, ela engoliu em seco.

— Eu estou... nada. — Ela balançou a cabeça. — Estou bem.

Eu levantei minhas sobrancelhas.

Ela levantou a cabeça para me beijar.

— Estou bem. E eu amei o que você estava fazendo. — Ela lambeu os lábios. — Faça de novo. Por favor.

— Você está...

— Por favor — ela sussurrou. — Estou bem.

Hesitei, mas ela me beijou novamente e repetiu:

— Sério. Estou bem.

Então, eu não discuti com ela. Eu caí nela novamente, mantendo-a imóvel com um braço sobre os quadris. Deslizei meus dedos de volta para dentro dela, torci-os e Reese gemeu. Ela tentou se virar contra mim, mas eu a segurei no lugar.

Enquanto eu provoquei seu clitóris com meus lábios e língua e lentamente a fodi com meus dedos, olhei para ela. Meu Deus, ela era linda. Sua pele estava começando a corar, especialmente o rosto e o pescoço, e a maneira como ela mordeu o lábio e fechou os olhos, arqueou e se contorceu... eu poderia vê-la fazer isso a noite toda. Eu poderia fazê-la gozar a noite toda.

Ela beliscou seus mamilos e se contorceu, gemendo enquanto eu a provocava. Sua boceta apertou em volta dos meus dedos, e ela xingou e ofegou quando eu...

Seu corpo ficou tenso novamente.

Meu coração pulou. Olhei para ela e estava prestes a levantar a cabeça para perguntar se ela estava bem, mas ela agarrou meu cabelo.

— N-não pare.

Eu hesitei.

Ela estava bem? Mas não parei. Lambi seu clitóris, peguei-a com os dedos, tudo que eu esperava que ela gostasse, e seus gemidos e sons eram de puro prazer.

— Não pare, querida. Não pare de fazer... de fazer isso... bem desse jeito... — Ela ofegou, segurando meu cabelo com tanta força que doeu. — Puta merda, querida! Oh, porra...

Acelerei só um *pouquinho*.

— Oh meu Deus! — Ela ficou tensa, sua boceta apertando meus dedos, e eu continuei circulando seu clitóris com a língua até que ela choramingou e empurrou minha cabeça.

Ela caiu de volta no colchão. Eu cuidadosamente retirei meus dedos, levantei-me em meus braços e me arrastei para beijá-la. Eu mal estava com ela antes que ela jogasse os braços em volta de mim e me puxasse para ela. Ela me beijou com força, seu corpo ainda tremendo sob o meu.

Quando me afastei para tomar ar, encontrei seus olhos e meu coração parou.

— O que está errado? — Limpei uma lágrima da bochecha dela.
— Você está bem?

Ela assentiu, sorrindo enquanto enxugava os olhos.

— Sim.

— Você tem certeza? — Meu coração bateu forte. — eu não...

— Está tudo bem. — Ela passou os braços em volta de mim e me segurou, a pele nua descansando contra a pele nua. — Está tudo bem. — Seus lábios encontraram os meus, e não houve hesitação em seu beijo, nenhuma relutância ou medo. Ainda não entendi por que ela chorou assim, mas *entendi* que ela não queria parar.

— Nem me lembro da última vez que gozei com tanta força. — Ela acariciou meu cabelo. — Você é incrível.

Eu sorri.

— Então não perdi o jeito?

— Se você tiver perdido, eu quero estar perto quando encontrar, porque *caralho*. — Ela não me deu a chance de responder antes de me beijar novamente, e qualquer resposta espirituosa que eu pudesse ter desapareceu no segundo em que nossos lábios se encontraram.

Ela deslizou a mão entre as minhas pernas. Eu as separei para ela, faminta por seu toque, e gemi em seu beijo enquanto as pontas dos dedos provocavam meus lábios. Quando eu apertei para trás,

tentando levá-la para a área que precisava desesperadamente de atenção, ela riu baixinho e desenhou uma linha com muita leveza ao redor — mas sem tocar — meu clitóris.

— Você é má — murmurei.

— Hum-hmm. Eu sou. Mas você...

— Por favor, Reese. — Minhas costas arquearam, o que pressionou minha boceta contra seus dedos e meus seios contra os dela, e não fez nada para aliviar essa tensão. — Eu quero... Eu quero gozar.

— Quer?

— *Por favor.*

— Bem, já que você pediu com jeitinho...

Eu tentei falar, mas não consegui, porque ela encontrou o ritmo mais delicioso, dois dedos circulando lenta e suavemente com meu clitóris entre eles. Enquanto ela fazia isso, ela me cutucou, e eu não resisti, deixando-a me empurrar nas minhas costas. Desta vez, ela não estava em cima de mim, estava deitada ao meu lado e beijava meu pescoço enquanto continuava circulando meu clitóris e transformando meu corpo inteiro em líquido.

Eu empurrei sua mão novamente, balançando meus quadris para complementar a maneira como seus dedos se moviam, e entre seu beijo e seu toque, eu estava no céu. Ela me provocou, e eu passei minhas mãos por todo o corpo. Seu estômago liso, seus seios lindos, sua cintura lindamente curvada. Porra, tudo nela era excitante. O corpo dela. O beijo dela. O toque dela.

Os dedos dela se moveram mais rápido. Mais rápido. *Putá merda...*

Minha respiração ficou presa. Meu corpo inteiro parecia que estava prestes a derreter, quebrar ou de alguma forma fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Minha visão ficou branca.

E então eu gozei.

E eu soube por que ela chorou.

Relaxamento. Liberação pura e chocante. Quase toda a tensão que eu carregava se libertou de uma só vez, e o resto foi sacudido pela eletricidade que correu em minhas veias. Eu estava voando, tremendo, desmoronando e amando cada maldito segundo disso.

Pouco a pouco, Reese recuou e meu orgasmo diminuiu. Voltei lentamente, estabelecendo-me na terra ao lado dela, e a sensação emocionante permaneceu.

Nosso ambiente voltou a existir como uma Polaroid revelando um filme. A cama. As quatro paredes. O Havaí do lado de fora. Todas as razões pelas quais estávamos aqui para começar.

Mas, mesmo quando a sensação de mal-estar familiar voltou, eu me senti melhor do que em muito tempo. Liberada de alguma maneira pequena, mas estranhamente significativa.

Era como se todos os demônios na minha cabeça tivessem sido silenciados, por apenas alguns segundos. Eles ainda estavam lá, é claro. Talvez um ou dois tivessem sido exorcizados, mas o resto havia acabado de calar a boca temporariamente. Aqueles poucos segundos de silêncio tiraram um peso enorme dos meus ombros. Os demônios não se foram. Eles não desapareceriam magicamente. Alguns não iriam embora tão cedo, outros provavelmente não iriam embora nunca.

Mas, pela primeira vez, tive a esperança de que eles desaparecessem.

O quarto estava começando a ficar desconfortavelmente frio, então puxamos o lençol sobre nós e continuamos nos beijando e nos tocando. Mesmo deitadas aqui assim, preguiçosamente nos beijando debaixo de um lençol áspero de hotel, parecia incrível. Como se eu pudesse finalmente tocar em alguém sem desmoronar, e alguém ainda estivesse disposto a me tocar sem me machucar.

Depois de um tempo, umedeci meus lábios.

— É errado que eu já queira fazer isso de novo?

Reese se apoiou em seu braço.

— Se estiver errado, não quero estar certa.

Eu ri, passando meus dedos pelos cabelos desgrehados.

— Você não precisa sair e fumar um cigarro?

Reese balançou a cabeça.

— Não, eu estou bem.

— Você não fuma depois do sexo?

— Não. Só fumo para aliviar o estresse. Depois do sexo é... —

Ela sorriu e acariciou meu rosto. — Bem, depois de tudo o que fizemos, eu realmente não preciso aliviar o estresse, preciso?

Eu sorri.

— Eu acho que não.

CAPÍTULO 16

REESE



Kim se aconchegou ao meu lado com a cabeça no meu ombro, e por mais tempo ficamos deitadas nos braços uma da outra sob as cobertas.

Não conseguia me lembrar da última vez em que me senti assim. Esse sentimento pós-coito havia sido um estranho por um bom tempo.

Eu nunca mais tive sexo catártico na vida e minhas emoções estavam completamente descontroladas. Eu queria rir alto. Queria chorar. Queria segurá-la e nunca deixar ir. Eu queria senti-la.

Aquele cigarro de repente parecia mais necessário do que eu pensava, mas eu segurei a onda. Uma dose de nicotina parecia absolutamente paradisíaco, mas não tão bom quanto estar deitada aqui ao lado de Kim. Mesmo que deitar aqui ao lado de Kim fosse parte do problema.

Putá merda. Estou enlouquecendo, não estou?

Fechando os olhos, beijei o topo da cabeça de Kim e corri meus dedos para cima e para baixo nas costas dela, o tempo todo dizendo a mim mesma que eu estava bem. Nada de ruim aconteceu, não importava o quanto eu tentasse me convencer disso.

Mesmo assim, mesmo estando envolvida com ela, eles tinham estado ali. Não me tocando — nenhum deles tinha sido tão gentil — mas ali. Esperando nos bastidores para assumir o controle e transformar esta noite incrível em algo infernal.

Eu odiava esse sentimento. Por cerca de um ano após o ocorrido, tive medo de olhar por cima do ombro — com ainda mais medo de não fazer isso — porque tinha certeza de que eles estariam lá. Com o tempo, eu tinha me livrado disso, mas hoje à noite havia voltado. Enquanto eu tentava me perder em Kim, havia uma certeza cada vez maior no fundo de minha mente de que se eu tivesse aberto meus olhos, ela teria ido embora e eu voltaria àquele escritório improvisado dentro um contêiner de remessa sobreaquecido e super ventilado. Presa, impotente, aterrorizada.

A memória enviou um arrepio através de mim.

Kim se levantou e encontrou meus olhos.

— Você está bem?

Eu assenti.

— Você está?

— Sim, eu estou bem. — Um leve sorriso brincou em seus lábios. — Melhor do que já estive em muito tempo.

— Que bom. — Passei meus dedos pelos cabelos escuros, mas não consegui abrir muito o sorriso.

Ela inclinou a cabeça.

— Você está tensa. — As sobrancelhas dela se arquearam. — Como você ficava quando...

Eu soltei minha respiração.

— Apenas análise mental, eu acho.

— Analisando mentalmente? — A testa dela franziu. — Como assim?

— Eu... — Mordi meu lábio. — Para ser sincera, eu realmente não tinha pensado em como seria estar aqui novamente. Estar na cama com alguém, quero dizer.

— Eu conheço o sentimento. Mas... foi bom né? Não foi...

— Tudo foi perfeito. — Eu levantei minha cabeça e a beijei levemente. — Os únicos problemas foram — eu toquei minha têmpora — aqui.

Os lábios de Kim se apertaram.

— Então não passa?

— Não sei se passa ou não. Eu realmente não sei. — Apertei a mão dela. — Gostaria de poder dizer que sim, mas...

Ela assentiu.

— É totalmente diferente com você e com eles, mas é...

— Você ainda está vulnerável.

— Sim. — Eu levantei a mão dela e pressionei meus lábios nas costas de seus dedos. — Isso dificulta... — Eu ri sem humor. — Bem, digamos que esse foi o maior período de seca que eu já tive.

— Sêrio?

— Ah sim. Nos primeiros dois anos depois de me alistar, fodi qualquer garota que se movesse em um raio de cem milhas de qualquer base ou porto em que eu estivesse. E no ensino médio, eu definitivamente me diverti. Com rapazes e com meninas.

Kim se apoiou no braço.

— Você é bi?

— Não. Eu ainda estava me decidindo naquela época. — Fiz uma pausa, olhando para o teto. — Você sabe o que é meio estranho?

— Hmm?

— Não me interessa por homens desde os dezessete anos, mas desde que fui agredida no Afeganistão — virei-me para ela — pensei nisso.

— O que você quer dizer?

— Talvez fosse diferente se eu nunca tivesse estado com um cara antes. Mas desde o Afeganistão, é difícil para mim lembrar como era estar com um cara e não ter medo dele. E em um nível realmente estranho, eu queria passar uma noite com um homem novamente só para deixar isso de lado. — Eu balancei minha cabeça. — Parece ridículo, eu sei. Não sou atraída por homens, só quero voltar a pensar: *isso não é pra mim, mas não é horrível*, sabe?

— Não acho ridículo. Qualquer coisa para acabar com o trauma.

— Sim, exatamente.

Ela tirou alguns fios de cabelo do meu rosto.

— Bem, isso também me ajudou. — Ela riu baixinho, quase de brincadeira. — E aposto que meu período de seca foi maior que o seu.

— Ah é?

— Sim, foram... — Seus olhos perderam o foco por alguns segundos. — quatro anos, eu acho?

— É mesmo?

— Irônico, não é? — Os lábios dela se curvaram. — Todo mundo pensa que sou uma puta, mas só estive com três garotas. E nenhum homem. Quero dizer, exceto...

— Nenhum homem — eu disse. — Se não foi consensual, não conta.

— Dou graças por isso — ela murmurou. — Mas sim, tudo que eu já tive foram duas namoradas quando adolescente. Não namorei muito porque estava muito ocupada com a escola.

— Sêrio?

Kim assentiu.

— Eu era meio obsessiva com minhas notas.

Eu levantei minhas sobrancelhas.

— Você era?

— Ah sim. Eu queria ingressar na Marinha e não queria terminar num trabalho de merda. Então eu quis me preparar.

— Estou surpresa que você não foi à Academia.

Ela sorriu timidamente.

— Eu queria ser policial.

— Engraçado. — Eu ri. — Sempre jurei que nunca namoraria uma policial.

— Bem, eu disse que nunca namoraria outra marinha.

Eu alisei o cabelo dela.

— Não vejo por que não podemos fazer isso. Nós obviamente combinamos.

— Nós provavelmente devemos ficar caladas no trabalho.

— Definitivamente. Conhecendo os idiotas do nosso comando, eles encontrarão uma maneira de nos acusar de confraternizar. — Revirei os olhos. — Eles tentaram fazer isso com um casal da segunda classe no ano passado. Eles transformaram um deles em 'supervisor' do outro, depois tentaram colocá-los em apuros por confraternizar porque ficavam juntos nos fins de semana.

— Oh, eu desafio Stanton a tentar denunciar alguém por confraternizar — Kim rosnou.

— Verdade.

Ela segurou meu olhar.

— E, juro, não era isso que eu tinha em mente quando te chamei no Skype.

— Não era o que eu tinha em mente quando cheguei aqui. — Acariciei seu rosto. — Mas é definitivamente um lado bom.

— Sim, é.

Eu alisei o cabelo dela.

— E só para esclarecer, sinto muito por ter sido escrota quando você chegou ao comando. Eu deveria ter imaginado. Deus sabe que eu sei o quão difícil é ser você mesmo nesse ambiente.

— Está tudo bem. — Ela encolheu os ombros. — A única coisa que você teve que passar foi o que eu te mostrei.

— Ainda assim. Eu não deveria...

— Passou. Não se preocupe com isso. — Ela arrastou os dedos para cima e para baixo no meu braço. — A parte mais difícil é não saber o que faz as pessoas terem a opinião mais baixa de mim: quando eu sou a cadela fria ou quando eu sou a festeira. — Ela encontrou meus olhos. — Nós não podemos vencer, não é?

— Não, não podemos. E temos que fazer o que for preciso para nos proteger.

— Mas como diabos devemos saber como nos proteger sem sair pela culatra?

— Eu gostaria de saber. — Acariciando sua bochecha, acrescentei — Mas pelo menos nós duas estamos seguras aqui esta noite.

Seu sorriso demorou a se formar, mas se materializou, e ela se aproximou de mim.

— É o mais segura que já me senti em um tempo, para ser sincera.

— Eu também. — Eu beijei sua testa. — Temos que voltar a essa merda em algum momento, mas...

Ela levantou o queixo e roçou meus lábios nos dela.

— Mas não esta noite.

— Não. — Eu passei meus braços em volta dela. — Não essa noite.

CAPÍTULO 17

KIM



Não conseguia me lembrar da última vez que acordei emaranhada nos membros de outra pessoa e esqueci o quanto eu adorava isso. Mesmo com a luz do dia aparecendo entre as cortinas de serapilheira, eu não queria me mexer. Fiquei seriamente tentada a ficar lá o dia todo, minha pele tocando a de Reese, e sem fazer nada que exigisse sair da cama.

Mas às oito e pouco, o alarme no telefone de Reese tocou. Ela resmungou alguma coisa — eu não conseguia entender direito, mas conhecendo-a provavelmente era obsceno — e alcançou a mesa de cabeceira para interromper o barulho.

Eu pensei que ela iria rolar e voltar a dormir. Quem aciona um alarme nas férias, afinal? Mas ela se sentou e se espreguiçou.

— Volte para a cama — murmurei.

— Eu gostaria. — Ela se inclinou e beijou minha têmpora. — Mas eu preciso correr.

— *Estamos de férias.*

— Eu sei. Ainda assim...

— Marombeira.

Ela riu, me beijou de novo e saiu da cama.

— Volto daqui a pouco.

— Estarei aqui.

Depois que ela saiu, eu pensei em voltar a dormir, mas eu já estava acordada, então me sentei. Droga, por que meus músculos estavam tão rígidos? Eu esperava estar cansada e com dores

depois do que eu e Reese fizemos a maior parte da noite, mas isso era diferente. Isso não era fadiga. Tudo estava tenso. Atado.

Oh.

Certo.

Porque ainda não acabou.

Suspirando, massageei meu ombro. Talvez um banho quente ajudasse. Não poderia machucar, de qualquer maneira.

No chuveiro, aplainei minhas mãos contra a parede de azulejos rachados, fechei os olhos e deixei a água quente correr pelo meu pescoço e ombros.

Estamos de férias, ouvi-me resmungando para Reese.

Só que não eram férias. Eu não vim para cá para relaxar. Eu com certeza não vim para fazer sexo. Eu não estava reclamando de tudo o que fizemos, é claro. As coisas estavam ótimas com Reese, e eu esperava, esperava mesmo, que elas pudessem continuar assim quando voltássemos para Okinawa.

Mas se elas continuassem ou não, o resto desta situação continuaria. Eu ainda tinha que fazer uma denúncia contra Stanton. Haveria uma investigação.

E eu ainda estava carregando seu bebê.

Até depois de amanhã, pelo menos.

Estremeci e, embora a temperatura da água não tivesse mudado, senti um frio repentino, desliguei o chuveiro e saí. Enquanto me secava, evitei meu reflexo embaçado no minúsculo espelho.

Menos de quarenta e oito horas e teria que enfrentar a clínica de aborto pela segunda vez. Que garantia eu tinha que não ia surtar de novo? Eu estava no limite desde o momento em que entrei. Qualquer coisa poderia desencadear um flashback. Se não tivesse sido a enfermeira me incentivando a me deitar...

Apenas deite-se. Relaxe.

Quem pode garantir que outra coisa não teria desencadeado a mesma reação?

Náusea subiu na minha garganta. Debrucei-me sobre o banheiro, mas depois de algumas respirações profundas, a sensação passou, então fiquei de pé e me apoiei na porta, a superfície fria contra a minha pele nua.

Mastigando meu lábio, olhei para baixo. Eu ainda estava de pouco tempo para ter barriga, então o pouco de peso “extra” acima do meu cinto era provavelmente o resultado do tanto que comi por estresse ou por não gastar tanto tempo fazendo o treinamento que eu deveria. Eu duvidava que alguém tivesse notado, considerando o quanto a “barriga” tinha crescido. Maldição. Mais uma semana ou duas e preciso de novos sutiãs. Se as pessoas ainda não tiverem notado, em breve notariam.

Mais uma semana ou duas? Em breve?

Eu deixei minha cabeça cair contra a porta. Ninguém notaria e eu não precisaria comprar sutiãs ou uniforme de maternidade porque não estaria grávida depois desta semana.

Estaria?

Fechei os olhos.

Apenas uma vez, eu precisava que algo sobre essa maldita situação fosse simples.



Eu estava calçando minhas sandálias quando Reese voltou.

— Ei. Como foi sua corrida?

— Seria melhor se o poodle de uma dama não tivesse tentado me atacar, então... — Ela encolheu os ombros. Então ela inclinou a cabeça. — Algo está errado?

— Hmm? Não. Não... — Eu forcei um sorriso. — Ainda não estou completamente acordada.

Os vincos em sua testa se aprofundaram, e eu silenciosamente implorei que ela deixasse passar.

Felizmente ela fez isso.

— Vou tomar um banho rápido. Então, café da manhã?

O sorriso não deu muito trabalho dessa vez.

— Café da manhã parece uma boa.

— Bom, porque estou morrendo de fome.

— Aprese-se e tome banho então, depois vamos a algum lugar.

Ela bateu de brincadeira na minha bunda e depois foi tomar um banho. Quando ela voltou, eu tinha acabado de amarrar meu cabelo úmido em um rabo de cavalo.

Enquanto ela se vestia, eu me sentei na cama.

— Eu... podemos conversar sobre algo antes de sairmos?

Reese olhou para cima, fechando o short.

— Claro. O que foi?

Coloquei meus ombros para trás.

— Vou cancelar o aborto.

As sobrancelhas dela saltaram.

— Vai?

Encolhendo-me, assenti.

— Eu sei que não posso ficar com o bebê. Mas eu... — Olhei para baixo e percebi que colocaria minha mão sobre minha barriga ainda quase plana. — Eu simplesmente não me sinto bem com essa parte.

— Oh! Graças a deus. — Ela sentou ao meu lado. — Eu não queria convencer você disso, mas...

Olhando para ela, eu disse:

— Mas você não aprovava?

— Aprovar não é a palavra que eu usaria. — Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Mas nunca senti que era isso que você queria.

Meus ombros caíram.

— Não era. Não é. O problema é que, embora eu saiba que é... bem, não é a maneira mais fácil, mas a maneira mais simples de cortar laços com Stanton, não consigo me fazer acreditar que estou fazendo isso porque quero. Concordei porque não via outra maneira. Mas não parece certo fazê-lo só porque ele quer, sabe?

Reese assentiu.

— Absolutamente.

— Sei que não posso criar essa criança e não quero ficar presa a Stanton pelo resto da vida. — Olhei para a mão que eu ainda tinha sobre a minha barriga. — Mas eu simplesmente não consigo.

— Então, não faça. — Ela me puxou para um abraço gentil e beijou minha testa. — Se não parece a coisa certa, provavelmente não é.

Nossos olhos se encontraram e meu coração pulou na minha garganta.

— Merda.

— O quê?

— E o nosso acordo? — Engoli. — Você sabe o que aconteceu. E concordamos que você denunciaria, então ele...

— Eu sei. — Ela alisou meu cabelo. — Mas não ouse continuar com isso só para não ter problemas. Nós vamos descobrir algo, mas... não. A menos que seja o que você deseja.

— Não é.

— Então aí está sua resposta.

— Mas o que nós fazemos? Eu te contei o que aconteceu porque eu ia fazer o aborto, mas agora estamos numa situação ruim.

Reese suspirou.

— Eu não sei. Eu realmente não sei. Mas prometo a você que não vou reportar quando voltarmos.

— Obrigada — eu sussurrei.

Ela sorriu e me beijou gentilmente.

— Vá em frente e faça a ligação. Aposto que você se sentirá melhor depois.

— Você provavelmente está certa. — Encontrei o cartão de confirmação da consulta na minha bolsa, peguei o telefone do motel e disquei o número da clínica.

Quando a recepcionista respondeu, eu disse:

— Oi. Eu gostaria... — Olhei para Reese e ela assentiu. Umedeci meus lábios. — Eu preciso cancelar uma consulta.

— Tudo bem, senhora. Pode falar seu nome?

— Kim Lockhoff. — Soletrei meu sobrenome para ela e, à medida que cancelávamos meu procedimento, meu estômago revirava, mas, pela primeira vez, não senti que ia vomitar. Quando desliguei o telefone, algo no meu peito se acalmou. Tudo isso estava longe de terminar, mas eu me sentia melhor. Finalmente, senti que tinha algo a dizer sobre o meu próprio futuro.

Soltei um suspiro e encontrei os olhos de Reese.

— OK. Está feito.

Ela sentou ao meu lado novamente e me abraçou.

— Bom. Estou orgulhosa de você. É preciso coragem para não deixar esse idiota intimidar você em algo assim.

Suspirando, descansei minha cabeça contra ela.

— Só queria poder ter tido essa coragem quando estava no escritório dele.

— Querida, você estava se protegendo. — Ela beijou o topo da minha cabeça. — Não estava sendo fraca, estava impedindo que uma situação ruim piorasse.

Eu estremeci.

— Acho que poderia ter sido pior, não é?

— Sim. Poderia. — Ela levantou meu queixo e beijou meus lábios desta vez. — E estou muito, muito feliz por não ter acontecido dessa maneira.

— Eu também.

Nós nos abraçamos por um longo momento antes que ela se afastasse e encontrasse meus olhos.

— Como nossa licença foi prorrogada, ainda temos alguns dias no Havaí.

Eu fiz uma careta.

— Não parece longo o suficiente. Ugh. Eu só... não quero voltar.

— No seu lugar, eu também não ia querer. Mas, por enquanto, você está de férias. Pode muito bem aproveitar.

— Verdade. — Eu hesitei. — Você realmente acha que é ético? Considerando por que estamos aqui?

Reese levantou as sobrancelhas.

— Você realmente acha que Stanton vai tentar te sacanear por causa de como passou seu tempo em Oahu?

Hesitei, mas depois sorri.

— Sim, bom argumento.

— Exatamente. Então, vamos sair e nos divertir, e ele pode se ferrar. — Ela colocou a mão na minha perna. — Então, para onde você quer ir?

Eu pensei por um momento.

— Bem, Diamond Head provavelmente está fechada hoje, mas poderíamos conferir o USS Arizona Memorial.

— Oh, boa ideia. — Ela levantou as chaves do carro. — Você vai dirigir, ou eu dirijo?

— Você dirige.

— Beleza. Vamos lá.

De mãos dadas, fomos explorar o resto de Oahu.

CAPÍTULO 18

REESE



Aterrissamos em Okinawa vinte e quatro horas antes do fim da licença. Levei Kim diretamente para a clínica de cuidados intensivos em Camp Courtney para fazer uma pequena pausa e ter sua gravidez anotada em seu prontuário médico.

Fui para a sala de exames com ela e usamos silenciosamente nossos telefones até a policial entrar.

— Eu sou a HM1 Davis. — Ela apertou nossas mãos.

Então ela abriu o prontuário de Kim.

— E só para confirmar, seu teste de gravidez voltou positivo.

Kim fechou os olhos e exalou. Eu não tinha percebido o quanto os ombros dela estavam tensos até então, enquanto eles relaxavam lentamente.

— Você está bem? — perguntou a HM1 Davis.

— Sim. — Kim abriu os olhos. — Não é uma surpresa.

A médica arqueou uma sobrancelha.

— Bem, eu tenho algumas informações para você. — Ela entregou uma pilha de panfletos e papelada. — Você deseja se registrar no hospital em Camp Lester assim que puder, e eles podem inscrevê-la em algumas das aulas de parto.

Kim piscou.

— OK.

A médica continuou com várias recomendações — uma agenda de consultas com uma das obstetras da base, sintomas a observar, um regime de vitaminas pré-natais. Kim assentiu enquanto Davis

falava, mas não disse nada. Eu não conseguia imaginar o que estava passando pela mente dela. Toda essa besteira me dominou e não era eu quem tinha que lidar com isso.

— Agora — a policial hesitou, mas depois segurou um dos panfletos — as mulheres grávidas correm um risco muito maior de violência doméstica. Aqui tem uma lista de números que você pode...

— Sou uma MA — Kim disse com uma risada seca e desanimada. Sei com quem posso entrar em contato.

— Tudo bem, mas existem alguns outros números aqui. Recomendamos que todos os pacientes os tomem, mesmo que não considerem necessário.

Kim olhou para mim. Sem dizer uma palavra, ela pegou o panfleto e o adicionou à pilha de papéis ao lado dela na mesa de exame.

A médica examinou seu prontuário e depois o deixou de lado.

— Você tem alguma dúvida ou preocupação neste momento?

Kim balançou a cabeça. A médica anotou mais algumas coisas e a liberou.

Depois que Kim saiu, fomos para o estacionamento. Quando estávamos do lado de fora, Kim se inclinou contra o meu carro enquanto eu acendia um cigarro.

Dei algumas tragadas, deixando a nicotina entrar no meu sistema. Enquanto batia nas cinzas sobre a calçada, eu disse:

— Como você está?

— Ainda acho que tomei a decisão certa.

— Então você tomou. — Eu a abracei com um braço, mantendo cuidadosamente meu cigarro longe dela. — Sei que não há opções fáceis no momento, mas acho que você fez o melhor que pôde.

— Eu tentei de qualquer maneira.

Eu a deixei ir e recuei para dar outra tragada.

— Por curiosidade, eu... bem, quando a médica disse que seu teste foi positivo, você parecia meio que, eu não sei...

— Aliviada?

— Sim.

Ela encolheu os ombros.

— Eu não sei. Acho que precisava que alguém para me dissesse que isso está realmente acontecendo. Ultimamente, tudo estava tão no ar, pelo menos havia algo em preto e branco, sabe?

— Hã. Eu não tinha pensado dessa maneira, mas faz sentido.

— Tanto quanto qualquer coisa nessa situação pode fazer. — Ela soltou um suspiro. Acho que devo levar meu pedido de serviços leves para Gutiérrez.

— Você ainda está de licença até amanhã.

— Sim, mas é melhor acabar logo com isso. — Ela estremeceu apesar do calor tropical. — Quanto tempo você acha que levará até Stanton descobrir?

— Depende. — Apertei a mão dela. — Você quer que ele descubra? Ou vai contar a ele?

— Eu nem quero olhar para ele. — Ela estremeceu.

— Eu não culpo você.

Kim mudou seu peso.

— Mas pelo menos, se eu disser para ele cara a cara, posso estar no controle.

— Bom argumento. Supondo que ele não tente colocar a mão em você. — Eu apertei meu aperto. — Se ele fizer isso, eu juro por Deus...

— Ameaçar-me a fazer um aborto é uma coisa. — Ela encontrou meus olhos enquanto corria o polegar ao longo do meu dedo. — Ficar violento e possivelmente me fazer abortar? Acho que nem Stanton é tão estúpido.

— Vamos torcer.

— Sim. Mas... Ugh. Eu não posso lidar com ele. Não agora. Eu acho que vou começar com Gutiérrez.

— Você quer que eu vá com você?

Os olhos dela se arregalaram.

— Você iria?

— Claro. Quando você quer ir?

— Quanto antes melhor.

Eu olhei para o meu relógio.

— Ele provavelmente está no escritório agora.

— Vamos lá.



A porta do escritório de Alejandro estava aberta como sempre, e o MA1 Harris não estava por perto.

— MA1? — eu disse. — Está ocupado?

Ele ergueu os olhos de um diário de bordo.

— Oh. Eu não esperava você de volta até amanhã. — Ele olhou para mim. — Nenhuma das duas.

— Ainda estamos de licença. — Fiz um gesto para Kim me seguir, e ela fechou a porta atrás de nós. — Mas a MA3 precisava falar com você.

— Oh. Tudo bem.

Kim pigarreou e entregou-lhe um pedaço de papel dobrado.

— Eu preciso ir para o serviço leve.

— Serviço leve? — Suas feições se estreitaram em confusão, e então ele olhou para o papel que havia entregado. Os lábios dele se separaram. Seus olhos se voltaram para mim, depois para Kim, as sobrancelhas erguendo-se. — Isto é... — Ele olhou para mim novamente.

Ombros empurrados para trás, Kim mudou seu peso.

— Até eu ter o bebê. E então, é claro, precisarei tirar uma licença maternidade.

Ele apertou os lábios, e talvez ele não pudesse esconder isso, ou talvez eu apenas o conhecesse muito bem, mas eu vi o *Ai, merda...* cintilando em seu rosto, claro como o dia, mas ele rapidamente mascarou sua expressão.

— Tudo certo. Parece que você estará despachando por um tempo.

Kim fez uma careta.

— Essa é a única coisa disponível?

— Sim. A maioria dos funcionários está sobrecarregada no momento. — Ele encolheu os ombros. — Despacho é tudo o que tenho.

Os ombros dela caíram.

— Não há mais nada em Kadena? Como na tramitação e identificação ou algo assim?

Alejandro a estudou, um milhão de perguntas escritas em sua testa enrugada.

— Eu precisaria ligar e descobrir, mas eles não pediram pessoal, então...

Kim olhou para mim. Alejandro também.

Mordi meu lábio.

— MA3, você se importaria de nos dar licença um minuto?

Os dois ficaram tensos, mas Alejandro não disse nada, e Kim saiu rapidamente do escritório.

Quando a porta se fechou atrás dela, eu o enfrentei.

— Eu estaria passando dos limites se pedisse para você colocá-la na tramitação e identificação como um favor pessoal?

— Um favor pessoal— Alejandro levantou as mãos. — Ok, podemos voltar um segundo aqui? Quero dizer, o que exatamente está acontecendo? Eu pensei que ela fosse para o Havaí para poder...

— Ela te contou isso?

Sua boca se abriu, mas ele a fechou rapidamente, e sua postura ficou rígida.

Eu cruzei meus braços.

— Ou *e*le te contou?

Alejandro engoliu em seco.

— Não é preciso muito para juntar dois e dois.

— Então não preciso soletrar, preciso?

— Oh não. — Ele olhou para a porta. — Mas ela acabou de me dizer que vai ter um bebê.

Eu assenti.

Ele beliscou a ponta do nariz.

— Jesus Cristo. — Soltando a mão, ele acrescentou: — Ela está brincando com fogo, Reese.

— Na verdade, ela está jogando com as cartas ruins que recebeu e fazendo o melhor que pode com elas.

— O que ela achou que ia acontecer quando ela... — Ele balançou a cabeça. — Sério, ela está surpresa que isso tenha

acontecido?

Engoli a bile subindo na minha garganta, lembrando-me repetidamente que ele não sabia a história toda.

— De alguma forma, acho que Stanton também não pensou nisso, mas...

— Não estou dizendo que ele foi menos idiota, mas o fato é que o envolvimento dela é muito mais difícil de esconder do que o dele. Qualquer idiota saberia que dormir com alguém assim faria com que...

— Pelo amor de Deus — eu assobieie. — Quem você realmente acha que estava no controle dessa situação?

— Ela é adulta — ele retrucou. — Se eu tiver que punir todos os outros idiotas que fazem coisas estúpidas enquanto estão bêbados, não posso fingir que não vi ela fazer a mesma coisa.

Eu cerrei os dentes. Eu já estava perigosamente perto de mostrar minhas cartas.

— Seria realmente um aborrecimento para você? Tirá-la desta delegacia por um tempo?

— Não há muito que possa fazer e você sabe disso.

— Acho que você tem mais opções do que está deixando transparecer. Minha pergunta é quão preocupado você está com essas opções que afetariam suas chances de assumir o cargo de chefe?

Ele estreitou os olhos.

— Você está passando dos limites, MA2.

Eu me disse entre dentes.

— Desculpe, MA1.

Nós nos encaramos.

Ele cruzou os braços sobre a blusa de camuflagem.

— Você sabe, há uma ou duas semanas, você estava chateada comigo mesmo por pedir para ter certeza de que ela estava bem. Agora você quer que eu mexa os pauzinhos para mantê-la longe do pai de seu filho. Que merda é...

— O que eu quero é que você intensifique e ajude um de seus marinheiros. Se você encontrar um tempo entre puxar o saco do tenente Stanton.

Ele piscou e meus dentes se fecharam. Amigo ou não, ele ainda era meu LPO.

— Você me conhece — ele rosnou. — E você sabe muito bem que não se trata de puxar o saco de alguém.

— Não é? Porque parece-me que você ficou bastante amigável com Stanton recentemente.

Ele revirou os olhos e exalou bruscamente.

— Também sou amigo do chefe e do chefe sênior e não gosto mais deles do que gosto dele.

— Então são todos jogos políticos.

— Você sabe como essa merda funciona.

— Sim. Então, esse é o único motivo pelo qual você se preocupa em proteger um de seus marinheiros?

— Proteger? — Ele levantou as mãos. — De que? Não é ela quem precisa ir para casa e encarar a esposa que traiu. — Ele gesticulou na direção geral do escritório de Stanton. — Ele tem muito mais a perder do que ela.

— Então talvez ele devesse ter pensado nisso, não é?

— Não é como se ele pudesse fazer alguma coisa agora. — Ele acenou bruscamente para a porta. — Especialmente porque ela aparentemente se encarregou de não fazer nada.

Minha boca se abriu.

— Você realmente acha que ela deveria ter passado por isso? Só para ele não ter que enfrentar a esposa ou...

— Não, não é isso que estou dizendo — ele rosnou. — Estou dizendo que *ela* é quem está no controle aqui, não ele. Por isso, sou pressionado a lidar com ela com luvas de pelica. — Ele apontou um dedo para mim. — E você de todas as pessoas sabe exatamente o porquê, porque não queria nada com toda essa situação. O que diabos mudou?

— Eu estava errada — eu sussurrei. — Sobre ela.

Ele me estudou. Então uma sobancelha subiu na testa.

— Quão errada? Você passou de não ser capaz de olhar para ela, a ir para o Havaí para fazer companhia... — Ele soltou um suspiro. — Por favor, diga-me que você e ela não...

— Isso não é da sua conta. — Eu me arrependi das palavras antes terminasse de dizê-las. Eu poderia muito bem ter escrito

“culpada” na minha testa.

Sua outra sobrancelha se levantou e seus lábios se apertaram.

— Diga-me como essa conversa não é um conflito de interesses.

— É mais do que você e o Chefe dando um tapinha nas costas de Stanton por se esquivar de uma bala quando a esposa dele não descobriu o que aconteceu?

Alejandro deu um pulo tão forte que pensei que ele iria cair para trás.

— Sim, eu ouvi vocês. — Eu torci meu lábio com nojo.

Sua expressão endureceu.

— Não aja como santa aqui. Não faz muito tempo, você estava lá comigo e provavelmente teria algumas palavras parecidas sobre o comportamento dela.

— Você está certo. Eu teria. — Eu levantei meu queixo e olhei de volta para ele. — Mas eu estava errada. Muito, muito errada. E agora, ela precisa da ajuda das poucas pessoas em quem pode confiar em sua cadeia de comando, o que praticamente se resume a você e a mim.

Ele me observou em silêncio por um momento.

— Há algo mais nessa história?

Abri minha boca para responder, mas parei antes de dizer qualquer coisa de que Kim e eu nos arrependíamos.

— Não. Apenas... uma situação muito ruim e duas pessoas que realmente não precisam tropeçar uma na outra todos os dias no trabalho.

Alejandro balançou a cabeça.

— Olha, eu não a invejo pela situação em que está, mas ela é uma adulta que tomou uma decisão. Se eles estão em uma situação de merda ou se as coisas estão estranhas entre eles, eu não posso fazer muito. Não sou babá.

Mordi alguma insubordinação e abaixei minha voz.

— Você vai pelo menos ligar para Tramitação e Identificação e ver se ela pode trabalhar lá por um tempo?

— Eu ligo para eles. — Ele encolheu os ombros. —, mas não posso fazer promessas.

— Obrigada. — Eu parei. — MA1.

As sobrancelhas dele se ergueram, e então ele apertou o queixo.

— Dispensada, MA2.

Eu mal me impedi de bater a porta do escritório atrás de mim.

CAPÍTULO 19

KIM



Reesse saiu do escritório de Gutiérrez e eu dei um passo para trás.

— O que... o que aconteceu? Parece que você está pronta para bater em alguém.

Ela respirou fundo e soltou lentamente.

— Eu preciso de um cigarro.

Eu a segui para fora da delegacia e até a área de fumantes.

— Então o que ele disse? — eu perguntei.

Ela acendeu o cigarro e guardou o isqueiro no bolso.

— Bem, ele vai tentar a tramitação e identificação.

— Impressionante. Obrigada.

Ela trouxe o cigarro de volta aos lábios.

— Eu não sei o quanto ele vai tentar, para ser sincera.

— Droga.

— Não há muito que ele possa fazer. — Ela olhou para mim através da fina nuvem de fumaça. — Deus sabe de que lado ele está hoje em dia, mas eu sei que sem uma queixa formal, ele será pressionado a justificar a separação entre vocês dois.

Suspirando, assenti.

— Eu sei.

— E mesmo se você for a Kadena para trabalhar na tramitação e identificação, ainda estará trabalhando tecnicamente para Stanton.

— Bem. — Eu acenei com a mão. — Eu simplesmente não posso estar no mesmo prédio que ele todos os dias.

— Eu sei. — Ela deu uma longa tragada e soprou a fumaça. — Eu nem gosto de estar na mesma ilha que ele.

— Nem me fale. E eu... foda-se, eu preciso falar com ele. — Fiquei um pouco mais reta e me fortaleci. — Para que ele saiba que eu não abortei.

Reese mordeu o lábio.

— Você tem certeza?

Eu assenti.

— Melhor ele ouvir isso de mim mais cedo ou mais tarde. Na verdade, eu vou fazer isso agora antes que meu pedido de serviços leves chegue à sua mesa.

Eu me virei para ir.

— Kim. — Ela me parou com uma mão no meu braço. — Você não deve enfrentá-la sozinha.

Com os olhos fixos nos dela, eu gentilmente libertei meu cotovelo.

— Eu preciso. Preciso que ele saiba que não tenho medo dele.

— Você *tem* medo dele?

Umedeci meus lábios.

— Claro que tenho. — Os cabelos na parte de trás do meu pescoço estavam arrepiados. — Mas não quero que ele saiba disso.

— Você tem certeza disso?

— Sim. Eu *acho* que sim. Não há muito que ele possa fazer no escritório. Não com tantas pessoas por perto.

— Verdade. Mas ainda assim...

— Eu ficarei bem. — Dei um passo em direção à delegacia, mas olhei para trás. — Você estará aqui?

— Claro. — Ela deixou cair o cigarro e esmagou-o embaixo do tênis. — Vou esperar por você na expedição, assim estarei no final do corredor.

— Okay. Obrigada.

De volta para dentro, me preparei e fui para o escritório de Stanton. Sua porta estava fechada como sempre, então eu bati.

— Entre.

Respirei fundo dizendo a mim mesma “eu posso fazer isso” e empurrei a porta.

— MA3. — Ele recostou-se na cadeira. — Eu não esperava vê-la até amanhã.

— Meu voo chegou hoje de manhã, senhor.

Ele me olhou de cima a baixo.

— E como está se sentindo?

— Eu vou ficar bem, senhor. — Enfiei a mão no bolso e retirei o envelope amassado de dinheiro. — Só vim te devolver.

Ele olhou, mas não o alcançou.

— O que é isso?

— O dinheiro. — Coloquei na mesa dele. — Estou devolvendo.

A clínica havia me cobrado pelo cancelamento, mas consegui juntar o suficiente para cobrir a diferença, para poder pagar cada centavo a Stanton. De jeito nenhum eu ficaria em dívida com um filho da puta como ele.

Ele pegou o envelope e levantou a aba o suficiente para ver o dinheiro lá dentro. Então seus olhos se encontraram com os meus.

— Você fez o procedimento químico, então.

— Não. — Fiquei ereta, apertando minha mandíbula. — Eu cancelei, senhor.

Seus lábios se apertaram em uma linha fina, e ele se levantou.

— Como assim, você cancelou?

— Quero dizer, eu cancelei. Eu não vou fazer isso. — Engoli. — Senhor.

Ele deu a volta na mesa, cada passo lento e calculado. Eu me recusei a me mexer. De jeito nenhum.

Ele parou na minha frente e cruzou os braços.

— Então, se você não estava cuidando dessa situação, que diabos estava fazendo enquanto estava de licença?

— Não tenho certeza de como isso é.

— Eu assinei uma licença de emergência para a MA2 Marion voar até lá para ficar com você. Não era para vocês duas passearem no Havaí.

Eu me forcei a segurar seu olhar.

— Fui à clínica, mas depois decidi que não poderia continuar.

Ele riu sem humor.

— Você decidiu que não poderia continuar com isso.

— Sim senhor.

O riso desapareceu, e a fúria repentina em seus olhos fez meu estômago apertar.

— Você é uma idiota, MA3.

— Por quê? — Minha voz tremia. — Não fui eu quem fodeu uma mulher que não queria. Sem camisinha, ainda por cima.

Suas feições endureceram ainda mais, e de repente eu desejei ter trazido Reese até aqui. Ele não seria estúpido o suficiente para ser violento, seria? Se ele fosse, todos os MA's ao alcance da voz estariam aqui em segundos. Não estariam?

Porque o homem que me forçou a fazer sexo com ele era certamente racional o suficiente para não ser violento quando encurralado.

As mulheres grávidas correm um risco muito maior de violência doméstica.

Oh merda.

Eu engoli.

Seus lábios puxaram uma linha fina.

— Vamos esclarecer uma coisa, aqui e agora. Ninguém neste comando vai acreditar por um segundo que eu estuprei você. E você sabe muito bem que eu *não* estuprei.

— Eu sei?

As sobrancelhas dele se ergueram.

— Você parece estar esquecendo que está falando com um oficial superior, MA3.

— Um oficial superior casado que fez sexo com uma oficial subalterna de terceira classe sob seu comando? — Meu coração caiu quando percebi que tinha dito em voz alta.

— Eu sugiro que você tenha cuidado onde pisa, MA3. — Ele se inclinou apenas o suficiente para me fazer recuar. — Porque há muito mais em jogo aqui do que você pensa.

— Como o quê?

— Acredito que quer dizer, como o que, *senhor*?

Engoli.

— Como o que, senhor?

— Sua carreira, por exemplo.

Apesar do meu coração palpitante e das pernas trêmulas, consegui rosnar:

— E a sua, senhor.

— Sim. E a minha. — Ele levantou a mão e eu me encolhi, mas ele não me bateu. Em vez disso, ele colocou a mão contra a porta ao lado da minha cabeça, e agora estava pairando sobre mim, tão perto que eu quase podia sentir sua respiração na minha pele. *De novo.*

— Você deve estar ciente — ele rosnou, quase sussurrando — de que lutarei com unhas e dentes para impedir que você prejudique minha carreira, minha reputação e meu casamento. E ninguém vai acreditar em uma puta conhecida com apenas uma divisa no ombro em vez de acreditar em mim. — Ele se inclinou ainda mais, até que nossos rostos estavam quase se tocando e eu não pude me afastar mais por causa da porta atrás de mim. — Fui claro, MA3?

Recusei-me a quebrar o contato visual.

— Sim, senhor.

— Bom. — Ele se afastou.

Oh! Graças a deus. Eu podia respirar novamente. Apontei minhas mãos contra a porta, apoiando-me com força para que meus joelhos não tremessem debaixo de mim.

Stanton ficou quieto, mas apenas por um momento.

— O que você escolher, marque minhas palavras. Se for registrado que essa criança é minha, vou me certificar de que você se arrependa. — Ele pegou o envelope da mesa e o empurrou em minha direção. — Eu sugiro que você faça isso.

Peguei o envelope, olhei para ele e depois o encarei.

— Anotado, senhor.

E então eu saí de lá antes de perder o pouco de coragem que me restava.

Do lado de fora, enfiei o envelope no bolso, encostei-me na parede e esperei meu batimento cardíaco diminuir.

Para quem não ia deixá-lo me intimidar...

— Kim? — A voz de Reese virou minha cabeça. — Você está bem?

Me afastei da parede e fui em direção a ela. Ela me olhou de cima a baixo e rapidamente me conduziu a uma sala de conferências vazia.

Afundi-me em uma cadeira dobrável, esfregando as têmporas. As pernas da cadeira arranharam o chão, e Reese se sentou ao meu lado.

Ela esfregou a parte de trás do meu pescoço.

— O que aconteceu?

— Foi tão bem quanto eu esperava.

— Merda. Tão ruim assim?

— Você está surpresa?

— Bem... não.

Recostei-me e encontrei os olhos dela.

— Eu realmente preciso sair deste escritório. Não me importo se Gutiérrez vai me mandar para Kadena ou se ele vai me fazer me verificar as identificações no portão. Eu só... — Eu balancei minha cabeça. — Eu não posso lidar com ele.

— Eu sei. — Ela pegou minha mão e apertou-a. — E denunciando ele...

Quase instantaneamente, meus olhos lacrimejaram.

— Oh, querida. — Ela passou os braços em volta de mim. — Ele te ameaçou de novo, não foi?

— Claro que sim. — Eu funguei e a segurei. — A mesma ameaça de antes. Eu vou me arrepender se alguém descobrir que esse é o filho dele, e ele vai... Porra, eu não sei o que fazer.

— Eu sei. Foda-se aquele filho da puta. — Ela beijou o topo da minha cabeça e suspirou no meu cabelo. — Sinto muito, Kim.

Depois de um momento, sentei-me e enxuguei os olhos.

— É isso aí... O problema é que não tenho escolha. Não posso fazer um aborto. Ele me encurralou com acusações. Há realmente apenas uma coisa que *posso* fazer.

— O que é?

Umedeci meus lábios.

— Ter o bebê. Entregar para adoção. E seguir em frente com a minha vida. — Eu mantive o olhar no dela, silenciosamente implorando para que ela não me lembrasse que era obrigada a denunciar Stanton em meu nome. Eu tinha uma escolha legalmente, ela não.

Mas ela apenas assentiu e pegou minha mão.

— OK. Aconteça o que acontecer, eu estarei lá.

Eu levantei a mão dela e beijei seus dedos.

— Obrigada.

— Tudo bem — ela sussurrou e me abraçou novamente. —

Agora vamos dar o fora desse lugar.

— Boa ideia.

CAPÍTULO 20

REESE



Dois cigarros depois de deixarmos a delegacia, Kim e eu fomos para o meu carro.

Enquanto esperava o ar condicionado esfriar tudo, me virei para ela.

— Nós duas voltamos ao trabalho amanhã. Acho que devo levá-la para casa para que possamos desfazer as malas.

— Oh Deus. — Kim beliscou a ponta do nariz. — Droga. Eu não quero voltar para lá.

— Volta para onde? Para o quartel?

Ela assentiu.

— O quê? Por quê?

— As notícias estavam circulando. Mesmo antes de eu sair. — Ela abaixou a mão e se inclinou, abraçando-se. — Ouvi alguns caras do quartel falando sobre como as mulheres grávidas são gostosas. E foder com elas é incrível, porque você não precisa usar proteção.

— Sim, os caras falam isso.

Ela me olhou.

— E eles mencionaram esse assunto três vezes enquanto eu estava ao alcance da voz.

— Porra...

— Sim. E... — Ela engoliu em seco e apertou o queixo enquanto olhava pela janela.

— O que? Me conta.

— Eles... — Ela respirou fundo quando se virou para mim. — Ouvi alguém dizer que se uma garota está grávida, ela obviamente gosta. De ser fodida, quero dizer.

— Jesus.

Ela fungou.

— Não é legal que nossa cadeia de comando dê o exemplo?

Eu não conseguia nem sorrir. Estendi a mão pelo console e segurei a mão dela no colo.

— Querida, você se sente segura no quartel?

Kim estremeceu.

— Por que você não vem ficar comigo?

Ela virou a cabeça.

— Eu sou um Cabo. Não posso morar fora da base.

— Nessas circunstâncias, não acho que você deva morar na base. — Apertei a mão dela. — Você decide.

— Você realmente não se importa?

— Nem um pouco.

— OK. Obrigada.

Levei-a de volta ao quartel para que pudéssemos pegar algumas coisas para ela. Enquanto ela fazia as malas, olhei para o corredor. Algumas portas estavam abertas e vozes masculinas falavam merda sobre videogames enquanto dois caras de uniforme saíam, provavelmente a caminho do trabalho. Apenas uma porta e paredes finas a separavam de qualquer uma delas. Eu só podia imaginar como ela se sentia morando aqui. Se era como eu me sentia depois do Afeganistão, ela precisava sair daqui e ir a algum lugar seguro. Talvez ela não pudesse se afastar desses caras no trabalho, mas podia pelo menos se despir, tomar banho e dormir sem ficar apavorada toda vez que ouvia alguém passar pela porta.

Depois que ela fez as malas, peguei a bolsa e a coloquei nos meus ombros. Ela deslizou o laptop e um livro que estava ao lado da cama em uma pequena mochila.

Ela me seguiu até meu apartamento, que ficava a quinze minutos de White Beach, e carregamos tudo para cima.

Coloquei a bolsa ao lado do sofá na sala de estar.

— Não é muito, mas você pode ficar o tempo que precisar.

— Obrigada. Eu realmente gostei daqui. — Ela colocou a mochila na beira de uma almofada do sofá. — Eu me sinto muito melhor por estar longe daquele lugar, pelo menos por enquanto.

— Eu não culpo você. — Sentei-me ao lado dela e coloquei minha mão em seu joelho. — E eu tenho que admitir, eu meio que gosto de tê-la aqui de qualquer maneira.

— É? — Ela finalmente sorriu. — Por quê?

Eu passei meus braços em volta dela.

— Por que você acha?

Ela se deixou puxar para mais perto e, quando soltou a respiração, os nós nos ombros pareceram desaparecer de uma só vez.

— Eu gosto de estar aqui. Estar com você é muito mais seguro. — Ela levantou o queixo e me beijou gentilmente. — Mas essa definitivamente não é a única razão pela qual gosto de estar com você.

Espero que não. Inclinei-me e pressionei meus lábios nos dela.

Ela não recuou.

Eu quis apenas dar um beijo leve e afetuoso, mas a suavidade daquela boca era viciante. E depois do dia que tivemos, todas as besteiras, estresse e caos, eu não pude resistir ao alívio que o abraço caloroso dela oferecia. Um beijo, um abraço mais apertado, e quando percebi, estávamos muito perto para que isso terminasse tão cedo.

Eu quebrei o beijo e murmurei

— Eu tenho, hum... eu não te mostrei o quarto.

— Hmm, não, você não mostrou.

— Eu deveria consertar isso. — Peguei a mão dela e ela me deixou levá-la pelo corredor curto.

Enquanto eu a puxava de volta para meus braços, ela examinou nossos arredores, e um sorriso brincou em seus lábios.

— Essas paredes são de concreto? Como no quartel?

— Sim. — Passei minhas mãos em volta da cintura dela. — O que significa que os vizinhos não ouvirão nada.

Ela riu e me puxou para mais perto.

— É o que eles pensam.

— Mmm, por que sinto que você vê isso como um desafio?

Ela me cutucou em direção à cama.

— E você não?

— Eu nunca disse isso. — Eu a arrastei para a cama comigo, e no segundo em que minhas costas bateram no colchão, estávamos muito ocupadas nos beijando para nos incomodar com brincadeiras. Muito ocupadas beijando e muito ocupadas tirando todas as roupas de cima de nossa pele.

Rapidamente tiramos tudo da cintura para cima. Meu sutiã nem atingiu o chão antes de Kim se mover e acariciar meus seios. Ela passou horas em um mamilo, brincando com os lábios, língua e dentes, antes de passar para o outro.

Deslizei a mão por baixo da blusa e encontrei seu seio. Seu mamilo estava duro como uma rocha, e quando minha ponta do dedo roçou, ela pulou.

— Ainda sensível?

— Hum-hmm. Mas continue... continue...

— Não se importe se eu fizer. — Belisquei seu mamilo gentilmente, mas com firmeza, e beijei meu caminho pela lateral de seu pescoço. Gemendo, ela se contorceu debaixo de mim, pressionando seus seios nas minhas mãos e seu corpo contra o meu.

— Deveríamos realmente fazer algo sobre todas essas roupas — falei.

— Hum-hmm. Mas eu gosto... do que você está . . .

Eu belisquei seu mamilo um pouco mais forte, e ela gemeu.

— Porra, Reese.

— Devemos tirar a roupa — eu sussurrei. — Para que eu possa te tocar por toda parte.

— Sim. *Agora*.

Nós nos separamos, e ela pegou minha cintura. Suas mãos estavam mais firmes que as minhas, e ela conseguiu abrir o botão e o zíper com menos problemas do que eu provavelmente teria. Então ela empurrou meu short sobre meus quadris, e eu suspirei quando suas mãos quentes deslizaram sobre minha pele recém descoberta. Entre beijos e toques, tiramos o resto de nossas roupas e nos abraçamos em cima do edredom.

Ela se chocou contra mim.

— Porra. Eu não me canso de você.

— Nem eu. — Eu a beijei. — Então você não se cansou disso no Havaí?

Ela riu.

— Caralho, não. Você cansou?

— Nem um pouco. — Eu tracei seus lados com as palmas das mãos. — Queria ficar mais um mês para podermos fazer mais.

Ela gemeu.

— Nós podemos fazer tudo aqui.

— Hum-hmm.

— Podemos ficar aqui a noite toda?

— Se o fizermos — murmurei —, não poderemos nos mudar amanhã.

— Eu não quero me mudar amanhã. — Ela curvou a mão em volta da minha nuca. — Eu só quero você.

— Oh Deus... — Meus mamilos roçaram os dela, enviando um tremor através de mim. — O sentimento é mútuo, querida.

— Pensei que sim — ela disse e me beijou.

Mãos por toda a pele, seios contra seios, lábios e línguas tocando...

Deus, eu realmente não me importava se poderia me mudar amanhã, também, desde que isso não parasse tão cedo. E ela ia ficar aqui? No meu apartamento? Na minha cama? Jesus...

Kim me empurrou de costas e separou minhas pernas. Quando ela se sentou e montou em minha coxa, puxando minha outra perna em direção ao quadril dela, minha respiração ficou presa.

Ah, sim.

Sim por favor...

Ela deslizou para a frente e eu exalei quando sua boceta empurrou contra a minha. Então seus quadris estavam em movimento, e caramba, eu amei o jeito que ela se sentia, o jeito que ela esfregou meu clitóris. Eu conhecia o ritmo dela, balançando meus quadris com os dela, então nos esfregamos juntas.

Eu não me cansava de passar minhas mãos por toda a sua pele nua. De tê-la contra mim e acima de mim enquanto ela me aproximava cada vez mais do que prometia ser um intenso orgasmo.

E a maneira como ela mexia os quadris era divina.

— Jesus, Kim. — Lambi meus lábios. — Você é incrível.

Ela sorriu.

— Você também.

Seus seios saltaram no ritmo de seus impulsos, e eu não pude resistir a segurá-los. Enquanto eu brincava com seus mamilos novamente, ela fechou os olhos e exalou, seu ritmo vacilou por um segundo antes de se recuperar e se firmar ainda mais. Não era forte o suficiente para ser doloroso, mas oscilava exatamente naquela linha tênue entre perfeito e demais.

— Oh porra, querida. — Passei a língua pelos lábios. — Estou tão... eu vou gozar se você...

Ela choramingou suavemente.

— Eu também. Porra...

Fechei os olhos e gemi. Eu estava tão perto, meu corpo todo tremia quando a eletricidade fria subiu pelas minhas veias. Tão perto. Tão, tão perto. Bem no limite. Nada existia além daquele ponto de contato delicioso, onde sua boceta se esfregava contra a minha e me enviava cada vez mais alto e mais alto até que...

Oh, merda!

Meus olhos se abriram e minhas costas se arquearam da cama.

— Porra...

Ela não parou, nem meu orgasmo, e eu tive certeza de que ia desmaiar ou me desfazer em pedaços ou... ou alguma coisa. Soltei um grito alto e os vizinhos provavelmente me ouviram, mas não me importei.

Kim gemeu. O ritmo dela diminuiu. Então ela gozou. Ela enfiou os dedos na minha perna, puxando-a com mais força contra o quadril, como se precisasse de algo para segurar, e jogou a cabeça para trás enquanto todo o corpo tremia acima do meu.

Nós duas relaxamos. Ela deixou minha perna deslizar para baixo e eu a puxei para cima de mim. Fechando os olhos, acariciei seus cabelos, e ficamos lá por mais tempo, enroladas uma na outra enquanto recuperávamos o fôlego. Eu estava distante de uma tempestade de merda ainda acontecendo no nosso mundo profissional, mas aqui neste mundo, tudo estava perfeito. Pele quente contra pele quente, nós duas respirando em uníssono

enquanto nossos corações se acalmavam lentamente. Simplesmente não ficava melhor que isso.

Eu estava quase cochilando quando Kim murmurou:

— Que som é esse?

— Que merda! É o meu telefone.

Ela se afastou de mim e eu o peguei da mesa de cabeceira.

Eu nem precisava olhar para o identificador de chamadas. O toque dizia tudo.

— MA2 Marion.

— *Olá, é o Alejan... é o MA1.*

Eu estremeci.

— Ei.

Ele limpou a garganta.

— Eu mexi uns pauzinhos. Deixei uma mensagem para Lockhoff, mas imaginei... achei que você poderia vê-la. Se sim, diga a ela que ela começa na Tramitação e Identificação amanhã de manhã às 08:00? Por favor?

Kim não era minha subordinada, então isso estava definitivamente fora do protocolo, mas eu conhecia Alejandro. Isso era ele dizendo *eu queria que você soubesse que fiz o que pude*, envolto em profissionalismo.

Passei meu braço em volta dos ombros de Kim e beijei sua testa.

— Obrigada. Eu vou passar a mensagem.

CAPÍTULO 21

KIM



— **A**qui está sua nova identidade. — Deslizei o cartão laminado sob a janela na minha estação de tramitação e identificação. — Há mais alguma coisa que eu possa fazer pela senhora?

— Não, obrigada. — A mulher — uma esposa da Força Aérea que perdeu seu documento de identidade — sorriu, depois se levantou e foi embora, e eu chamei o próximo número da fila.

Depois de uma semana, eu já conhecia a rotina. Trabalhar na tramitação e identificação era chato e repetitivo, mas pelo menos me mantinha longe de Stanton. Seu escritório era na delegacia de White Beach, enquanto eu estava a quarenta e cinco minutos atrás de uma mesa na Base Aérea de Kadena.

Isso por si só me irritava. Ele me estuprou. Ele fez tudo isso acontecer. Foi ele quem fez algo errado, mas fui eu que tive que ser tirada das ruas e presa na versão do Detran da Marinha.

Claro, tinha sido um pouco inevitável. Eu estava grávida. O serviço leve fazia parte do jogo. E, diabos, eu me distanciaria fisicamente de Stanton.

O funcionário ao meu lado chamou:

— Número trinta e seis.

Enquanto processei mais um dependente que perdeu seu cartão de identidade, olhei para ela e para as pessoas que esperavam. Uma mulher sentada no final de uma fileira de cadeiras olhou para o seu número. Então ela se inclinou para outra mulher e segurou o bilhete. Enquanto eu observava, elas trocavam números.

— Número trinta e sete, por favor.

A outra mulher se levantou e foi até a janela. Aquilo era... esquisito.

Enquanto os outros funcionários e eu continuávamos processando as pessoas, a mulher continuou trocando sua senha com as pessoas sentadas ao seu redor. Que diabos? Ela estava realmente tão ansiosa por entretenimento diurno que precisava esperar mais quarenta minutos para poder assistir o final do programa na televisão comunal?

Terminei de processar o cartão de identidade perdido e, depois que essa pessoa se foi, gritei:

— Número quarenta e um, por favor.

A mulher que trocava números com todo mundo se levantou e caminhou até a cadeira em frente à minha janela.

Meu peito apertou. Que diabos estava acontecendo? Eu não a reconheci, então não achei que ela fosse alguém voltando para me cobrar o conserto de algo que eu estraguei.

Ela se sentou e cruzou as mãos em cima da mochila Coach no colo.

Eu engoli.

— Como posso ajudá-la?

— Você é a MA3 Lockhoff, não?

Como se ela não pudesse ler minha identificação e as divisas na minha gola, mas eu assenti de qualquer maneira.

Ela sentou-se ereta, as bochechas tensas enquanto cerrava os dentes.

— Eu preciso falar com você.

— Hum, está tudo bem?

Ela me olhou bem nos olhos.

— Meu nome é Susan Stanton.

Meu estômago revirou. Eu deveria saber que ela era a esposa de um oficial. Elas tinham um certo ar que as esposas dos subalternos não costumavam ter.

— Hum. Entendo. — Engoli. — O que posso fazer por você, senhora Stanton?

— Suponho que você esteja familiarizada com meu marido.

Um pouco familiarizada demais. Sim.

— E você pode ou não saber que ele ainda tem dois anos antes de se aposentar.

E graças a Deus por isso.

— Uh...

Ela apertou a mandíbula.

— Entendo que você está pensando em apresentar... — Ela olhou de um lado para o outro, depois abaixou a voz. — Que você está pensando em apresentar "acusações" contra ele.

Ele confessou para a esposa? Isso era surpreendente.

— Bem, se você sabe disso, sabe o que aconteceu.

Ela riu sem humor.

— Se eu sei que uma puta convicta dormiu com meu marido. — *Claro que sabe.* — E que ela vai ter o bebê dele?

Susan ficou rígida e, com os lábios tensos, murmurou:

— Sim. Eu estou ciente disso.

— Então não sei o que você quer que eu diga.

— Quero que você me diga por que diabos quer que o mundo inteiro acredite que ele estuprou você.

Eu segurei seu olhar.

— Porque ele estuprou.

Sua cabeça inclinou-se, seus olhos se estreitaram. Provavelmente era o olhar que ela dava aos filhos quando eles estavam fazendo algo errado. Eu me senti como um prisioneiro visitado por alguém do lado de fora, ouvindo a senhora bem vestida me dizer como minhas escolhas e ações estavam afetando todos os outros. Como eu estava machucando as pessoas e tornando suas vidas um inferno e não tinha ninguém para culpar além de mim mesma enquanto eu estava sentada aqui atrás do vidro com meu uniforme.

— Você quer a história toda? — Eu mantive minha voz baixa. — Porque tenho certeza que ele não deu todos os detalhes.

— Não, eu não quero — ela rosnou. — Mas você vai arruinar a vida da nossa família.

— E a *minha* vida? — eu bati de volta.

Ela suspirou pesadamente e inclinou a cabeça impaciente novamente.

— Ouça, querida. Você cometeu um erro. Muitas garotas nas forças armadas fazem a mesma coisa. Mas uma vez não faz de você uma vagabunda. As pessoas vão esquecer. — Os olhos dela se estreitaram. — Mas eles não esquecerão quando você acusar alguém de estuprador apenas para cobrir suas próprias falhas.

Minha boca se abriu.

— O quê? Você acha que estou fazendo isso para que as pessoas não pensem que eu sou uma vadia?

Os lábios dela se apertaram e uma sobrancelha fina como um lápis arqueou.

— Acho que agora é tarde demais.

— Então por que eu me incomodaria em inventar...

— Eu não sei, e não me importo. — Ela se inclinou para mais perto da janela. — Mas eu sugiro que você reconsidere.

— Seu marido já sugeriu isso. Você sabia que ele me ameaçou?

Ela riu secamente.

— Oh querida. Você não está familiarizada com o ditado "O inferno não tem fúria como uma mulher desprezada"?

Cerrei os dentes. Deus sabia o que Stanton havia lhe dito. Em sua mente, eu provavelmente o arrastei da festa e o seduzi.

— Ouça. — Ela cruzou as mãos sobre a mesa e se inclinou ainda mais. — Eu sei que meu marido às vezes é infiel. Não gosto e faria qualquer coisa para impedir. Mas ele não é um estuprador.

— Como você sabe? — Eu perguntei entre meus dentes, lutando para manter minha voz baixa. — Você não estava lá.

— Eu conheço meu marido.

— E eu me *conheço*, droga! — Eu bati minha mão na mesa, e toda a conversa ao nosso redor parou instantaneamente. Todo mundo olhou.

Os olhos de Susan giraram para frente e para trás. Meu rosto queimou.

Ela se endireitou e pegou sua bolsa.

— Pense no que eu disse. Garanto-lhe que está cometendo um grande erro ao pensar em apresentar queixa contra ele.

Ela não esperou por uma resposta. Se levantou, colocou a bolsa no ombro e saiu do prédio.

Recostei-me, liberando o fôlego.

Meu supervisor tocou meu ombro.

— Você está bem, MA2?

— Eu estou... — *Oh, Cristo, não chore. Aqui não.* — Você se importa se eu sair por um minuto?

— Sim claro. — Ele apontou para a porta que Susan Stanton acabara de passar. — O que foi aquilo, afinal?

— Nada. — Acenei com a mão enquanto me levantei. — Apenas um... um assunto pessoal.

— Você está bastante abalada.

Eu rapidamente limpei meus olhos.

— Está tudo bem. São apenas hormônios.

Deus, eu odiava me esconder por trás disso, mas tudo que eu podia fazer era jogar com as cartas que recebi.

— Oh. Certo. — Ele limpou a garganta. — Não tenha pressa.

— Obrigada.

Entrei no depósito meio cheio que usávamos como sala de descanso e caí em uma cadeira. Esfreguei minhas têmporas, respirando lenta e uniformemente para afastar qualquer náusea que pudesse decidir se juntar a esta festa enquanto eu repetia mentalmente minha conversa com a Sra. Stanton.

A raiva ardia mais quente no meu peito do que desde a noite em que seu marido idiota me estuprou. Fiquei furiosa com Reese que quase revirou os olhos quando sugeri que havia sido agredida, mas ela pediu desculpas várias vezes, principalmente depois de ter ouvido a história toda.

Mas isso?

Isso era ridículo.

A mulher que morava com ele, casada com ele há anos e anos, mãe de seus filhos... *ela* estava me ameaçando agora? Tomando a palavra do marido como certa, mesmo que ela soubesse muito bem que ele a traiu algumas vezes.

Eu me sentei. Algo frio substituiu a raiva.

Ele traiu antes. Mais de uma vez.

Mas eu era a única...

Oh Deus.

E se eu não *fosse* a única? Na verdade, quais eram as chances de ele ter tido relações consensuais todos esses anos e então

decidir aleatoriamente que ele iria me foder, gostasse eu ou não?

E se eu deixasse pra lá, quantas mais viriam depois de mim?

Puxei meu telefone do bolso e enviei uma mensagem para Reese.

Você pode me encontrar em White Beach?

CAPÍTULO 22

REESE



— **E**u preciso voltar para White Beach.

— De novo? — Weiss gemeu. — O que Gutiérrez quer desta vez?

Engoli.

— Eu não sei. Desculpa.

Para Kim, escrevi de volta:

Estou a caminho de lá agora.

— Quanto tempo você acha que isso vai levar? — Weiss perguntou.

— Não sei. Por que você não me espera no E-Club e eu te mando uma mensagem quando terminarmos.

— É... Parece bom. Eu estava ficando com fome de qualquer maneira.

Eu forcei uma risada.

— Você está sempre com fome.

— E sua bunda está sempre sendo chamada de volta a White Beach, então acho que estamos quites.

— Funciona para mim.

Meu telefone tocou.

Ainda não estou fora do turno. Esteja lá o mais rápido possível.

Meu estômago torceu e revirou. Fosse o que fosse, ela queria discutir isso pessoalmente. Não fazia sentido pedir que ela elaborasse via texto.

Weiss me deixou na frente da delegacia. Eu pensei em fumar um cigarro, mas eu já tinha fumado meio maço hoje, principalmente

depois de respondermos a uma ligação doméstica hoje de manhã. Tudo o que Kim precisasse provavelmente justificaria o resto do maço — seria melhor esperar.

Lá dentro, encontrei quatro dos caras relaxando atrás da mesa, esperando a mudança de turno.

— Ei, MA2 — disse Barkley.

— Ei. — Tirei minha capa e gesticulei para a porta. — Quando a MA3 Lockhoff chegar aqui, você poderia mandá-la à sala de despacho?

Parecia um lugar tão bom quanto qualquer outro para ficar enquanto eu esperava, e Stanton geralmente não dava as caras naquele final de corredor. Melhor do que sentar aqui com esses palhaços.

— Com certeza.

— Obrigada.

Saí para o corredor e estava prestes a voltar para o despacho, mas...

— Cara, você viu Lockhoff desde que ela saiu de licença? — Lee riu. — Cacete.

— Sim! — Barkley riu. — A fada do peito chegou.

Essa merda de novo?

Todos eles começaram a rir. Meu coração afundou e eu retrocedi, ouvindo enquanto eles continuavam.

— Estou lhe dizendo, agora é uma boa hora para pegar. Sem borracha nem nada.

— Cara, você é louco. Eu te disse antes, aquela garota é *rodada*.

— Aposto que a gonorreia dela têm herpes.

— Não há uma capa de chuva em que eu confie para chegar perto...

— Chega! — eu bati quando voltei para o quarto. — Qual é o problema com vocês?

Eles me encararam, olhos arregalados. O queixo de Barkley caiu.

— Todos vocês — rosnei. — Calem a boca sobre a MA3.

Ninguém falou. Ninguém se mexeu. Eles nem sequer piscaram.

— Aqui está um pensamento: por que vocês não mostram um pouco de respeito por uma colega marinheira e por uma colega MA?

Ela é nossa, e tudo o que vocês estão fazendo é... — Minha voz falhou, e até pigarrear não foi suficiente para controlar minha postura. — Estou lhes dizendo tudo bem agora, se ouvir algum de vocês falando assim sobre alguém nesse comando, vou garantir que sua bunda vá para o mastro do capitão. Entendido?

Ninguém falou.

— *Entendido?*

— Sim, MA2 — todos eles murmuraram.

Eu me virei para sair e...

Fiquei imóvel.

As sobrancelhas de Stanton se levantaram.

Eu engoli.

— Senhor.

— MA2. — Ele deu um passo atrás e gesticulou em direção ao seu escritório. — Por que não conversamos um pouco?

Meu sangue ficou frio.

— Eu...

Ele inclinou a cabeça, o não dito “Algun problema, MA2?” enviando meu coração para minha garganta.

O que mais eu poderia fazer? Dizer para ele ir se foder? Com quatro marinheiros juniores assistindo depois que eu acabei de entregar a bunda deles?

— Sim, senhor — murmurei e obedeci.

Ele me seguiu pelo corredor. Bom Deus, esse era um sentimento assustador. Ele sempre me deixou desconfortável, mas agora que eu sabia do que ele era capaz, eu podia senti-lo olhando para mim da cabeça aos pés. Nunca fiquei tão agradecida pelo uniforme pouco lisonjeiro e pelo meu cinto de polícia. Quanto menos ele pudesse ver, melhor.

Entrei em seu escritório e, quando ele fechou a porta, meu estômago se elevou. Eu forcei de volta, no entanto, e me forcei a manter uma expressão neutra quando me virei para encará-lo.

Ele ficou na frente da porta — minha única fuga — e cruzou os braços.

— Você parece bastante protetora com a MA3 Lockhoff.

Eu respirei.

— Ela é uma marinheira júnior, senhor.

Ele riu secamente.

— Essa é a única razão?

— Preciso de outro motivo? — Engoli. — Senhor?

— Não necessariamente. Tenho certeza de que ela já contou a história que está contando sobre o que aconteceu na aposentadoria do Chefe Senior O'Leary.

— O senhor não vai me trazer para o seu lado nisso.

— Então você sabe?

Meu sangue congelou.

O canto da boca estremeceu como se ele estivesse lutando para não sorrir.

— Você é uma oficial obrigada a reportar, MA2. Você é obrigada a denunciar um abuso sexual, se for denunciado a você. — Ele cruzou os braços. — Diga-me, por que você não denunciou?

Forcei minha voz a permanecer nivelada, não ousando permitir que o menor tremor o deixasse saber — pensar — ele me intimidou.

— Você está me pedindo para registrar um relatório formal afirmando que você agrediu sexualmente a MA3 Lockhoff, senhor?

— Não, eu não estou. Estou simplesmente lembrando que você sabia sobre essa suposta "agressão" e que não fez nada a respeito. — Ele se aproximou. — Portanto, a menos que você queira ir ao capitão do mastro por abandono do dever, sugiro que incentive sua "amiga" a recuar.

Eu me afastei.

Os olhos dele se estreitaram.

— E ficaria feliz em adicionar uma acusação por confraternização a isso, se você quiser. — Ele levantou um pouco o queixo, olhando para mim. — Parece que você não está em uma posição muito boa, MA2 — Antes que eu pudesse responder, ele continuou: — Especialmente quando soube que a MA3 Lockhoff estava com você e não no quartel, mesmo que os Cabos não tenham permissão para morar fora da base. Você sabe alguma coisa sobre isso?

— Eu...

— Sim ou não, MA2. É ou não é verdade que a MA3 Lockhoff está no seu apartamento?

Embora meus joelhos estivessem começando a tremer, segurei seu olhar e não deixei minha voz vacilar.

— Com todo o respeito, não tenho certeza de como isso é assunto de outra pessoa, senhor.

— Não é da minha conta quando um dos meus Cabos decide morar fora da base, apesar de uma ordem permanente? — Ele levantou uma sobrancelha. — E um marinheiro sênior se encarrega de acolhê-la, violando essa ordem? Isso não é da minha conta?

Eu mudei meu peso.

— A MA3 Lockhoff não se sente segura em White Beach. Nem aqui nem no quartel. — Eu tossi. — Senhor.

— E por que ela não se sente segura, MA2?

Eu segurei seu olhar, mas não falei.

Ele apontou por cima do ombro.

— Tem algo a ver com o que os outros MAs estão dizendo? — Havia um tom de preocupação em seu tom, mas não o comprei por um segundo. Ele estava tentando me encurralar de novo, eu sabia, mas não sabia onde ficava esse canto.

— O que você sugere que eu faça, senhor? Uma colega MA e marinheira júnior não se sente segura. Então eu...

— Então você não se incomoda em denunciar?

— Eu...

— E você sinceramente espera que eu acredite que ela só está lá porque se sente "insegura"? — Ele enfatizou com aspas no ar e um sorriso. — Você afirmaria, sob juramento, na frente de um juiz e júri, que essa é a única razão pela qual ela se mudou com você desde que vocês duas voltaram de sua longa viagem ao Havaí?

Meus joelhos começaram a tremer. De verdade. Eu conhecia o Código Uniforme de Justiça Militar por dentro e por fora, mas sob pressão, eu duvidei. Ele estava blefando? Ele ou um advogado Militar me forçariam a admitir sob juramento que Kim e eu tínhamos um relacionamento?

Eu limpei a garganta.

— Eu lhe disse. Ela fica comigo porque não se sente segura. Isso é tudo que eu...

— Não importa. — Com os olhos estreitos, ele rosnou: — Se você valoriza sua carreira, sugiro que coloque uma distância

profissional entre vocês duas.

Engoli.

Ele deu outro passo e estava quase me tocando. Se eu respirasse fundo o suficiente, nós nos tocaríamos.

— Você entende, MA2?

Meu quadril bateu em sua mesa.

Pânico. Puro terror. Um tremor e eu estava de volta ao Afeganistão. Dentro de um contêiner sufocante, um braço na minha garganta e uma mão sobre a boca, pessoas conversando e rindo do lado de fora sem nenhuma pista do que Hayes e Cunningham estavam fazendo comigo.

— Fiz uma pergunta — Stanton retrucou, me empurrando de volta ao presente.

Balancei minha cabeça, me arrastando para fora daquele buraco do deserto e de volta para o círculo do inferno com ar condicionado.

E o próprio diabo ainda estava olhando para mim.

Eu engoli.

— Sim. Eu entendo, senhor.

— Bom. Agora, por que você não a corrige antes que ela cause mais danos?

Tudo o que eu pude fazer foi assentir.

Ele agarrou meu braço.

— Essa conversa fica nesta sala. Fui claro, MA2?

Eu me odiava por isso, odiava o jeito que eu estava tremendo e aterrorizada e não podia dizer para ele se foder, mas eu apenas assenti em silêncio.

Ele soltou meu braço.

— Dispensada, MA2.

Eu adoraria me convencer de que saí calmamente, que ele nunca viu uma pitada de medo. Eu queria acreditar que ele não tinha me assustado, mas meus joelhos trêmulos e meu coração acelerado se recusaram a me deixar agarrar a essa mentira. Nem mesmo por um segundo.

Merda. Merda, merda, merda.

Mesmo que ele não tivesse bem como sustentar sua história, o fato era que Stanton tinha conexões. Um longo alcance. Aos olhos das pessoas que importavam, Kim e eu éramos ninguém.

Alguém passou por mim e eu segui em frente, mas a voz de Alejandro me parou.

— MA2.

Eu me virei.

Sua testa estava enrugada de preocupação.

— Você está bem?

Eu evitei os olhos dele. Algumas semanas atrás, eu contaria tudo a ele. Agora? Eu não tinha certeza de quanta fé havia sobrado em nossa amizade. Eu queria acreditar que ele estava do nosso lado, mas como as coisas estavam, eu não conseguia confiar nele mais do que confiava agora.

Ele pegou meu braço, mas eu o desviei.

— Estou bem.

— Reese, o que...

— Voltamos ao primeiro nome, MA1?

Ele apertou a mandíbula.

— Vamos. Fale comigo.

— Eu realmente prefiro não fazer isso.

Não esperei uma resposta. Fui embora e ele não tentou me impedir.



Eu estava no meio do meu terceiro cigarro quando Kim chegou. Eu ainda estava nervosa, minha pele ainda arrepiada, mas me acalmei um pouco. Com sorte, ela não notaria.

Eu esmaguei meu cigarro e saí da área de fumantes.

— Ei.

— Ei. — Ela sorriu, mas foi forçado. — Obrigada por ter vindo. Espero não ter deixado você esperando por muito tempo.

— Não se preocupe com isso. E aí?

Ela assentiu em direção ao prédio.

— Vamos a algum lugar privado.

Eu não estava emocionada por voltar lá, mas ela não precisava saber disso, então entramos, pegamos uma das salas de aula ao lado da expedição e fechamos a porta.

Forçando meus nervos chacoalhados a ficar abaixo da superfície, eu me abracei e segurei seu olhar.

— E aí?

Ela me espelhou, cruzando os braços com força sobre a blusa de camuflagem azul.

— Eu. . .

— Seja o que for, você pode me dizer.

Ela respirou fundo.

— Eu não posso mais fazer isso. Eu preciso denunciá-lo. — Ela esfregou a ponta do nariz e suspirou. — Se eles me acusarem de uma declaração oficial falsa, que assim seja. Prefiro fazer uma declaração oficial falsa do que nenhuma declaração.

Meu intestino se enrolou em nós e o medo formigou na base da minha espinha.

— E o bebê? As ameaças de custódia?

Kim balançou a cabeça.

— Eu não sei. Eu não... — Ela acenou com a mão. — Estou apenas exausta. Eu não posso continuar carregando esse segredo, e isso precisa estar registrado, caso ele o faça com outra pessoa. E se... se isso significar que ele pode me pegar pela garganta pelos próximos dezoito anos, então...

Meu estômago revirou novamente. A voz de Stanton ainda tocou nos meus ouvidos, o medo ainda estalando ao longo da minha espinha. Ele poderia nos condenar por confraternização? Má conduta?

— Reese? — Ela pegou meu braço. — Você está a bordo, ou...

— Não é minha decisão. — Eu me mexi desconfortavelmente. — Se você está pronta para...

— Não sozinha. Eu preciso de você, Reese. — Ela procurou meus olhos, os dela arregalados com desespero palpável. — O que está errado? Você estava me incentivando a denunciá-lo e agora... — As sobrancelhas dela se uniram.

Acaricieei o rosto dela, agradecida por ela não poder ouvir as ameaças ecoando em minha mente naquele momento.

E porra. Maldito seja. Ele a machucou e agora ele estava nos ameaçando em silêncio?

Foda-se ele. Que vá direto para o inferno.

Eu limpei minha garganta.

— Quer saber? Vamos pegar aquele filho da puta.

Um sorriso fraco se formou em seus lábios.

— Então você está comigo?

— Sim. — Fiz uma pausa e minha coragem momentânea diminuiu um pouco. — Só que... com quem você quer falar?

Os ombros de Kim afundaram e seus olhos começaram a brilhar.

— Eu nem sei. Esse é o problema. — Ela acenou com a mão na porta. — Não confio em ninguém aqui, exceto você. O SARC é o amigo de golfe de Stanton. Eu... eu não sei. Ela encontrou meu olhar novamente. — Eu não sei.

Mordi meu lábio por um momento. Então eu soltei sua mão e suspirei.

— Acho que sua melhor chance é o MA1 Gutiérrez.

— Pensei que não confiasse nele. Você disse que ele é amigo de Stanton.

Eu assenti.

— Ele é. E não confio particularmente nele agora, mas confio nele mais do que em qualquer outra pessoa da nossa cadeia de comando. E se . . .

Kim inclinou a cabeça.

— O quê?

Suspirei.

— Ele conhece a UCMJ por dentro e por fora. Se ele não achar que você tem o suficiente para perseguir algo contra Stanton, ou que isso vai explodir na sua cara, ele nos dirá. E então talvez ele possa parar no nível dele em vez de voltar para morder sua bunda.

— Não quero que pare no nível dele.

— Nem eu. Mas se isso não for prejudicar Stanton, não faz sentido persegui-lo a ponto de machucá-lo.

Kim exalou, xingando baixinho.

— Sinto muito, Kim — sussurrei. — Sinto muito, sinto muito.

Ela enxugou os olhos e respirou fundo.

— O que faço se Gutiérrez não acreditar em mim?

Eu devolvi seu olhar. Eu queria dizer a ela que havia mais opções. Que ela tinha mais aliados. Mais canais. Mas ela sabia tão bem quanto eu que Alejandro era sua melhor chance. Muito possivelmente, sua única chance, sem saber se ele a levaria a sério.

Eu balancei minha cabeça.

— É tudo o que tenho.

— Idem. — Ela empurrou os ombros para trás e limpou a garganta. — Atravessarei essa ponte quando chegar a ela, eu acho.

— Boa ideia. — Eu me aproximei e passei meus braços em volta dela.

Ela me abraçou e sussurrou:

— Você acredita em mim, não é?

— Sim. — Eu a segurei mais apertado, apertando meus olhos com força. — E aconteça o que acontecer, eu estarei lá. Eu prometo.

Ela se afastou e nossos olhos se encontraram.

— Obrigada.

Coloquei seu rosto em minhas mãos e pressionei meus lábios nos dela. Deus sabia como as coisas seriam, até que ponto o alcance de Stanton poderia realmente se estender para tornar nossas vidas um inferno. Mas ele já fez delas um inferno, e se eu perdesse uma faixa ou minha carreira por fazer tudo o que podia para manter Kim segura e sã — ou por me envolver com ela assim — então que assim seja. Era um tiro no escuro, mas tínhamos que tentar derrubar esse idiota.

Depois de um momento, nos separamos.

Eu peguei a maçaneta da porta.

— Está pronta?

Ela balançou a cabeça.

— Não. Mas vamos fazer isso. Vamos pegá-lo.

Mantivemos o olhar um do outro por um momento. Então ela assentiu.

E eu abri a porta.

CAPÍTULO 23

KIM



E ntrar no escritório de um LPO nunca foi particularmente assustador para mim. O MA1 Gutiérrez era um cara muito frio na maior parte do tempo e, de qualquer forma, eu não tinha problemas, então raramente era disciplinada.

Desta vez, eu estava com medo pra cacete. Eu conhecia as regras e os regulamentos e sabia que estava certa. Mas eu também sabia quanto poder e influência pairava sobre alguém como Stanton e quão pouco disso eu tinha.

O fato de Reese não confiar mais em Gutiérrez, principalmente depois de tantos anos, não ajudou. E se ele não pudesse ou não nos ajudasse...

Bem, eu atravessaria a ponte quando chegasse lá.

Entramos no escritório de Gutiérrez. Ele estava examinando uma papelada — quando ele não estava, o pobre bastardo — e olhou para cima quando entramos. Quando seu olhar se voltou para Reese, sua mandíbula se apertou e seus olhos se estreitaram. — MA2. MA3. O que posso fazer para vocês?

— Nós precisamos conversar com você. — Reese gesticulou para mim. — Ou, bem, ela precisa.

Nada registrado em seu rosto.

— Tudo certo. Fechem a porta e sentem-se.

Reese fechou a porta com um clique silencioso e nos sentamos em frente à mesa do nosso chefe. Ela se virou para mim e assentiu.

Eu respirei fundo. Era isso.

— Eu quero fazer uma acusação. — Olhei para Reese e, quando ela assentiu novamente, encarei Gutiérrez. — Contra o tenente Stanton.

Os olhos de Gutiérrez se arregalaram.

— Pelo quê?

Engoli.

— Assédio sexual.

Assim que as palavras saíram, eu sabia que isso era um erro.

— Entendo. — Uma sobranceira se ergueu, arqueando para perguntar se eu estava falando sério, e então seus olhos dispararam em direção a Reese. — Nesse caso, devo entrar em contato com a resposta à agressão sexual...

— Eu não confio nele.

Ele piscou.

— Por que não?

— Porque ele joga golfe com o homem que me estuprou — rosnei.

Oh. Uh Ele recostou-se na cadeira, cotovelo no apoio de braço e um punho solto embaixo do queixo.

— Tudo bem. Quando exatamente isso aconteceu?

Umedeci meus lábios.

— Festa de aposentadoria do chefe sênior O'Leary. — Bochechas queimando, torci as mãos no colo. — Eu não ia denunciar. Eu esperava que isso acabasse, mas depois descobri que estava grávida. E eu não podia mais ignorar.

Ele me olhou por um momento dolorosamente longo, os olhos ocasionalmente olhando para Reese.

Então ele respirou fundo e sentou-se, cruzando os braços atrás do teclado.

— Preciso que você me conte tudo o que aconteceu, MA3. Do começo.

Eu hesitei.

— Você quer anotar?

Ele balançou sua cabeça.

— Não. Quero descobrir o que aconteceu primeiro. Continuaremos a partir daí com declarações.

Eu me irritei. Ao meu lado, Reese se mexia, mas não falava. Enfrentando Gutiérrez, eu disse:

— Então eu tenho que lhe dizer, e se você acreditar em mim, lhe digo tudo de novo?

Ele mordeu o lábio por um momento. Finalmente, ele alcançou sua mesa e retirou as formas familiares.

— Certo. Anote tudo. Tudo o que você se lembra. Data, hora, testemunhas, tudo.

Resisti ao desejo de responder que estava bem ciente de como as declarações eram tratadas. Não importava se ele havia insultado minha inteligência deliberadamente ou não — pelo menos ele não estava me impedindo de dar a declaração.

Nenhum deles falou enquanto eu escrevia tudo. Quando terminei, estava suando e quando devolvi o formulário, minha mão tremia um pouco.

Então houve mais silêncio quando Gutiérrez leu minha declaração e tentei ler sua expressão. Ele estava apenas se concentrando? Ou aqueles vincos na testa significavam que ele estava pronto para atacar?

Finalmente, ele largou o relatório.

— Por que você não denunciou até agora? Entendo que você esperou até descobrir que estava grávida, mas isso já faz um bom tempo.

Eu me mexi na cadeira.

— Porque eu estava com medo.

— De...? — Ele se inclinou para frente, cruzando as mãos sobre a mesa. — Retaliação?

— Sim. Quero dizer, como eu falei, ele joga golfe com o SARC. E o capitão.

— Como você sabe disso?

— Porque Stanton me contou.

— Ele disse... — Os olhos de Gutiérrez passaram de um lado para o outro entre nós. — Ele sabia que você estava planejando fazer a acusação?

Eu assenti.

— Ele fez questão de me ameaçar com tudo, desde suas conexões com o bebê até minha falta de credibilidade.

— Falta de credibilidade? Como assim?

— Ele insiste que eu não tenho nenhuma por causa da minha reputação de dormir com qualquer um.

Ele segurou meu olhar, uma mistura de confusão e descrença em seus olhos.

— Ela não é uma vagabunda — disse Reese, quebrando seu longo silêncio. — Mesmo se fosse, isso não seria desculpa para qualquer coisa, mas se Stanton quiser usar seu comportamento sexual para tentar desculpá-lo, o ônus da prova é dele. E o fato é que ele não tem provas.

— Nem você — disse Gutiérrez em voz baixa para mim.

Eu me sentei.

— Encontre um homem solteiro nesta ilha que ateste sob juramento que já fez sexo comigo, e eu retiro a queixa. De fato, qualquer homem. De qualquer lugar. Da marinha ou não. Encontre um e nunca mais o abordarei.

Ele me olhou. Embora ele não tenha dito isso, o ceticismo estava gravado nos vincos na testa.

— Não faz diferença — Reese rosnou. — Mesmo se ela fosse tão promíscua quanto todos dizem que é, isso não lhe dá o direito de...

— Estou ciente da lei. — Gutiérrez olhou para mim. — Aonde você vai com isso?

Eu me forcei a segurar seu olhar.

— Você nunca encontrará nenhum homem que ateste sob juramento que dormiu comigo porque sou lésbica.

Ele piscou.

— Você é?

— Sim. Eu nunca fiz sexo com um homem. Exceto... — Eu estremei.

— Entendo. E você disse que ele tentou te ameaçar com o bebê?

Eu assenti.

— Ele me coagiu a fazer um aborto. Ou, bem, ele tentou.

Gutiérrez me observou por um momento.

— Foi por isso que você foi ao Havaí, não é?

— Sim.

Seu olhar mudou para Reese.

— E você foi lá para...?

— Ela precisava de apoio. — Reese pegou minha mão e o MA1 não pareceu nem um pouco surpreso com isso. — O que eu dei a ela. E, finalmente, ela decidiu cancelar o aborto.

— Entendo. — Ele olhou para as nossas mãos, depois para mim. — Não oficialmente, entendi que você e Stanton concordaram que o aborto era a melhor opção. — Ele passou a unha do polegar pelo lábio inferior. — O que a fez mudar de ideia?

— Nunca foi minha decisão. Stanton... ele me disse que não havia outra escolha. — Eu exalei forte, meu coração batendo forte. — Ele disse que se eu não fizesse o aborto, ele não consentiria em desistir do bebê para adoção, a menos que eu não fizesse acusações. E se eu apresentasse queixa, ele me forçaria a mantê-la, e exigiria visitação. Nenhum júri jamais o condenará, então, quando ele sair, ele fará da minha vida um inferno.

Os olhos de Gutiérrez estavam enormes. Ele afundou-se na cadeira.

— Este é um ponto difícil, MA3. Podemos provar que você e Stanton fizeram sexo.

Cerrei os dentes, mal me impedindo de vomitar.

As sobrancelhas dele se ergueram um pouco.

— Podemos provar isso, mas não podemos provar que não houve consentimento.

— Então é apenas a palavra dele contra a minha. Não tenho ferimentos ou cicatrizes e ninguém me viu tentando impedi-lo... é isso aí.

Ele suspirou.

— Você é policial, MA3. Sabe em que posição estou aqui.

— Com todo o respeito, o que eu não sei é se você está nessa posição porque é difícil provar ou porque você está tomando a palavra dele sobre a minha.

Sua postura endureceu.

— Estou nisso para proteger meus marinheiros. Se alguém fez algo errado, eu não faria o meu trabalho se não fosse objetivo sobre a situação.

— Você está sendo objetivo? — Reese perguntou.

Seus olhos se encontraram e a temperatura na sala despencou.

— Escute — interrompi antes que eles comessem a discutir — não estou fazendo isso por diversão, ok? Não quero arriscar minha carreira ou me ferrar. Tudo o que quero é ser policial e estar na Marinha. Isso é tudo que eu sempre quis. Não vou arriscar isso apenas por ter um caso com um oficial, e não vou jogar tudo fora por uma declaração falsa. — Sentei-me ereta e segurei o olhar do MA1. — Estou fazendo isso porque, se não apresentar queixa contra ele, mais cedo ou mais tarde, ele fará novamente. Isso não vai mudar o que aconteceu comigo, mas talvez eu consiga dormir à noite se souber que ele não fará isso com outra pessoa. E, a julgar pelo que sua esposa me disse hoje, acho que ele já fez isso antes.

— Espere, o quê? — Gutiérrez se inclinou para frente. — A esposa dele?

Eu assenti.

— Ela entrou na tramitação e identificação para me alertar para não fazer acusações. Ela disse que ele já traiu antes, mas que ele não é esturador. E me ocorreu que, se ele já fez isso antes, havia uma boa chance de não ter sido a primeira vez que ele fez isso sem consentimento.

Reese apertou minha mão e trocamos olhares.

Gutiérrez virou-se para Reese.

— Agora, você disse que sabia disso?

Ela hesitou, mas assentiu.

— Por quanto tempo?

— Desde a... — Ela colocou os ombros para trás, como se estivesse se preparando. — Desde o dia em que você me pediu para levá-la ao médico.

As sobrancelhas dele se ergueram.

— E você não disse nada? Mesmo que você seja...

— Uma oficial obrigada a reportar. Eu sei. — Ela respirou fundo.

— Eu aceito toda a responsabilidade por essa parte. Se você quer me acusar de abandono do dever, tudo bem. Só o fiz porque sabia que ela precisava de alguém, e ela não tinha mais ninguém nesta ilha. — Reese engoliu em seco, os olhos fixos em Gutiérrez. — E houve um tempo em que eu teria matado por alguém que me escutasse e acreditasse em mim.

Os lábios de Gutiérrez se separaram e seus olhos se arregalaram.

— Você...

— Eu já passei por isso — sussurrou Reese. — E depois que ela me olhou nos olhos e me disse o que Stanton fez com ela, acredito nela sem sombra de dúvida.

Gutiérrez exalou lentamente. Seus olhos dispararam entre nós.

— E Stanton não ameaçou apenas Lockhoff.

— O quê? — Gutiérrez e eu dissemos.

Reese se remexeu, olhando para as mãos retorcidas.

— Ele me chamou no escritório dele mais cedo. — Ela olhou para mim. — Um pouco antes de você chegar aqui. E ele... basicamente, ele disse que, se ela enviasse um relatório, ele garantiria que eu estivesse pronta para ser acusada de confraternização e de permitir que um Cabo morasse fora da base. E ele meio que... — Ela suspirou e esfregou os olhos. — Ele me pegou desprevenida e me fez admitir que eu sabia da acusação. — Ela olhou do outro lado da mesa para Gutiérrez. — E se Kim denunciasse, ele me acusaria de abandono do dever e falha em denunciar uma agressão.

— Você está falando sério? — Gutiérrez respirou.

Mal sussurrando, ela disse:

— Sim.

Gutiérrez recostou-se. Seu olhar mudou da declaração, para as nossas mãos unidas, para Reese, para mim, para a declaração. O silêncio continuou sem parar. Eu não conseguia respirar. Parecia que meu mundo inteiro estava pendurado na balança, meu futuro escondido nas fendas entre as sobrelanceiras dele.

De repente, ele bateu com o punho na mesa com tanta força que Reese e eu pulamos e o teclado saltou.

— Aquele filho da puta. — Diante de mim, ele se inclinou para frente. — MA3, olhe nos meus olhos e me diga que tudo o que você declarou e tudo aqui — ele bateu no meu depoimento — é verdade.

Eu olhei diretamente para ele.

— Tudo é verdade. O tenente Stanton me estuprou e ele é o pai do meu bebê. — Engoli a náusea tentando subir na minha garganta.

— E ele tentou me coagir a um aborto e me ameaçou se eu o denunciasse.

Gutiérrez mastigou a unha do polegar por um momento, depois encontrou meus olhos.

— Se as senhoras me derem um segundo, preciso fazer uma ligação.

Minha garganta se apertou. Olhei para Reese e, quando ela assentiu, eu disse:

— Tudo bem.

Gutiérrez atendeu o telefone.

— Aqui é o MA1 Gutiérrez. Posso falar com o capitão Falk, por favor? Eu aguardo.

Meu coração estava ficando louco agora. Eu senti em volta até meus dedos encontrarem os de Reese. Ela agarrou, com a palma da mão suada e apertou suavemente.

Gutiérrez olhou para nossas mãos novamente. Então seus olhos perderam o foco.

— Senhor, aqui é o MA1 Gutiérrez. Estou ligando para informar que vou prender o tenente Stanton.

Meu queixo caiu. Reese agarrou minha mão com mais força e trocamos olhares atordoados.

Um segundo depois, Gutiérrez desligou o telefone.

— Tudo certo. Vamos fazer isso. — Ele se levantou, retirando um par de algemas do seu cinto policial. Ele olhou para elas, depois para mim.

— Como você é policial, eu deixaria você fazer isso, mas você também é a vítima, então nesse caso não posso.

— Eu sei.

Por que eu estava tremendo tanto?

Gutiérrez virou-se para Reese.

— Você quer fazer as honras?

Ela hesitou.

— Mas ele me ameaçou...

— Isso será divulgado durante o interrogatório. — Ele balançou as algemas do polegar e sorriu. — Não significa que eu sabia disso quando te enviei para prender o filho da puta por agredi-la.

Reese olhou para mim. Então ela devolveu o sorriso e estendeu a mão.

— Eu adoraria.

CAPÍTULO 24

REESE



Eu nunca fiquei tão emocionada por estar na porta do tenente Stanton.

Bati bruscamente.

— Agora não é uma boa hora — veio a resposta concisa.

— Senhor, preciso que abra a porta.

Outras vozes murmuraram dentro do escritório. Vozes familiares, embora fossem baixas o suficiente para que eu não conseguisse identificá-las imediatamente.

— Senhor, por favor abra a porta ou eu vou abrir.

Os homens do outro lado riram.

— Estou em uma reunião, MA2. — Ele parecia tão condescendente que eu quase podia senti-lo revirando os olhos e gesticulando para a porta como se dissesse: *Dá pra acreditar nisso?*

Ao meu lado, Alejandro resmungou alguma coisa. Kim mudou seu peso de um pé para outro. Eu só conseguia imaginar como essa situação a fazia se sentir.

E eu não estava mais interessada em arrastá-la por mais tempo.

Girei a maçaneta e entrei na sala. O chefe sênior Brighton e o chefe Wolcott estavam sentados em frente à mesa dele, mas não hesitei.

— Tenente Stanton, preciso que você se levante, se vire e coloque as mãos atrás da cabeça.

— Poderia repetir? — Stanton riu e não se mexeu.

— Que diabos está acontecendo? — perguntou o chefe sênior.

— Isto é...

— Tenente Stanton. — Eu levantei as algemas. — Vire-se. Coloque as mãos atrás da cabeça.

Ele olhou para mim.

— MA1, o que diabos está... — Seus olhos se estreitaram. — Você está por trás de tudo isso, não está, MA3?

— Não vou pedir de novo — falei friamente. — Vire-se.

Ele bufou.

— Não recebo ordens de oficiais menores de segunda classe.

Um forte som metálico virou minha cabeça e olhei para trás para ver que Alejandro havia tirado e estendido seu cassetete. Ele segurou-o pela ponta, abrindo e fechando os dedos ameaçadoramente.

— Ela não vai pedir novamente, senhor, e eu também não.

Stanton estava prestes a falar, mas o chefe sênior foi mais rápido.

— Senhor, por que não coopera e vamos ver se isso não pode ser resolvido pacificamente? — Ele direcionou a Alejandro um olhar que dizia: *Não vamos?*

Dei um passo em direção a Stanton. Ele olhou para mim, mas depois xingou baixinho e se virou.

— Mãos atrás da cabeça, senhor.

— MA2, nós falamos sobre...

— Mãos atrás da cabeça *agora*, senhor.

Ele soltou um suspiro, mas sabiamente enlaçou os dedos atrás da cabeça. Agarrei seu braço, levei-o até a parte inferior das costas e fechei a algema em volta do pulso.

E Stanton perdeu a cabeça.

Ele se afastou de mim e se virou. Seu punho saiu do nada, se conectando com o meu rosto e me mandando de volta um passo.

Todos os outros na sala se lançaram para a frente — para restringir a mim ou a ele, não tinha certeza — mas fui mais rápida. Empurrei Stanton de volta contra a parede com força suficiente para fazê-lo grunhir. Enquanto ele ainda estava desequilibrado, eu o virei, bati com o peito na parede e torci o braço atrás dele.

— Acabou? — eu rosnei em seu ouvido.

— Vai se foder — ele respondeu, alto o suficiente para mim e mais ninguém.

Eu torci seu braço com mais força, dirigindo outro grunhido para fora dele.

— Isso não é exatamente conduta de um oficial e um cavalheiro, não é?

Ele xingou e lutou entre o meu corpo e a parede, mas eu apenas puxei seu braço com mais força.

— Você realmente quer adicionar resistência à prisão ao seu...

Seu calcanhar se conectou com a minha canela e, na fração de segundo em que fui surpreendida, ele tentou soltar o braço, mas eu agarrei com mais força, torci com mais força e o empurrei contra a parede novamente. Antes que ele pudesse se recuperar disso, eu o puxei de volta para mim e chutei seu joelho por baixo dele. Ele caiu. Eu fui com ele. Sua rótula estalou alto no chão duro, e ele gritou de dor quando eu o empurrei para frente de cara.

Coloquei meu joelho entre as omoplatas e me inclinei sobre ele.

— Terminamos aqui, senhor?

Ele não falou, mas também não lutou. Ele tocou a testa no chão, e eu pude sentir a luta abandonando-o. Ele foi policial durante seus dias de subalterno. Ele sabia tão bem quanto eu que perderia se tentasse alguma coisa agora.

Eu puxei seu outro braço para trás e o algemei. Enquanto eu o ajudava a levantar, recitei seus direitos.

— Você está preso pelo artigo 120, agressão sexual. Artigo...

— Agressão sexual? — Ele olhou para Kim. — Me poupe. Você teria desistido mais cedo ou mais tarde, sua puta.

Todos na sala congelaram. O chefe e o chefe sênior se entreolharam.

— Vamos, idiota. — Alejandro agarrou o braço de Stanton. Para mim, ele disse: — Vocês duas me encontrem no meu escritório. — Então ele foi em direção à porta com Stanton. — Tenente Joel Stanton, você está preso por violações do artigo 133 do Regulamento Militar de Evidência, influência ilegal de comando e coerção. Artigo 120 da UCMJ, agressão sexual. Artigo 120 novamente, agressão a um policial. Artigo 134, adultério...

Enquanto eles desapareciam no corredor, através do grupo de MAs de olhos arregalados que se reuniram, Alejandro ainda estava lendo as acusações.

Kim soltou um suspiro e caiu contra a parede, fechando os olhos e deixando a cabeça cair para trás. Eu me aproximei e toquei seu ombro.

— Você está bem?

— Sim. — Ela piscou algumas vezes e olhou para mim. — E você? Como está... — Ela apontou para a boca.

Eu segurei a minha e vi um pouco de sangue, mas nada alarmante.

— Eu vou ficar bem. — Eu balancei a cabeça na direção que ele tinha ido. — Não acho que ele se sinta tão bem pela manhã.

— É uma merda ser ele. — Ela esfregou a testa. — Não consigo decidir se estou aliviada ou assustada com o que vai acontecer a seguir.

— Aconteça o que acontecer, você sabe que tem meu apoio. E do MA1.

— Eu sei. — Ela sorriu para mim. — Obrigada.

Voltei o sorriso e a abracei gentilmente.

Atrás de nós, o chefe sênior pigarreou.

— MA3 Lockhoff, por que você não leva a MA2 Marion ao médico para ver isso? — Ele se mexeu desconfortavelmente. — Enquanto você estiver lá, enviarei alguém para tomar as declarações de vocês duas. Eu... gostaria de garantir que tudo esteja devidamente documentado.

Nós duas assentimos e murmuramos:

— Sim, chefe sênior.

Reese hesitou.

— O senhor poderia informar ao MA1 Gutiérrez que iremos ao escritório dele quando voltarmos? Ele queria que esperássemos por ele.

O chefe sênior assentiu.

— Eu farei isso.

— Obrigada, chefe sênior.



Quando Kim e eu voltamos da área médica, todos os mestres em Okinawa já deviam saber. Geralmente havia alguns caras andando pela delegacia, mas havia pelo menos quinze dessa vez.

Quando entramos, eles abriram espaço e eu mantive meu foco sempre em frente. Nenhum deles disse uma palavra.

A alguns metros da porta de Alejandro, Kim parou.

— Droga, xixi de mulher grávida a caminho. Eu volto já.

Eu ri.

— Vai lá. Eu te encontro aqui.

Ela foi por um lado e eu fui pelo outro. Alejandro estava esperando em seu escritório e, assim que entrei, ele disse:

— Como está seu lábio?

Eu brinquei com a minha língua.

— Vai curar. Parece muito pior do que é.

— Isso é bom. Pareceu que ele bateu em você com bastante força.

Dei de ombros.

— Ele errou.

Alejandro riu.

— Acho que ele não estava feliz por ser detido?

— Jesus, não. — Alejandro assobiou. — Vi fuzileiros navais bêbados que eram menos beligerantes.

— Se eu tivesse mais um minuto com ele, provavelmente poderia fazê-lo chorar como o bêbado que resgatamos no mês passado.

Alejandro riu.

— Bem, quando dissemos a ele que sua esposa havia sido contatada e o CO estava descendo, ele ficou branco. Aposto que ele vai chorar quando chegarem aqui.

— Pena que não vou conseguir ver isso.

— Você provavelmente não gostaria.

— Provavelmente não.

Ele me estudou por um momento.

— Depois de tudo o que você e Lockhoff me disseram hoje, posso ver por que você ficou tão chateada comigo da última vez que conversamos.

— Eu não estava sendo justa. Você não sabia.

— Eu não sabia, mas... — Ele suspirou. — Eu poderia ter feito mais por ela.

— Você a tirou deste escritório. — Eu consegui um sorriso, embora um desequilibrado, pois o lado da minha boca doía como o inferno. — E quando se tratou disso, você acreditou nela. Essa é a parte importante.

— Ainda me sinto um idiota. Mas... obrigado. Por confiar em mim, mesmo depois que pensou que não podia.

— Nós tivemos que confiar. Você era a única pessoa que nos restava.

Ele engoliu em seco.

— Espero que esse não seja o único motivo.

— Não. Não, acho que não foi.

— E se eu soubesse...

— Eu sei. Eu diria a você, mas... — Eu balancei minha cabeça.

— Ela não queria denunciar ainda e eu...

— Eu não quero dizer sobre ela. Por que você nunca me contou o que aconteceu com você?

Eu evitei os olhos dele.

— Eu nunca disse a ninguém. Além de Kim, quero dizer.

Ele me puxou para um abraço apertado.

— Eu sinto muitíssimo.

— Não é sua culpa. — Eu exalei e o abracei, aliviada por ter meu amigo de volta. — Você sabe que não é.

— Ainda assim. — Ele me soltou e me olhou nos olhos. — Você pode confiar em mim. Como seu amigo e seu LPO.

— Obrigada — eu sussurrei.

Kim apareceu na porta. Ela olhou de um lado para o outro entre nós.

— Estou interrompendo?

— De modo nenhum. — Alejandro fez um gesto para que ela entrasse. Quando ela fechou a porta atrás de si, ele disse: — Vocês duas precisam adicionar alguma coisa? Às suas declarações?

Nós duas balançamos a cabeça.

Kim moveu as pernas.

— Não tenho mais nada a acrescentar, mas... o que acontece depois? — Ela acenou com a mão. — Sei como as investigações funcionam. Mas eu tenho medo que ele vá...

— Usar sua influência e conexões para se livrar disso? — perguntou Alejandro.

— Sim. Exatamente.

— Bem, entre resistir à prisão, agredir MA2 Marion e aquele pequeno comentário que ele fez ao sair pela porta, todos com várias testemunhas? — Alejandro balançou a cabeça. — Esse filho da puta está acabado.

— Graças a Deus — Kim respirou e se encostou na parede. — Porra. — Ela enxugou os olhos e eu a abracei.

— Ei. Você está bem?

Ela assentiu e fungou quando me abraçou de volta.

— É só que... não posso acreditar que acabou.

Eu acariciei seus cabelos. É claro que ainda não havia terminado — a investigação e o julgamento seriam um inferno —, mas ela finalmente largou o martelo e denunciou Stanton. Ele não ia viver alegremente sua vida enquanto ela perdia o sono pelo segredo que fora forçada a guardar. Foi um peso enorme nos meus ombros; eu só podia imaginar o quanto tinha sido tirado dela.

Alejandro pigarreou.

— Há um pouco mais de papelada antes de você ir. Desde que Reese foi a oficial de prisão... bem, você sabe o que fazer. Depois de tudo resolvido, por que vocês não tiram o resto do dia de folga?

Kim sorriu.

— Eu *já* estou tecnicamente liberada.

— Bem, parabéns pra você. — Eu a dei uma cotovelada de brincadeira. — Alguns de nós ainda estão no turno por algumas horas.

Alejandro riu.

— Quer saber? Basta vir direto aqui amanhã logo de manhã e encerraremos tudo. Vou colocar o Navy Legal e o JAG em alerta e garantir que você tenha todo o apoio necessário para a investigação.

Kim se afastou de mim e sorriu para ele.

— Obrigada, MA1.

Ele levantou as mãos.

— Ei, não me agradeça. Vocês duas foram as que tiveram coragem de derrubar Stanton, mesmo depois das ameaças dele. Tudo o que fiz foi ligar para o CO.

— Ainda assim — eu disse. — Obrigada.

Ele assentiu.

— Tudo bem. E se alguém se interessar por essa investigação, venha direto para mim. Entendido?

— Entendido — dissemos em uníssono.

Ele nos dispensou e não esperamos. Saímos do escritório e saímos da delegacia de frio congelante para o forte calor tropical.

Kim colocou a capa de novo e respirou fundo e profundamente pelo nariz. Deus, estou tão feliz que essa parte acabou.

— Eu também. Vamos dar o fora daqui.

— Você quer fumar um cigarro antes de irmos?

Olhei para a área de fumantes e... nada. Nem mesmo o menor interesse.

— Não. Eu fumo quando estou estressada. — Eu sorri para ela.

— Mas agora, me sinto muito bem.

— Engraçado como isso funciona. — Ela deslizou a mão na minha. — O que você acha de tirarmos o uniforme, encontrar uma praia em algum lugar e relaxar durante a tarde?

— Essa é uma ideia incrível. — Apertei a mão dela e, com a outra, puxei as chaves do carro do bolso. — Vamos lá.

EPÍLOGO

KIM



Vários meses depois

De pé na frente do espelho do banheiro, passei a mão pela frente da minha blusa de camuflagem. Parecia estranho estar de uniforme novamente. Ainda mais estranho do que não ter mais aquela barriga enorme.

Eu mal me reconheci. Eu me acostumei a ficar muito maquiada sempre que estava de uniforme, vestindo uma blusa justa o suficiente para mostrar meus seios, era estranho olhar no espelho do banheiro e ver... isto. Ainda um pouco redonda nas bochechas devido ao peso ganho durante a gravidez, mas por outro lado, a mulher que olhava para mim era a que meu antigo comando apelidara de Arame farpado. Maquiagem suficiente para cobrir as olheiras sob meus olhos — pelo menos eu tenho dormido melhor ultimamente — com um toque de rímel e um batom leve.

Era bom estar de volta à minha própria pele. A maneira como me apresentei antes não tinha sido um convite para Stanton, mas também nunca foi... eu. A aparência que eu tinha agora também não era necessariamente eu. Talvez fosse, talvez não fosse. Talvez agora eu finalmente pudesse descobrir isso.

Eu tive o bebê há um mês e meio, e as primeiras duas semanas foram difíceis. Saber que estava fazendo a coisa certa não tornava

mais fácil desistir dele, mas estava melhorando. Dia após dia, um pouco de cada vez, eu estava melhorando.

O bebê estava em boas mãos agora. Eu me recuperei fisicamente. O julgamento terminou.

O julgamento foi uma merda em cima da outra. O advogado de Stanton tentou usar minha reputação contra mim e tentou prender Reese por abandono do dever, falta de denúncia e confraternização, mas o promotor do JAG não estava com ele. Nessas circunstâncias, o fracasso de Reese em denunciar tinha sido considerado razoável e justificado, e mesmo as acusações de confraternização não foram mantidas, pois Reese não era tecnicamente minha supervisora.

O promotor havia eviscerado a defesa de um lado e do outro, e o veredicto de culpa não surpreendeu ninguém. Especialmente depois que o promotor apresentou algumas testemunhas de caráter surpreendentes — e extremamente condenatórias. As notícias sobre a prisão de Stanton viajaram rapidamente e, em duas semanas, outras três mulheres — incluindo uma que agora era uma respeitada chefe sênior de outro comando — se apresentaram. Embora eles tenham ouvido apenas que ele foi acusado de agressão sexual, as histórias delas eram assustadoramente semelhantes às minhas. Uma festa. Algumas bebidas. Força suficiente para deixar claro que não havia sentido em resistir, a menos que ela quisesse se machucar.

Tive a sensação de que havia outras, mas ainda me impressionou quando elas se apresentaram e confirmaram. Eu não estava sozinha. Eu não tinha imaginado. Um padrão foi claramente estabelecido e sua culpa era inegável.

Stanton fora enviado para Leavenworth, onde perderia seu posto e seria reduzido a — Prisioneiro — e a um número, e onde nunca mais incomodaria nenhuma de nós. Antes de ser transferido para a prisão, onde permaneceria até ficar velho, recebeu ordem para abrir mão dos direitos paternos. Quando tive o bebê, Stanton se foi e eu estava livre dele. O bebê agora estava deixando um tenente-comandante jovem e sua esposa muito felizes depois que eles lutaram por seis longos anos para ter o próprio filho sem sucesso.

Reese entrou no banheiro, tirando-me dos meus pensamentos e sorriu.

— Está incrível, querida.

Eu encontrei seus olhos no espelho e sorri.

— É bom vestir o uniforme novamente.

— Aposto que sim. — Ela passou os braços em volta de mim por trás. — Você está pronta para isso?

Eu respirei fundo.

— Acho que sim.

— Nervosa?

— Um pouco. Ainda não tenho certeza do que os outros diretores vão pensar.

— Bem, duvido que eles vão mexer com você. — Ela beijou minha bochecha. — Se alguma coisa, eles provavelmente estão com medo de mexer com você. Todo o comando ainda está impressionado como o inferno que você tenha derrubado Stanton.

Eu sorri e me inclinei contra ela.

— Deus. Estou tão feliz que ele se foi.

— Eu também. O clima do comando também mudou muito.

— Você disse.

— Ainda tem muita babaquice, então vamos logo. — Ela beijou minha bochecha mais uma vez, depois me soltou. — Preciso de café antes de enfrentar qualquer um daqueles idiotas.

Eu sorri.

— Talvez devêssemos parar de ficar acordadas até tão tarde, então.

— Não, eu não disse isso. — Ela piscou. — Só preciso de um café para lidar com as consequências.

— Justo.

— Bom. Vamos lá.

— Tudo bem, estarei lá em um segundo.

Ela saiu do banheiro e eu olhei no espelho mais uma vez. Não, eu definitivamente não parecia nada com a garota que eu era um ano atrás. Os caras com quem trabalhei provavelmente não saberiam o que fazer com essa versão.

Bem, acho que eles descobririam.

Apaguei a luz e saí com Reese.

Minha licença maternidade acabou. Meu estuprador foi condenado e se fora.

Eu era policial de novo. Meu filho estava em boas mãos. Minha namorada ainda estava do meu lado.
E minha vida finalmente era minha novamente.

Fim

AGRADECIMENTOS



Este livro não teria sido possível sem vários oficiais de guerra e outros militares que responderam a minha lista aparentemente interminável de perguntas e pacientemente acompanharam-me pelos cenários hipotéticos que eventualmente se tornaram essa história. Vocês todos sabem quem são. Obrigada.



Lauren Gallagher é uma escritora de romances fora dos padrões que vive atualmente em Omaha, Nebraska. Acredita-se que ela e o marido, juntamente com um híbrido de coiote-iguana e dois gatos e meio, se escondam da máfia Polinésia e de um cobrador de dívidas em busca de uma multa por um livro em atraso da Biblioteca de Alexandria. Lauren continua, de maneira muito hábil, a se esconder de todos eles, mas continua a ter problemas com sua

Lauren continua a habilmente, ainda que um pouco desajeitadamente, iludi-los, mas continua a ter problemas com sua “inimiga”, a escritora de romances erótico gays L.A. Witt. Ela espera que isso mude, mas não acredita que isso possa se resolver tão cedo.

<http://www.loriawitt.com>
<http://gallagherwitt.blogspot.com>



NOTAS

1. Kim

- 1** MA – Mestre de Armas – Classificação da função do policial da Marinha dos Estados Unidos.
- 2** Leading Petty Officer - oficial subordinado ao chefe do posto na Marinha e que o comanda em sua ausência.

8. Reese

- 1** Código Uniforme de Justiça Militar
- 2** Termos relacionados a golfe, respectivamente a quantidade de tacadas usadas para se chegar ao buraco e um tipo de taco.
- 3** Don't Ask Don't Tell. – Não pergunte, não conte - Política das forças armadas americanas que impunha segredo sobre a sexualidade dos seus alistados.